

E. E. Evans-Pritchard

OS NUER

**UMA DESCRIÇÃO DO MODO DE SUBSISTÊNCIA E DAS
INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DE UM POVO NILOTA**

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900027092

E. E. Evans-Pritchard

OS NUER

**UMA DESCRIÇÃO DO MODO DE SUBSISTÊNCIA E DAS
INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DE UM POVO NILOTA**

SBD-FFLCH-USP



282730



Introdução



1

De 1840, quando Werne, Arnaud e Thibaut fizeram sua maldada viagem, até 1881, quando a revolta bem sucedida de Mahdi Muhammad Ahmed fechou o Sudão para mais explorações, vários viajantes penetraram na terra dos Nuer por um dos três grandes rios que a cortam: o Bahr el Jebel (com o Bahr el Zeraf), o Bahr el Ghazal e o Sobat. Entretanto, não pude me utilizar muito de seus escritos, pois o contato que eles tiveram com os Nuer foi ligeiro e as impressões que registraram foram superficiais e, algumas vezes, falsas. O relato mais acurado e menos pretencioso é o de Jules Poncet, caçador de elefantes natural da Savóia, que passou vários anos nas fronteiras das terras do Nuer¹.

Uma fonte posterior de informações sobre os Nuer são os *Sudan Intelligence Reports* que vão desde a reconquista do Sudão em 1899 até os dias de hoje, sendo que seu valor etnológico decresce em anos recentes. Nas primeiras duas décadas

1. Alguns dos escritos dos quais extrai informações são: FERDINAND WERNE, *Expedition zur Entdeckung der Quellen des Weissen Nil* (1840-1), 1848; HADJI-ABD-EL-HAMID BEY (C.L. DU COURET), *Voyage au Pays des Niam-Niams ou Hommes à Queue*, 1854; BRUN-ROLLET, *Le Nil Blanc et le Soudan*, 1855; G. LEJEAN, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 1860; JULES PONCET, *Le Fleuve Blanc* (Extrait des *Nouvelles Annales de Voyages*, 1863-4); Sr. e Sra. J. PETHERICK, *Travels in Central Africa*, 1869; ERNST

cadadas após a reconquista, existem uns poucos relatórios feitos por oficiais do exército que contém observações interessantes e, freqüentemente, argutas². A publicação de *Sudan Notes and Records*, começando em 1918, forneceu um novo meio para registrar observações sobre os costumes dos povos do Sudão anglo-egípcio, e vários oficiais com cargos políticos contribuíram com escritos sobre os Nuer. Dois desses oficiais foram mortos no desempenho do dever: o Major C.H. Stigand, pelos Aliab Dinka, em 1919, e o Capitão V.H. Fergusson, pelos Nuer Nuong, em 1927. No mesmo periódico apareceu a primeira tentativa, feita pelo Sr. H.C. Jackson, de escrever um relato amplo sobre os Nuer, e muito se deve a ele pela maneira em que a executou, apesar de sérios obstáculos³.

Depois de ter começado minhas pesquisas, foi publicado um livro da Sra. Ray Huffman, da Missão Americana, e alguns artigos do Padre J.P. Crazzolara, da Congregação de Verona⁴. Embora minhas contribuições para vários periódicos estejam reproduzidas, sob forma resumida, neste livro, ou serão reproduzidas em um volume posterior, faço aqui menção a elas a fim de que o leitor possa ter uma bibliografia completa. Omiti muitos detalhes que apareciam nesses artigos⁵.

Listas de algumas palavras nuer foram compiladas por Brun-Rollet e Marro. Vocabulários mais detalhados foram escritos pelo Major Stigand e Sra. Huffman, e gramáticas, pelo *und den angrenzenden Negerländern, in der Jahren 1869 bis 1873, 1874*. Outros são mencionados mais adiante, especialmente nas pp. 139-40 e 144.

2. Esses relatórios foram empregados pelo Ten.-Col. COUNT GLEICHEN em sua compilação: *The Anglo-Egyptian Sudan*, 2 vols., 1905.

3. Major C.H. STIGAND, *Warrior Classes of the Nuers, S.N. & R.*, pp. 116-18, 1918, e *The Story of Kir and the White Spear, ibid.*, pp. 224-6, 1919; Cap. V.H. FERGUSON, *The Nuong Nuer, ibid.*, pp. 146-55, 1921, e *Nuer Beast Tales, ibid.*, pp. 105-12, 1924, H.C. JACKSON, *The Nuer of the Upper Nile Province, ibid.*, pp. 59-107 e 123-89, 1923, (esse artigo foi reimpresso como livro, com o mesmo título, por El Hadara Printing Press, Khartoum, sem data, e continha um ensaio final de vinte e três páginas, de P. Cornat, sobre "The Gaweir Nuers").

4. RAY HUFFMAN, *Nuer Customs and Folklore*, 1931, 105 pp.; Pe. J.P. CRAZZOLARA, *Die Gar-Zeremonie bei den Nuer, Africa*, pp. 28-39, 1932, e *Die Bedeutung des Rindes bei den Nuer, ibid.*, pp. 300-20, 1934.

5. E.E. EVANS-PRITCHARD, *The Nuer, Tribe and Clan, S.N. & R.*, pp. 1-53, 1933, pp. 1-57, 1934, e pp. 37-87, 1935; The Nuer, Age-Sets, *ibid.*, pp. 233-69, 1936; Economic Life of the Nuer, *ibid.*, pp. 209-45, 1937, e pp. 31-77, 1938; Customs Relating to Twins among the Nilotic Nuer, *Uganda Journal*, pp. 230-8, 1936; "Daily Life of the Nuer in Dry Season Camps", *Customs is King, A Collection of Essays in Honour of R.R. Marett*, 1936, pp. 291-9; "Some Aspects of Marriage and the Family among the Nuer", *Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft*, 1938, pp. 306-92; Nuer Time-Reckoning, *Africa*, pp. 189-216, 1939. O capítulo sobre os Nuer (Cap. VI) de *Pagan Tribes*

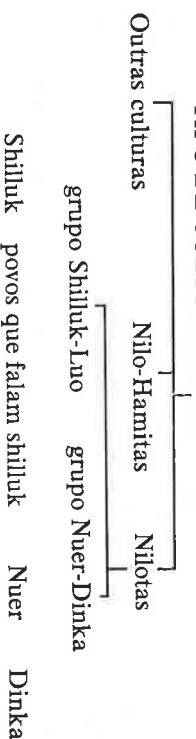
Prof. Westermann e Pe. Crazzolara. O artigo do Prof. Westermann contém também algum material etnológico⁶.

II

Descrevo neste volume a maneira pela qual um povo nilota obtém sua subsistência e suas instituições políticas. As informações que coligi sobre sua vida doméstica serão publicadas em um segundo volume.

Os Nuer⁷ que chamam a si mesmos de *Nath* (singular, *ren*), são aproximadamente duzentas mil almas e vivem nos pântanos e savanas planas que se estendem em ambos os lados do Nilo, ao sul de sua junção com o Sobat e o Bahr el Ghazal, e em ambas as margens desses dois tributários. São altos, de membros longos e cabeças estreitas, como se pode ver nas ilustrações. Culturalmente, assemelham-se aos Dinka, e os dois povos formam uma subdivisão do grupo nilota, que ocupa parte de uma área de cultura da África Oriental, cujas características e extensão encontram-se até o momento mal definidas. Uma segunda subdivisão nilota compreende os Shilluk e vários povos que falam línguas semelhantes ao shilluk (Luo, Annak, Lango, etc.). É provável que estes povos que falam shilluk sejam mais semelhantes entre si do que qualquer um deles em relação aos Shilluk, embora pouco se saiba ainda sobre a maioria deles. Uma classificação provisória pode ser apresentada da seguinte forma:

TIPO DE CULTURA DA ÁFRICA ORIENTAL



of the Nilotic Sudan, do Prof. C.G. e Sra. B.Z. Seligman, 1932, foi compilado de meus cadernos de notas.

6. BRUN-ROLLET, "Vocabularien der Dinka-, Nuehr- und Shilluk-Sprachen", *Petermann's Mittheilungen, Erg. II*, 1862-3, pp. 25-30; MARRO, "Kleine Vocabularien der Fung", *Tabi, Bertat- und Nuehr-Sprache*, *Reisen im Gebiete des blauen und weissen Nil*, 1874, pp. 481-95; Prof. DIEDRICH WESTERMANN, "The Nuer Language", *Mittheilungen des Seminars für Orientalische Sprachen*, 1912, pp. 84-141; Major C.H. STIGAND, *A Nuer-English Vocabulary*, 1923, 33 pp.; RAY HUFFMAN, *Nuer-English Dictionary*, 1929, 63 pp. e *English-Nuer Dictionary*, 1931, 80 pp.; Pe. J.P. CRAZZOLARA, *Outlines of a Nuer Grammar*, 1933, 218 pp.

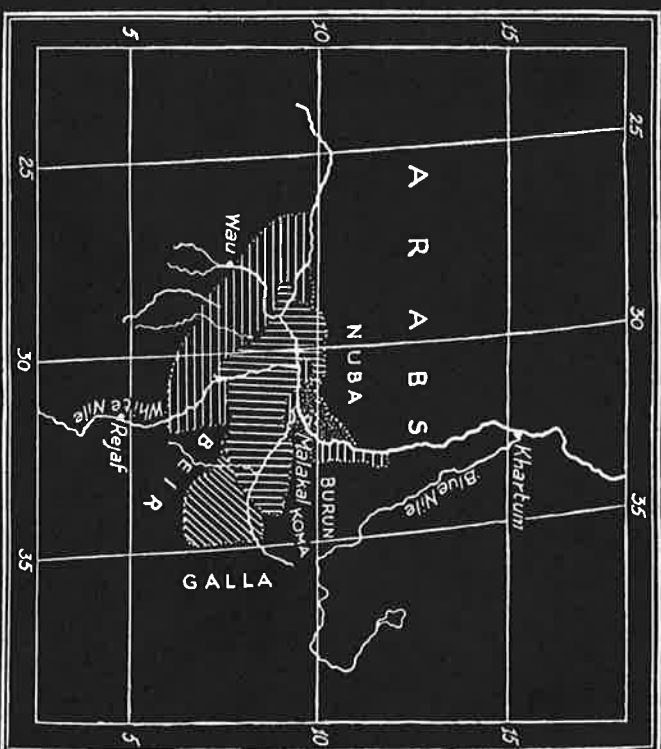
7. A palavra "nuer" foi sancionada por um século de uso. É provavelmente de origem dinka.

Os Nuer e os Dinka assemelham-se demais fisicamente, e suas línguas e costumes são por demais semelhantes para que sujam dúvidas quanto à sua origem comum, embora não se conheça a história de sua divergência. O problema é complicado: por exemplo, os Atwot, a oeste do Nilo, parecem ser uma tribo nuer que adotou muitos hábitos dinka, enquanto que se atribui às tribos jikany da terra dos Nuer uma origem dinka. Além do mais, tem havido um contato contínuo entre os dois povos, o qual resultou em muita miscigenação e empréstimos culturais. Ambos os povos reconhecem ter uma origem comum.

Quando possuímos maiores informações sobre alguns dos povos que falam shilluk, será possível afirmar quais são os caracteres que definem a cultura e a estrutura social nilota. No presente, tal classificação é extremamente difícil, e deixo a tentativa para mais tarde, dedicando este livro a um relato simples dos Nuer e deixando de lado as muitas comparações óbvias que poderiam ser feitas com outros povos nilotas.

As instituições políticas constituem seu tema principal, porém elas não podem ser compreendidas sem que se leve em conta o meio ambiente e os meios de subsistência. Por conseguinte, dedico a parte inicial do livro a uma descrição da região onde vivem os Nuer e de como eles provêm suas necessidades vitais. Será visto que o sistema político nuer é coerente com sua ecologia.

Os grupos de que mais se trata na parte final do livro são o povo, a tribo e seus segmentos, o clã e suas linhagens, e os conjuntos etários. Cada um desses grupos é, ou faz parte de, um sistema segmentário, em referência ao qual ele se define, e, conseqüentemente, o *status* de seus membros, ao agirem uns em relação aos outros e em relação a estranhos, é não-diferenciado. Tais afirmações serão elucidadas durante nossa investigação. Descrevemos, em primeiro lugar, o inter-relacionamento de segmentos territoriais dentro de um território, os sistemas políticos, e, depois, o relacionamento de outros sistemas sociais para aquele sistema. O que entendemos por estrutura política tornar-se-á evidente à medida que avançamos, mas podemos afirmar, como uma definição inicial, que nos referimos aos relacionamentos, dentro de um sistema territorial, entre grupos de pessoas que vivem em áreas bem definidas espacialmente e que



DINKA
NUER
SHILLUK
ANUAK

estão conscientes de sua identidade e exclusividade. Somente nas menores dentre tais comunidades é que seus membros estão em contato constante uns com os outros. Fazemos uma distinção entre esses grupos políticos e os grupos locais de tipo diverso, principalmente os grupos domésticos, a família, o lar e a família agrupada, que não são e não fazem parte de sistemas segmentários e nos quais o *status* dos membros, uns em relação aos outros e a terceiros, é diferenciado. Os laços sociais em grupos domésticos são fundamentalmente de ordem de parentesco, e a vida corporativa é normal.

O sistema político nuer inclui todos os povos com os quais eles têm contato. Por "povo", queremos dizer todas as pessoas que falam a mesma língua e que têm, sob outros aspectos, a mesma cultura e que se consideram diferentes de agregados semelhantes. Os Nuer, os Shilluk e os Anuak, ocupam, cada um, um território contínuo, porém um povo pode estar distribuído em áreas grandemente separadas, por exemplo, o Dinka. Quando um povo está, tal como o Shilluk, centralizado politicamente, podemos falar de uma "nação". Os Nuer e os Dinka, por outro lado, estão divididos em uma série de tribos que não possuem uma organização comum ou uma administração central, e pode-se dizer que esses povos constituem, em termos políticos, um amontoado de tribos, que algumas vezes formam federações pouco rígidas. Os Nuer fazem uma distinção entre as tribos que vivem na terra de origem a oeste do Nilo, daquelas que migraram para leste do mesmo. Acharmos conveniente fazer a mesma distinção e falar dos Nuer ocidentais e dos Nuer orientais. Os Nuer orientais podem ser ainda mais divididos, para finalidades de descrição, nas tribos que vivem perto do rio Zeraf e as que vivem ao norte e sul do rio Sobat.

O maior segmento político entre os Nuer é a tribo. Não existe grupo maior que, além de reconhecer-se a si mesmo como uma comunidade local diferenciada, afirme sua obrigação de unir-se na guerra contra estranhos e reconheça os direitos de seus membros ao ressarcimento dos danos. Uma tribo divide-se em uma série de segmentos territoriais e estes constituem mais do que meras divisões geográficas, pois os membros de cada um consideram-se a si mesmos como comunidades distintas e algumas vezes agem como tais. Denominamos os maiores segmentos tribais de "seções primárias", os segmentos de uma seção primária de "seções secundárias" e os segmentos de uma seção secundária de "seções terciárias". Uma seção tribal terciária consiste de uma série de aldeias, as quais constituem as menores unidades políticas da terra dos Nuer. Uma aldeia é

formada de grupos domésticos, que ocupam aldeolas, casas e choupanas.

Discutimos a instituição do feudo e o papel que nele desempenha o chefe em pele de leopardo em relação ao sistema político. A palavra "chefe" pode ser uma designação enganosa, mas é bastante vaga para ser mantida à falta de uma palavra mais adequada. Ele é uma pessoa sagrada sem autoridade política. Na verdade os Nuer não têm governo e seu estado pode ser descrito como uma anarquia ordenada. Da mesma forma, falta-lhes a lei, se tomarmos este termo no sentido de julgamentos feitos por uma autoridade independente e imparcial que tenha, também, poder para fazer cumprir suas decisões. Existem sinais de que ocorriam certas mudanças nesses aspectos, e, no final do capítulo sobre o sistema político, descrevemos o surgimento de profetas, pessoas que abrigam os espíritos dos deuses do Céu, e sugerimos que, nelas, podemos perceber os primórdios do desenvolvimento político. Chefes em pele de leopardo e profetas são os únicos especialistas rituais que, em nossa opinião, possuem alguma importância política.

Depois do exame da estrutura política, descrevemos o sistema de linhagem e discutimos o relacionamento entre os dois. As linhagens dos Nuer são agnáticas, isto é, consistem de pessoas que traçam sua ascendência exclusivamente através dos homens até um ancestral comum. O clã é o maior grupo de linhagens que pode ser definido tomando-se como referência as regras de exogamia, embora se reconheça um relacionamento agnático entre vários clãs. Um clã está segmentado em linhagens, que são ramos divergentes de descendência de um ancestral comum. Denominamos os segmentos maiores em que se divide um clã de "linhagens máximas", os segmentos de uma linhagem máxima de "linhagens maiores", e os segmentos de uma linhagem menor de "linhagens mínimas". A linhagem mínima é aquela normalmente mencionada por alguém quando se pergunta qual é sua linhagem. Uma linhagem é, assim, um grupo de agnatos, vivos ou mortos, entre os quais pode ser traçado um parentesco genealógico, e um clã é um sistema exogâmico de linhagens. Esses grupos de linhagem diferem dos grupos políticos pelo relacionamento de seus membros entre si, pois tal relacionamento baseia-se na ascendência e não na residência, pois as linhagens estão dispersas e não compõem comunidades locais exclusivas, e, também, pelos valores da linhagem, que freqüentemente operam numa gama de situações diversas dos valores políticos.

Depois de discutir o sistema linear em suas relações com a segmentação territorial, descrevemos sumariamente o sistema de

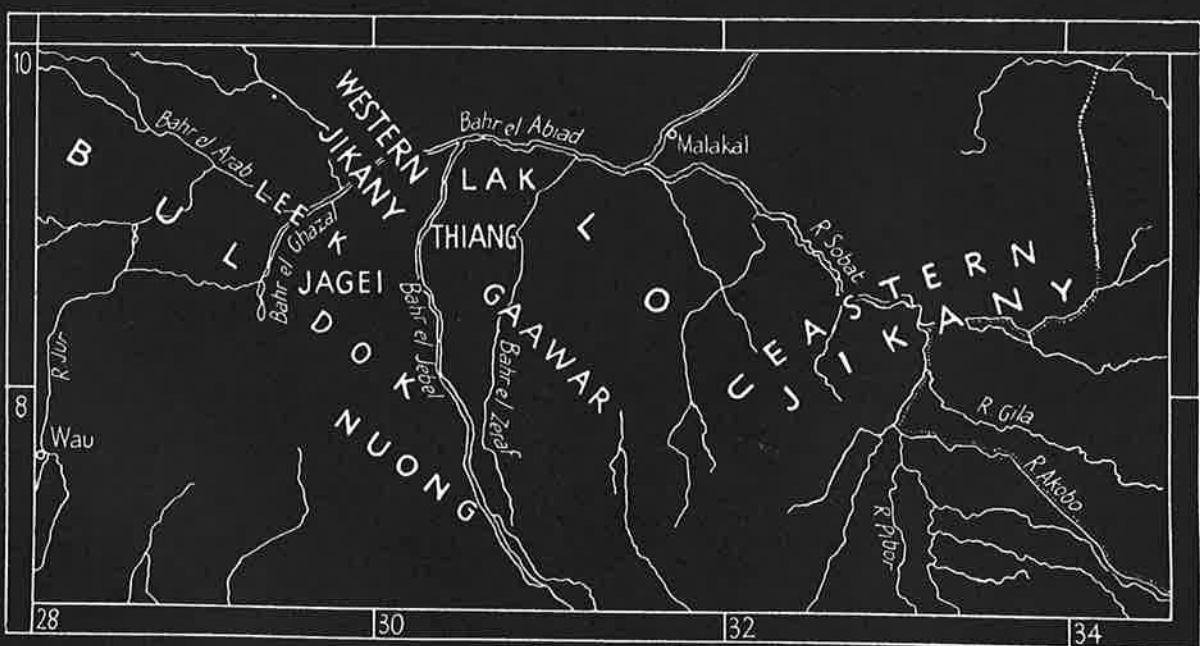
conjuntos etários. A população masculina adulta divide-se em grupos estratificados baseados na idade, e chamamos tais grupos de "conjuntos etários". Os membros de cada conjunto tornam-se tais pela iniciação e permanecem nele até a morte. Os conjuntos não formam um ciclo, mas um sistema progressivo, o conjunto mais moço passando por posições de idade relativa até que se torna o conjunto mais idoso, depois do que seus membros morrem e o conjunto transforma-se em lembrança, uma vez que seu nome não torna a ocorrer. A única gradação significativa é a de infância e idade adulta, de tal modo que, uma vez que um rapaz tenha sido iniciado dentro de um conjunto, ele permanece na mesma gradação etária pelo resto de sua vida. Não há gradações de guerreiros e anciãos como as que são encontradas em outras partes da África Oriental. Embora os conjuntos tenham consciência de sua identidade social, eles não possuem funções corporativas. Os membros de um conjunto podem agir conjuntamente em uma localidade pequena, mas o grupo inteiro jamais coopera exclusivamente em qualquer atividade. Não obstante, o sistema está organizado em termos de tribo e cada tribo está estratificada de acordo com a idade, independentemente de outras tribos, embora tribos adjacentes possam coordenar seus conjuntos etários.

Os Nuer, tal como outros povos, estão também diferenciados de acordo com o sexo. Essa dicotomia possui um significado muito limitado e negativo para as relações estruturais que formam o tema deste livro. Sua importância é mais doméstica do que política e presta-se pouca atenção a ela. Não se pode dizer que os Nuer estejam estratificados em classes. Dentro de uma tribo, existe uma pequena diferenciação de *status* entre os membros de um clã dominante, Nuer de outros clãs e Dinka que foram incorporados à tribo; porém, excetuando-se talvez a periferia da expansão dos Nuer para o leste, isso constitui mais uma distinção de categorias do que de posição.

Tal é, em suma, o plano deste livro, e tais são os significados que atribuímos às palavras usadas com maior frequência para descrever os grupos que são discutidos nele. Esperamos tornar essas definições mais apuradas no decorrer da investigação. A investigação dirige-se para dois objetivos: descrever a vida dos Nuer e expor alguns dos princípios de sua estrutura social. Procuramos dar um relato tão conciso quanto possível de sua vida, acreditando que um livro pequeno tem maior valor do que um grande para o estudante e o administrador, e, ao omitirmos muito do material, registramos apenas o que é significativo para o assunto limitado de discussão.

III

Quando o governo do Sudão anglo-egípcio me pediu para fazer um estudo dos Nuer, aceitei hesitante e apreensivo. Esta-



No mapa, a situação das tribos nuer maiores.

va ansioso para completar meu estudo sobre os Azande antes de empenhar-me em uma nova tarefa. Também sabia que um estudo dos Nuer seria extremamente difícil. Sua região e caráter são igualmente intratáveis e o pouco que eu tinha visto anteriormente deles convenceu-me de que não conseguiria estabelecer um relacionamento amistoso com eles.

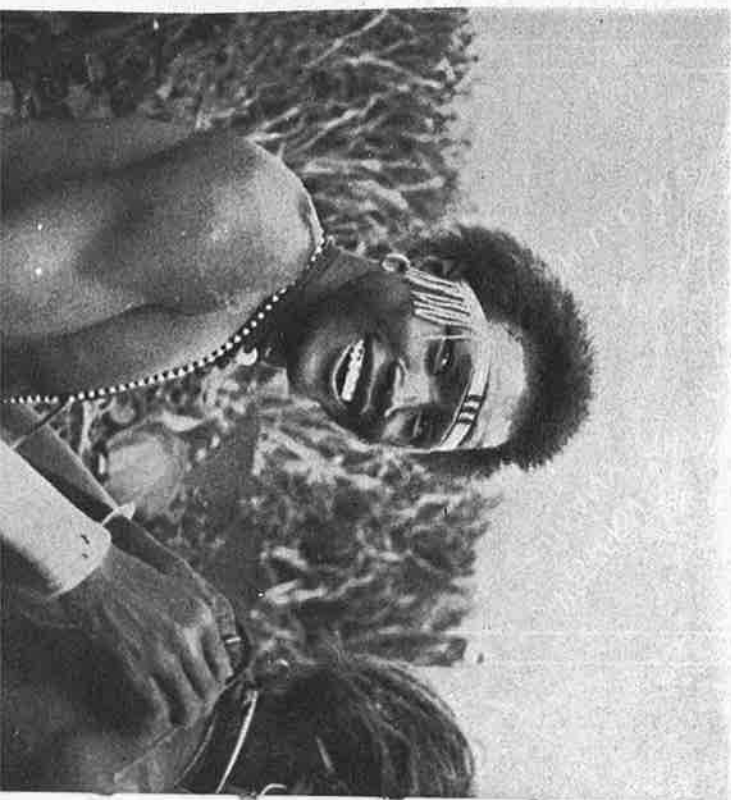
Sempre pensei, e ainda penso, que um estudo sociológico adequado dos Nuer era impossível nas circunstâncias em que a maior parte de meu trabalho era feito. O leitor deve julgar aquilo que realizei. Eu lhe pediria para não julgar com muito rigor, pois, se meu relato por vezes é insuficiente e desigual, eu argumentaria que a investigação foi realizada em circunstâncias desfavoráveis; que a organização social nuer é simples e sua cultura pobre; e que aquilo que descrevemos baseia-se quase que inteiramente na observação direta e não está acrescido de notas copiosas tomadas de informantes regulares, os quais, na verdade, não tinha. Ao contrário da maioria dos leitores, conheço os Nuer e devo julgar meu trabalho com maior severidade do que eles, e posso afirmar que, se este livro revela muitas insuficiências, estou espantado que ele tenha chegado a surgir. Um homem deve julgar suas obras pelos obstáculos que superou e as dificuldades que suportou, e, por tais padrões, não fico envergonhado dos resultados.

Pode ser que interesse aos leitores uma breve descrição das condições em que realizei meus estudos, pois assim ficarão em melhores condições de decidir quais afirmações provavelmente estão baseadas em observações sólidas e quais têm menos fundamento.

Cheguei à terra dos Nuer em princípios de 1930. O tempo tempestuoso impediu que minha bagagem me alcançasse em Marselha, e, devido a erros pelos quais não fui responsável, meus suprimentos de comida não me foram enviados de Malakal e meus empregados zande não receberam instruções de ir a meu encontro. Segui para a terra dos Nuer (região Leek) com minha barraca, algum equipamento e alguns suprimentos comprados em Malakal, e dois empregados, um atwot e um bellanda, escolhidos às pressas no mesmo lugar.

Quando cheguei a Yoahnyang⁹ no Bahr el Ghazal, os missionários católicos de lá foram muito bondosos comigo. Esperei nove dias às margens do rio pelos carregadores que me haviam prometido. Até o décimo dia, apenas quatro deles tinham chegado e, se não fosse pelo auxílio de um mercador

Um jovem (Gajok oriental)
colocando num amigo
um colar feito
de pêlo de girafa.



9. Aproveito esta oportunidade para informar aos leitores que não grabei nomes e palavras nuer de modo fonético coerente. Não tenho objeções, portanto, se alguém os escrever de modo diferente. Dei, em geral, a forma nominativa, mas algum genitivo ocasional infiltrou-se no texto, nos diagramas e mapas.

árabe, que recrutou algumas mulheres do local, eu poderia ter sido atrasado por um período indefinido.

Na manhã seguinte, parti para a aldeia vizinha de Pakur, onde meus carregadores jogaram a barraca e os suprimentos no centro de uma clareira plana, perto de algumas casas, e recusaram carregá-los até a sombra, cerca de meia milha mais adiante. O dia seguinte foi dedicado a erguer minha barraca e a tentar persuadir os Nuer, por intermédio de meu empregado atwot que falava nuer e um pouco de árabe, a mudarem minha moradia para perto da sombra e água, coisa que eles se recusaram a fazer. Felizmente, um jovem, Nhial, que desde então tem sido meu companheiro constante na terra dos Nuer, apegou-se a mim e, depois de doze dias, persuadiu seus compatriotas a carregarem minhas posses até os limites da floresta onde viviam.

Meus empregados, que, como a maioria dos nativos do Sudão meridional, tinham terror aos Nuer, estavam por essa época tão acostumados que, depois de várias noites em claro e com apreensão, escaparam para o rio a fim de esperar o próximo barco para Malakal, e eu fui abandonado com Nhial. Enquanto isso, os Nuer locais não me davam uma mão para nada e apenas me visitavam para pedir tabaco, expressando desagrado quando o mesmo lhes era negado. Quando caçava para alimentar a mim e aos empregados zande que tinham finalmente chegado, eles tomavam os animais e os comiam no mato, respondendo a meus protestos que, uma vez que os animais haviam sido mortos na terra deles, tinham direito ao mesmo.

Minha principal dificuldade, neste estágio inicial, era a falta de habilidade para conversar livremente com os Nuer. Eu não tinha intérprete. Nenhum dos Nuer falava árabe. Não havia uma gramática da língua que servisse e, exceto três breves vocabulários nuer-inglês, nenhum dicionário. Consequentemente, toda minha primeira expedição e grande parte da segunda foram ocupadas com tentativas de dominar suficientemente a língua para poder fazer investigações por meio dela, e somente quem tentou aprender uma língua muito difícil sem o auxílio de um intérprete e de uma orientação literária adequada será capaz de apreciar plenamente a magnitude da tarefa.

Depois de deixar a região Leek, fui com Nhial e meus dois empregados zande para a região Lou. Fomos de carro até *Muot dit*, pretendendo morar nas margens do lago, mas o encontro totalmente deserto, pois ainda era cedo demais para a concentração que ali ocorre todos os anos. Quando se podia encontrar algum Nuer, este se recusava a divulgar o paradeiro de acampamentos vizinhos e foi com consideráveis dificuldades que conseguimos localizar um. Erguemos nossas barracas ali e, quando os ocupantes se retiraram para *Muot dit*, nós os acomodamos.

Meus dias em *Muot dit* foram felizes e compensadores. Fiz amizade com muitos jovens nuer que procuraram ensinar-me sua língua e demonstrar-me que, embora fosse um estranho, eles não me consideravam detestável. Passava horas, todos os dias, pescando com esses rapazes no lago e conversando com eles em minha barraca. Comecei a sentir que minha confiança voltava e eu teria permanecido em *Muot dit* se a situação política tivesse sido mais favorável. Uma força governamental cercou nosso acampamento uma manhã, ao nascer do sol, procurou dois profetas que tinham sido os líderes em uma revolta recente, fez reféns e ameaçou levar muitos mais se os profetas não fossem entregues. Senti-me em uma posição equívoca, uma vez que tais incidentes poderiam tornar a ocorrer, e logo depois voltei para minha casa na terra dos zande, tendo executado um trabalho de apenas três meses e meio entre os Nuer.

Seria difícil, em qualquer época, fazer pesquisas entre os Nuer, e, no período de minha visita, eles estavam extraordinariamente hostis, pois sua recente derrota pelas forças governamentais e as medidas tomadas para garantir sua submissão final tinham provocado profundos ressentimentos. Frequentemente, os Nuer têm-me dito: "Vocês nos atacam, e contudo dizem que não podemos atacar os Dinka", "Vocês nos derrotaram com armas de fogo e nós tínhamos somente lanças. Se tivéssemos armas de fogo, nós teríamos expulsado vocês", e assim por diante. Quando eu entrava em um campo de criação de gado, fazia-o não somente na qualidade de estrangeiro, como também na qualidade de inimigo, e eles pouco esforço faziam para distorcer a aversão à minha presença, recusando-se a responder a minhas saudações e chegando mesmo a dar-me as costas quando me dirigia a eles.

No final da visita que fiz em 1930 à terra dos Nuer, eu havia aprendido um pouco da língua, mas tinha notas muito superficiais sobre seus costumes. Durante a estação da seca em 1931, voltei para fazer nova tentativa, passando primeiro duas semanas na Missão Americana em Nasser, onde fui ajudado generosamente pelos funcionários americanos e nuer, e indo, depois, para acampamentos de gado no rio Nyanding — uma escotilha infeliz, pois os Nuer de lá eram mais hostis do que aqueles que até então eu havia encontrado, e as condições eram mais duras do que quaisquer outras que eu havia até então enfrentado. A água era escassa e suja, o gado estava morrendo de peste bovina e os acampamentos abundavam em moscas. Os Nuer recusavam-se a carregar meus suprimentos e equipamento, e, como tinha apenas duas mulas, uma delas manca, era impossível mudar de lugar. Afinal consegui obter um caminho e desvencilhar-me, mas não antes de sentir o Nuer em seu estado de espírito mais paralisante. Como se fazia todo gênero de esforço

para impedir minha entrada nos acampamentos de criação de gado e raramente tinha visitantes, estava quase que totalmente isolado de qualquer comunicação com o povo. Minhas tentativas de prosseguir na pesquisa eram persistentemente impedidas.

Os Nuer são peritos em sabotar uma investigação e, enquanto não se morou com eles por algumas semanas, ridicularizam firmemente todos os esforços para extrair os fatos mais corriqueiros e para elucidar as práticas mais inocentes. Na terra dos zande, obtive mais informações em alguns dias do que obtive na terra dos Nuer em igual número de semanas. Depois de algum tempo, as pessoas estavam preparadas para me visitar em minha barraca, fumar meu tabaco e mesmo fazer brincadeiras e bater papo, mas não estavam dispostas nem a me receber em seus abrigos contra o vento, nem a discutir assuntos sérios. Perguntas sobre costumes eram bloqueadas com uma técnica que posso recomendar aos nativos que são incomodados pela curiosidade dos etnólogos. A seguinte amostra dos métodos nuer é o começo de uma conversa, no rio Nyanding, sobre um assunto que pode ser um tanto obscuro, mas que, com boa vontade de cooperar, pode logo ser elucidado.

Eu: Quem é você?

Cuol: Um homem.

Eu: Como é seu nome?

Cuol: Você quer saber meu nome?

Eu: Sim.

Cuol: Você quer saber meu nome?

Eu: Sim, você veio me visitar em minha barraca e eu gostaria de saber quem é você.

Cuol: Está certo. Eu sou Cuol. Como é seu nome?

Eu: Meu nome é Pritchard.

Cuol: Como é o nome de seu pai?

Eu: O nome de meu pai também é Pritchard.

Cuol: Não, não pode ser verdade. Você não pode ter o mesmo nome que seu pai.

Eu: É o nome de minha linhagem. Como é o nome de sua linhagem?

Cuol: Você quer saber o nome de minha linhagem?

Eu: Sim.

Cuol: O que você vai fazer com ele se eu disser? Você vai levá-lo para seu país?

Eu: Eu não quero fazer nada com ele. Eu só quero saber, já que estou vivendo no seu acampamento.

Cuol: Ah bom, nós somos lou.

Eu: Eu não perguntei o nome de sua tribo. Isso eu já sei. Eu estou perguntando o nome de sua linhagem.

Cuol: Por que você quer saber o nome de minha linhagem?

Eu: Eu não quero saber.

Cuol: Então por que está me perguntando? Dê-me um pouco de tabaco.

Desafio o mais paciente dos etnólogos a abrir caminho face a esse tipo de oposição. A gente fica maluco com ela. De fato, depois de algumas semanas de manter relacionamento unicamente com os Nuer, a gente exibe, se for permitido o trocadilho, os sintomas mais evidentes de "nuerose".

De Nyanding, mudei-me, ainda sem ter feito qualquer progresso concreto, para um acampamento de gado em Yakwac no rio Sobat, onde ergui minha barraca a alguns metros de distância das proteções contra o vento. Ali permaneci, salvo um pequeno intervalo de tempo gasto na Missão Americana, por mais de três meses — até o começo das chuvas. Depois das dificuldades iniciais habituais, finalmente comecei a sentir-me membro de uma comunidade e a ser aceito como tal, especialmente depois de adquirir algumas cabeças de gado. Quando os ocupantes do acampamento em Yakwac voltaram para sua aldeia no interior, eu não tive meios para acompanhá-los e pretendia visitar novamente a região Leek. Em vez disso, um forte ataque de malária enviou-me para o hospital em Malakal e, daí, para a Inglaterra. Um trabalho de cinco meses e meio foi realizado nessa segunda expedição.

Durante o exercício de um cargo seguinte no Egito, publiquei, em *Sudan Notes and Records*, ensaios que formam a base deste livro, pois não esperava ter mais oportunidades para visitar os Nuer. Entretanto, em 1935, foi-me concedida uma bolsa para pesquisa de dois anos pelos curadores Leverhulme, a fim de fazer um estudo intensivo dos Pagan Galla da Etiópia. Com a demora provocada pela chicana diplomática, fiquei dois meses e meio na fronteira do Sudão com a Etiópia, fazendo um levantamento sobre os Annuak orientais, e quando, finalmente, entrei na Etiópia, a iminência da invasão italiana forçou-me a abandonar meus estudos sobre os Galla e permiti-me ir adiante em minha investigação sobre os Nuer, durante uma estadia de mais sete semanas em sua região, fazendo uma revisão das notas tomadas antes e coletando mais material. Visitei os Nuer que vivem no rio Pibor, reví meus amigos da Missão em Nasser e em Yakwac, e fiquei por aproximadamente um mês entre os Jikany orientais na embocadura do Nyanding.

Em 1936, depois de fazer um levantamento dos Luo nilotas do Quênia, fiquei umas sete semanas finais na terra dos Nuer, visitando a parte dela que fica a oeste do Nilo, especialmente a seção *karlual* da tribo leek. O tempo total que residi entre os Nuer foi, portanto, cerca de um ano. Não creio que um ano seja um período de tempo adequado para fazer um estudo sociológico de um povo, especialmente de um povo difícil em circunstâncias desfavoráveis, mas doenças sérias, tanto na

expedição de 1935, quanto na de 1936, encerraram as investigações prematuramente.

Além do desconforto material a toda hora, da desconfiança e resistência obstinada que encontrei nos estágios iniciais da pesquisa, da falta de um intérprete, falta de uma gramática e dicionário adequados e falta em obter os informantes usuais, surgiu uma outra dificuldade à medida que a pesquisa prosseguia. Ao mesmo tempo em que me tornava mais amigo dos Nuer e que me sentia mais à vontade com sua língua, eles me visitavam desde manhã cedo até tarde da noite, e facilmente passava algum momento do dia sem homens, mulheres e crianças em minha barraca. No instante em que eu começava a discutir algum costume com alguém, outro interrompia a conversa com um assunto de interesse dele ou com uma troca de gentilezas e brincadeiras. Os homens vinham na hora da ordenha e alguns deles ficavam até meio-dia. Então as moças, que tinham acabado o trabalho com o leite, chegavam e insistiam em ter atenção. Mulheres casadas eram visitantes menos frequentes, porém geralmente havia meninos sob o abrigo de minha barraca se não havia adultos para mandá-los embora. Essas visitas interrompíveis acarretavam constantes pilhérias e interrupções e, embora oferecessem oportunidades para melhorar meus conhecimentos da língua nuer, constituíam uma forte tensão. Não obstante, se se escolhe morar em um acampamento nuer, é preciso submeter-se ao costume nuer, e eles são visitantes persistentes e infatigáveis. A principal provação era a publicidade a que todas as minhas ações estavam expostas, e levou bastante tempo até acostumar-me, embora jamais chegasse a ficar insensível, a executar as ações mais íntimas perante uma audiência ou em plena vista do acampamento.

Uma vez que minha barraca estava sempre no meio de casas ou abrigos contra o vento e que minhas investigações tinham de ser feitas em público, poucas vezes pude ter conversas confidenciais e jamais consegui treinar informantes capazes de ditar textos e fornecerem descrições e comentários detalhados. Esse fracasso foi compensado pela intimidade que fui forçado a ter com os Nuer. Já que não podia empregar o método mais fácil e mais rápido de trabalhar por meio de informantes regulares, tinha de voltar à observação direta e à participação na vida quotidiana das pessoas. Da porta de minha barraca, podia ver o que acontecia no acampamento ou aldeia e todo o tempo era gasto na companhia dos Nuer. A informação foi, assim, reunida em partículas sendo cada Nuer que encontrava usado como fonte de conhecimento, e não em grandes quantidades fornecidas por informantes selecionados e treinados. Devido a ter de viver em contato tão íntimo com os Nuer, conheci-os de modo mais íntimo do que os Azande, sobre os quais posso escrever um relato muito mais detalhado. Os Azande não me permitiram

viver como um deles; os Nuer não me permitiram viver de outro modo que não o deles. Entre os Azande, fui forçado a viver fora da comunidade; entre os Nuer, fui forçado a ser membro dela. Os Azande trataram-me como um ser superior; os Nuer, como um igual.

Não tenho grandes pretensões. Acredito ter compreendido os principais valores dos Nuer e sou capaz de apresentar um esboço verdadeiro de sua estrutura social, mas considero, e planejei, este volume, como uma contribuição para a etnologia de uma área determinada, mais do que um estudo sociológico detalhado, e ficarei satisfeito se for aceito nessa qualidade. Existe muito que deixei de ver ou investigar e há, portanto, muitas oportunidades para que outros façam investigações no mesmo campo e entre povos vizinhos. Espero que o façam e que um dia possamos ter um registro bastante completo dos sistemas sociais nilotas.

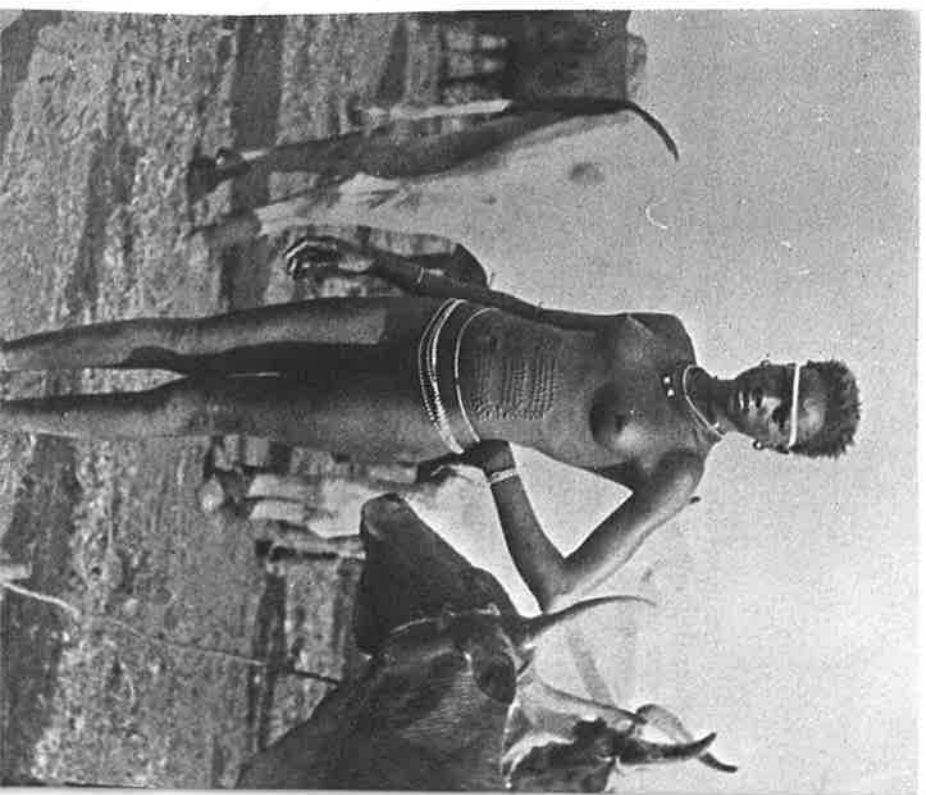
1. Interesse pelo Gado

I

Um povo cuja cultura material é tão simples quanto a do Nuer depende grandemente do meio ambiente. São eminentemente pastoris, embora cultivem mais sorgo e milho do que se supõe normalmente. Algumas tribos cultivam mais, outras menos, de acordo com as condições do solo, com a água à flor da terra e com sua riqueza em gado, mas todas elas consideram a horticultura como um pesado encargo que lhes é imposto pela pobreza do rebanho, pois, no fundo, eles são boiadeiros, e o único trabalho em que têm prazer é no cuidar do gado. Eles não só dependem do gado para prover muitas das necessidades vitais, mas possuem o modo de encerrar o mundo de um boiadeiro. O gado é seu bem mais prezado e eles arriscam suas vidas de boa vontade para defender seus rebanhos ou pilhar os de seus vizinhos. A maioria de suas atividades sociais diz respeito ao gado e *cherchez la vache* é o melhor conselho que pode ser dado àqueles que desejam compreender o comportamento nuer¹.

A atitude do Nuer e seu relacionamento com povos vizinhos são influenciados pelo amor ao gado e pelo desejo de adquiri-lo. Eles nutrem profundo desprezo por povos com pouco ou nenhum gado, como os Anuak, enquanto que as guerras contra as tribos dinka têm objetivado tomar o gado e o controle dos

1. O interesse que os Nuer têm pelo gado foi realçado pelos primeiros visitantes a sua região. Vide MARNO, *op. cit.*, p. 343; WERNER *op. cit.*, p. 430.



pastos. Cada tribo nuer e cada seção tribal possui seus próprios pastos e reservas de água, e a cisão política relaciona-se intimamente com a distribuição desses recursos naturais, cuja propriedade geralmente vem expressada em termos de clãs e linhagens. Os atritos entre seções tribais com grande frequência giram em torno do gado, e o gado constitui o ressarcimento pela perda da vida ou de membros, frequentemente, resultado daqueles atritos. Os chefes da pele de leopardo e os profetas são árbitros nas disputas sobre gado ou agentes rituais em situações que exigem o sacrifício de bois ou carneiros. Outro especialista em rituais é o *wut ghok*, o Homem do Gado. Da mesma forma, ao falarmos de conjuntos e gradações etários, deparamo-nos descrevendo as relações dos homens com o gado, pois a mudança da infância para a idade adulta é marcada de maneira nítida por uma mudança correspondente nessas relações, mudança que ocorre na iniciação.

Pequenos grupos locais pastoreiam seu gado em comum e defendem conjuntamente suas casas e rebanhos. Sua solidariedade torna-se mais evidente na estação da seca, quando moram num círculo formado por abrigos contra o vento em torno de um curral comum, mas também pode ser visto em seu isolamento durante a estação das chuvas. Uma única família ou agrupamento doméstico não pode proteger e cuidar sozinho do gado e a coesão dos grupos territoriais deve ser examinada à luz desse fato.

A malha de laços de parentesco que liga os membros das comunidades locais é causada pela eficácia de regras exogâmicas, frequentemente colocadas em função do gado. A união do matrimônio é realizada através do pagamento em gado e todas as fases do ritual são marcadas pela transferência ou sacrifício do mesmo. O *status* legal dos cônjuges e dos filhos é determinado por direitos e obrigações sobre o gado.

O gado é propriedade das famílias. Enquanto o chefe da família estiver vivo, ele tem plenos direitos de dispor do gado, embora suas esposas tenham direitos de uso sobre as vacas e seus filhos possuam alguns bois. À medida que cada filho, por ordem de idade, atinge a idade matrimonial, ele se casa, retirando vacas do rebanho. O filho seguinte terá de esperar até que o rebanho atinja sua força inicial para que possa, por sua vez, casar-se. Quando o chefe da família morre, o rebanho ainda continua como o centro da vida familiar e os Nuer desaprovam vivamente o fato de desmanchá-lo, pelo menos até que todos os filhos estejam casados, pois é um rebanho comum, no qual todos possuem direitos iguais. Quando os filhos se casam, eles, suas mulheres e filhos geralmente vivem em casas adjacentes. Na primeira parte da estação seca, pode-se ver uma família des-

te tipo reunida, vivendo num círculo de abrigos contra o vento em torno de um curral comum e, nos acampamentos grandes, formados mais tarde, pode-se encontrá-las ocupando uma seção distinta nas fileiras dos abrigos contra o vento. O vínculo de gado entre irmãos continua por longo tempo depois que cada um tem sua casa e seus filhos, pois quando a filha de qualquer um deles se casa, os demais recebem uma grande parte de seu dote. Os avós dela, os tios por parte de mãe, as tias por parte de pai e mãe, e mesmo parentes mais distantes, também recebem uma parcela. O parentesco é definido costumeiramente através de referências a esses pagamentos, estando mais nítido por ocasião do casamento, quando os movimentos de gado de *kraal* para *kraal* equivalem a linhas de uma árvore genealógica. É também enfatizado pela divisão da carne do sacrifício entre parentes agnatos e cognatos.

A importância do gado na vida e pensamento nuer é ainda mais exemplificada nos nomes próprios. Os homens são freqüentemente chamados por nomes que dizem respeito à forma e cor de seus bois favoritos, e as mulheres recebem nome dos bois e das vacas que elas ordenham. Mesmo meninos pequenos chamam-se uns aos outros por nomes de bois quando estão brincando nos pastos, sendo que uma criança normalmente recebe o nome da cria da vaca que ela e sua mãe ordenham. É freqüente um homem receber o nome de um boi ou de uma vaca quando nasce. Algumas vezes o nome de um homem que é legado à posteridade é o nome-de-gado e não o nome que recebeu ao nascer. Portanto, uma genealogia nuer pode parecer o inventário de um *kraal*. A identificação lingüística de um homem com seu boi predileto não pode deixar de afetar sua atitude para com o animal, e, para os europeus, esse costume constitui a prova mais notável da mentalidade pastoril dos Nuer.

Uma vez que o gado constitui o bem mais prezado dos Nuer, sendo uma fonte de alimentos essencial e a posse social mais importante, é fácil compreender a razão pela qual ele desempenha um papel de destaque no ritual. Um homem trava contato com os fantasmas e espíritos através de seu gado. Se se puder conseguir a história de cada vaca de um *kraal*, conseguem-se, ao mesmo tempo, não somente um relato de todos os vínculos de parentesco e afinidades dos proprietários, mas também todas as suas conexões místicas. As vacas são dedicadas aos espíritos das linhagens do proprietário e de sua mulher e a qualquer espírito pessoal que tenha, em qualquer tempo, se aposado de um deles. Outros animais são dedicados aos espíritos dos mortos. Esfregando cinzas no lombo de uma vaca ou boi, pode-se entrar em contato com o espírito ou fantasma associado a ele e pedir sua assistência. Outra maneira de comunicar-se com os mortos e com os espíritos é através do sacrifício, e ne-

nhuma cerimônia nuer está completa sem o sacrifício de um carneiro, bode ou boi.

Pudemos ver, num exame rápido de algumas instituições e costumes nuer, que a maior parte de seu comportamento social se relaciona diretamente com seu gado. Um estudo mais completo de sua cultura mostraria em toda parte o mesmo interesse dominante pelo gado; por exemplo, um estudo de seu folclore. Eles estão sempre falando de seus animais. Algumas vezes eu me desesperava porque jamais discutia qualquer coisa com os jovens que não fosse gado e moças, e mesmo o assunto moças levava inevitavelmente ao assunto gado. Qualquer assunto que começasse, e de qualquer ângulo que o abordasse, logo estávamos falando de vacas e bois, vitelas e novilhos, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, bezeros e ovelhas e cabritos. Já mencioniei que esta obsessão — pois é isso que parece para um estranho — deve-se não somente ao grande valor econômico do gado, mas também ao fato de que ele constitui o vínculo de numerosos relacionamentos sociais. Os Nuer têm tendências para definir todos os processos e relacionamentos sociais em função do gado. Seu idioma social é um idioma bovino.

Consequentemente, aquele que vive entre os Nuer e de-seja compreender sua vida social, deve primeiro dominar um vocabulário referente ao gado e à vida dos rebanhos. As complicadas discussões, tais como as que ocorrem nas negociações do matrimônio, em situações rituais e nas disputas legais, somente podem ser acompanhadas quando se consegue compreender a difícil terminologia bovina de cores, idades, sexos e assim por diante.

Embora as atividades hortícolas e pesqueiras sejam importantes na economia nuer, as atividades pastoris têm precedência porque o gado não somente possui utilidade para a nutrição, mas também possui um valor social genérico sob outros aspectos. Mencionei algumas situações em que esse valor é manifestado, porém não registrei todos os papéis que o gado desempenha na cultura nuer, pois ele é significativo em muitos processos sociais, inclusive alguns que mencionei, que se encontram fora do alcance limitado deste livro. Pareceu-me necessário fornecer um esboço introdutório ao longo dessas linhas a fim de que o leitor pudesse compreender que a dedicação nuer à arte do pastoreio é inspirada por uma gama de interesses muito mais ampla do que a simples necessidade de alimentos, e porque o gado é um valor dominante em suas vidas. Mais adiante iremos perguntar como esse valor está relacionado com as condições do meio ambiente e até que ponto os dois, tomados em conjunto, ajudam-nos a explicar algumas características da estrutura política nuer.

II

Antes do século atual, os Nuer eram muito mais ricos em gado do que são hoje e é provável que cultivassem menos sorgo. Seu rebanho foi prejudicado por repetidos surtos de peste bovina, que ainda dizima os rebanhos. É provável que ela tenha sido mais destruída no passado do que agora, embora os surtos que presenciei tenham sido fortes; mas, no passado, os belicosos Nuer sempre podiam restituir suas perdas atacando os Dinka. Todos os Nuer estão de acordo em que, na última geração, seus rebanhos eram mais consideráveis e que os pagamentos por ocasião de casamentos ou derramamentos de sangue eram quarenta, e algumas vezes cinquenta a sessenta cabeças de gado, enquanto que hoje os parentes de uma noiva não esperam receber mais do que vinte a trinta. Eu diria que, no momento, baseado em uma impressão genérica, os Nuer são muito mais ricos em gado do que os Shilluk, mas não tão prósperos quanto as mais favorecidas tribos dinka.

Foi difícil fazer um recenseamento do gado, mesmo em uma área pequena, e os Nuer por certo teriam encarado tal tentativa com repugnância. Baseado nas poucas estimativas, calculo uma média de dez cabeças de gado e cinco bodes e carneiros por estábulo. Um estábulo de tamanho normal não pode abrigar mais do que umas doze vacas. Como há umas oito pessoas para cada estábulo, o gado provavelmente não excede muito a população humana. As vacas predominam e provavelmente compõem cerca de dois terços dos rebanhos. Muitas ilustrações deste livro mostram a aparência do gado nuer. Os Nuer dizem que uma corcova muito grande demonstra uma origem beir e que chifres muito longos são evidência de gado dinka.

Algumas tribos são mais ricas em gado do que outras. A região Lou é considerada especialmente adequada para criar gado e tem renome por seus grandes rebanhos. Os Jikany orientais foram, numa época, muito ricos em gado, mas seus rebanhos ainda estão-se recuperando das perdas em epidemias que forçaram o povo a cultivar com maior intensidade. O gado encontrado-se distribuído igualmente em toda parte. Difícilmente alguém não possui nenhum, e ninguém é muito rico. Embora o gado constitua uma forma de riqueza que pode ser acumulada, um homem jamais possui mais animais do que seu estábulo pode abrigar, porque, no momento em que seu rebanho é bastante grande, ele ou alguém de sua família contrai matrimônio. O rebanho é, assim, reduzido a dois ou três animais e os anos seguintes são gastos em reparar suas perdas. Todo lar passa por esses períodos alternados de pobreza e relativa riqueza. Casamentos e epidemias impedem a acumulação do gado e não existe

disparidade na riqueza para ofender o sentimento democrático do povo.

Quando examinarmos o sistema político nuer, deveremos ter em mente que, até anos recentes, eles provavelmente foram exclusivamente pastores e mais nômades do que no presente e que o definhamento de seus rebanhos pode explicar parcialmente sua agressividade persistente.

III

Embora o gado tenha muitos usos, ele é útil principalmente pelo leite que fornece. Leite e sorgo constituem os principais alimentos dos Nuer. Em alguns lugares de sua região, especialmente entre os Lou, é difícil que as reservas de sorgo durem o ano todo e, quando se esgotam, as pessoas passam a depender do leite e da pesca. Em tais ocasiões, pode ser que uma família seja sustentada pelo leite de uma única vaca. Em toda parte a safra de sorgo é incerta, e são mais ou menos frequentes os períodos de escassez, quando as pessoas dependem de peixe, raízes selvagens, frutas e sementes, mas principalmente do leite de seus rebanhos. Mesmo quando o sorgo é abundante, poucas vezes ele é ingerido sozinho, pois, sem leite, soro de leite ou queijo líquido, os Nuer o acham pesado, sem gosto e, especialmente para as crianças, indigesto. Eles consideram o leite essencial para as crianças, acreditando que estas não podem estar bem e felizes sem ele, e as necessidades das crianças sempre são as primeiras a serem satisfeitas, mesmo que, como acontece em tempos de escassez, os mais velhos tenham de passar privações. Aos olhos dos Nuer, a situação mais feliz é aquela em que uma família possui várias vacas que dão leite, pois então as crianças estão bem alimentadas e existe uma sobra que pode ser dedicada à fabricação de queijo e a ajudar os compatriotas e acolher hóspedes. Um agrupamento doméstico em geral consegue obter leite para suas crianças pequenas porque um compatriota lhe empresta uma vaca que fornece leite ou lhe dá parte de seu leite, se ele não possui nenhuma. Essa obrigação de parentesco é reconhecida por todos e executada com generosidade, porque se reconhece que as necessidades das crianças constituem assunto que diz respeito aos vizinhos e parentes, e não somente aos pais. Ocasionalmente, contudo, depois de uma epidemia ou, em menor grau, depois que dois ou três jovens do grupo casaram-se, toda uma aldeola ou mesmo uma aldeia inteira pode passar por escassez. Algumas vezes, também, a escassez é provocada pela tendência das vacas de uma aldeia de parar de dar leite mais ou menos ao mesmo tempo.

Os Nuer valorizam suas vacas segundo a quantidade de leite que elas fornecem e eles conhecem os méritos de cada uma

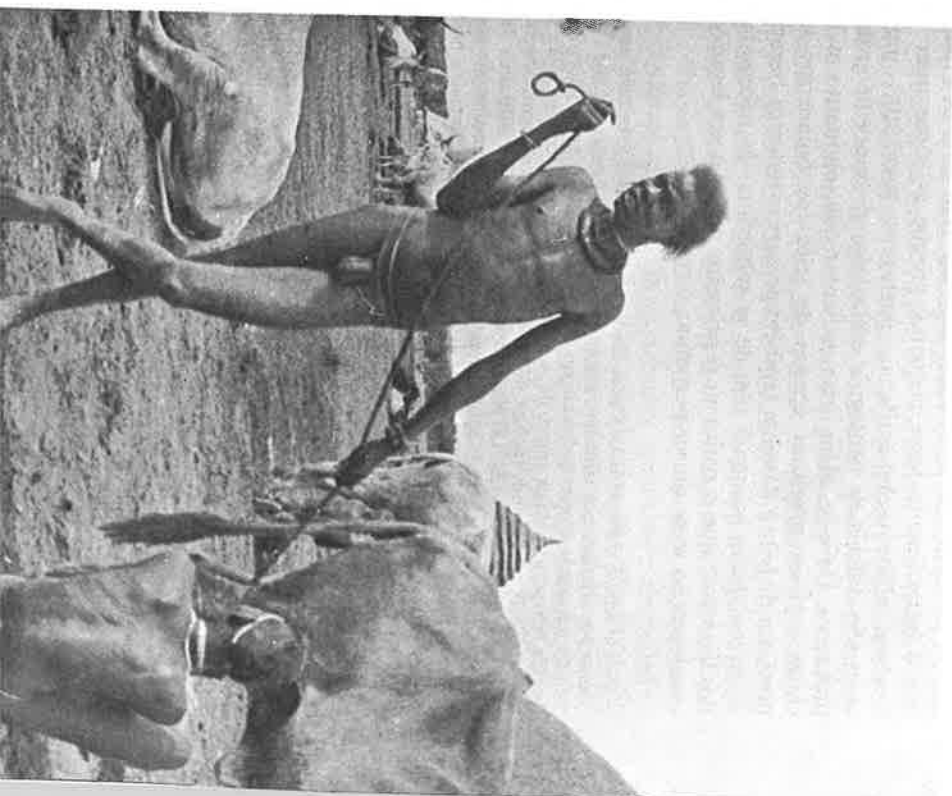
a esse respeito. Os bezeros de uma boa vaca leiteira são mais apreciados do que os de uma vaca que dá pouco leite. Para eles, uma vaca jamais é simplesmente uma vaca, mas é sempre uma boa vaca ou uma vaca ruim, e o Nuer a quem é devida uma vaca não aceitará em pagamento da dívida uma que não tenha sua aprovação. Se se perguntar a um Nuer em um acampamento de gado quais são as melhores e as piores vacas do rebanho, ele pode dizer imediatamente. Ao julgar os méritos delas, ele presta pouca atenção às qualidades estéticas que lhe agradam em um boi, especialmente à gordura, cor e formato dos chifres, mas seleciona as que indicam uma boa vaca leiteira: um lombo amplo e solto, ossos dos quadris proeminentes, grandes veias mamárias, e um úbere cheio de rugas. Ao julgar a idade de uma vaca, ele observa a profundidade dos sulcos que correm em ambos os lados da garupa para a cauda, o número e o poder de corte dos dentes, a firmeza do andar e o número de anéis dos chifres. As vacas Nuer possuem as características familiares de angulosidade e da pouca carne que tem o rebanho leiteiro.

A ordenha é feita duas vezes ao dia pelas mulheres, moças e meninos não iniciados. Os homens estão proibidos de ordenhar vacas, a menos que, tal como ocorre em viagens ou expedições de caça, não haja mulheres ou meninos presentes. A pessoa que ordenha acocora-se ao lado da vaca e ordenha uma única teia de cada vez, para dentro da boca estreita de uma cabça com gargalo, que equilibra nas coxas (ver IIs: III e V). Ela ordenha com o polegar e o indicador, porém, uma vez que os demais dedos estão fechados, a teia é até certo ponto pressionada contra toda a mão. É um movimento tanto de apertar, quanto de puxar. A cabça fica em posição graças ao movimento descendente das mãos que a empurram contra as coxas. Quando se usa um pote ou uma cabça de boca maior, esta é segurada entre os joelhos e a pessoa que ordenha aperta duas tetas ao mesmo tempo. Por vezes, vê-se duas meninas ordenhando uma vaca, uma de cada lado. Se a vaca está inquieta, um homem pode segurá-la firme, colocando a mão em sua boca e apertando seu focinho, e, se ela dá cotices, passa-se um aro por suas patas traseiras e estas são juntadas (ver II. III). Disseram-me que algumas vezes colocam um anel no nariz de uma vaca que normalmente fica agitada durante a ordenha.

O processo de aleitamento é o seguinte: o bezerro é solto e, com a corda em volta do pescoço, corre imediatamente para sua mãe e começa a bater violentamente contra seu úbere. Isso faz com que o leite comece a fluir, e os Nuer sustentam que se o bezerro não fosse o primeiro a mamar a vaca reteria seu leite. Eles não batem no úbere com as mãos a menos que o bezerro tenha morrido, pois consideram que isso é ruim para a vaca. Quando o bezerro mamou um pouco, é arrastado para longe, resistindo teimosamente, amarrado à cavilha de sua mãe, onde ele se esfrega em suas patas dianteiras e ela o lambe. A menina agora ordenha o primeiro leite, chamado de *wic*. Quando as tetas ficam molles e vazias, o bezerro é solto novamente e o processo é repetido. A segunda ordenha é chamada de *tip indit*, o *tip* maior. Via de regra, há apenas duas ordenhas, porém, se se tratar de uma vaca leiteira muito boa no ponto mais alto de seu período de lactação, pode ser que o bezerro seja solto mais uma vez e que se faça uma terceira ordenha, chamada de *tip intot*, o *tip* menor. Quando a menina termina de ordenhar, ela limpa suas coxas e a cabça de leite com a cauda da vaca e solta o bezerro para que este termine com o leite que sobra. A primeira ordenha leva mais tempo e produz mais leite do que a segunda, e a segunda, mais do que a terceira. A ordenha que é feita de manhã é maior do que a feita à tarde.

II. III:

Ordenha
de vaca indócil (Lou).



Uma série de medidas sugere que se pode considerar dois a dois litros e meio por dia como uma média genérica das vacas nuer durante o período de lactação, o qual dura, em média, cerca de sete meses. Deve-se lembrar, contudo, que é uma estimativa do que ela fornece para consumo humano. O bezerro leva sua parte antes, durante e depois da ordenha. É possível, além disso, que, como declaram os Nuer, algumas vacas retenham o leite para seus bezeros, já que estes freqüentemente mamam durante vários minutos após a ordenha, antes que suas mães os afastem, dando-lhes patadas ou mexendo-se de modo que eles não consigam alcançar os ubres. Algumas vezes um menino pequeno leva o bezerro embora e ordenha ele mesmo os ubres, lambendo o leite de suas mãos, ou partilha as tetas com o bezerro, mas, via de regra, o bezerro fica com a sobra do leite. O fornecimento total, portanto, pode chegar até três litros e meio a quatro litros e meio por dia e parece ser muito maior do que o leite fornecido pelas vacas inglesas. Não seria de espantar que o fornecimento fosse pequeno, porque as vacas nuer não recebem alimentação artificial, pastagens succulentas muitas vezes são difíceis de conseguir e elas têm de suportar grandes provas. Deve-se, além disso, salientar que, enquanto os latínios ingleses precisam apenas de leite, os boiadeiros nuer precisam de leite e desejam também preservar todos os bezeros. As necessidades humanas têm de se subordinar às necessidades dos bezeros, que constituem o primeiro ponto a ser levado em consideração se se quiser perpetuar o rebanho.

O leite é consumido de vários modos. O leite fresco é bebido, especialmente por crianças, e é também consumido em mingau de sorgo. Leite fresco é bebido por adultos principalmente no calor da estação da seca, quando uma bebida refrescante é mais apreciada, e a comida é escassa. Parte do leite é guardada, e logo, com grande rapidez no tempo quente, azeda e engrossa, condição em que é muito apreciado. Os Nuer gostam de ter sempre a mão uma cabeca de leite azedo para o caso de aparecerem visitas. Parte do fornecimento diário é guardado para o fabrico de queijo, e, se há várias vacas em lactação, pode ser que uma delas seja reservada para essa finalidade. O leite a ser batido é ordenhado dentro de uma cabeca diferente da do leite para beber. E depois passado para uma cabeca de bater (ver Fig. 1), onde fica por várias horas, e, como as cabecas de bater não são limpas a menos que estejam cheirando mal, os ácidos que ficaram da batadura anterior coalam o leite. Depois disso, é batido por uma mulher, ou menina, que fica sentada no chão com as pernas estendidas para a frente e que, levantando a cabeca, abaixa-a dando um golpe contra suas coxas, onde ela a balança algumas vezes antes de repetir os movimentos: um modo de bater simples, mas demorado. Coloca-se um pouco de água na cabeca quando os coágulos começam a formar, a fim de que eles assemem e para aumentar a quantidade de soro, e pode-se acrescentar um pouco de urina de boi para torná-los mais consistentes. Depois dos coágulos formados, a mulher despeja o leite dentro de uma cabeca com formato de taça e apanha os coágulos com uma concha de mexilhão, colocando-os em outra cabeca, que é pendurada dentro de uma cabana. O soro, misturado com leite fresco, é bebido principalmente por mulheres e meninos. Todos os dias aumenta-se a reserva de coágulos e, de vez em quando, mistura-se um pouco de urina de boi para que não se estrague.

guem. A reserva pode ser aumentada durante várias semanas até a fervera final em fogo rápido, que transforma os coágulos, *lieih in bor*, em queijo sólido de cor amarelo-profundo, *lieih in car*. Depois de ferver durante algum tempo, o líquido é despejado em uma cabeca e o óleo sobrenadante é retirado para ser usado como tempero de mingau. O queijo é pendurado em uma rede, do teto de uma cabana, dentro de uma cabeca redonda, cuja casca foi cortada de modo que as cordas passem através dela e funcione como uma tampa que desliza (ver Fig. 2), e, se se impede a entrada de ar mediante uma cobertura de estierco bovino, o queijo ficará em boas condições durante meses. O leite pode, assim, ser preservado sob a forma de queijo. Ele é comido com mingau e também é usado para untar o corpo.

Ovelhas e cabras também são ordenhadas de manhã, mas dá-se pouca importância ao que elas fornecem, que é bebido por crianças pequenas e não é deixado para a fabricação de latínios. A mulher ordenha e as crianças e os corcos terminam com o que fica nos ubres. Quando os cordeiros estão correndo com suas mães no pasto, não se faz uma ordenha à tarde; durante o dia, porém, meninos pastores com fome muitas vezes apertam os ubres e lambem o leite de suas mãos.

Merecem ser enfatizados alguns pontos que surgem em um relato da ordenha e fabricação de latínios. (1) O número e distribuição atuais do gado não permitem que os Nuer levem uma vida inteiramente pastoril como gostariam, como é possível que tenham levado em alguma época. Numa generosa estimativa, o fornecimento diário médio de um estábulo provavelmente não passa de seis litros, ou três quartos de litro por pessoa. Uma economia mista torna-se, portanto, necessária. (2) Além do mais, a flutuação nos recursos domésticos, devida a epidemias e transmissão de riquezas de casamento, acentua-se ainda mais pelo caráter orgânico da dieta principal, uma vez que as vacas apenas produzem leite por um determinado período depois do nascimento do bezerro e o fornecimento não é constante. Conclui-se que uma família única não é uma unidade auto-suficiente, no que diz respeito ao leite, pois ela não pode garantir sempre um fornecimento adequado. Portanto, uma vez que o leite é considerado essencial, a unidade econômica deve ser maior do que o grupo familiar simples. (3) Condições do meio ambiente, bem como necessidade de cereais a fim de suplementar a dieta de leite, impedem que os Nuer sejam totalmente nômades, mas a alimentação baseada no leite permite-lhes levar uma vida errante durante uma parte do ano e lhes dá mobilidade e capacidade evasiva, tal como é mostrado por sua história e como ficou recentemente demonstrado na campanha do governo contra eles. O leite não exige estocagem nem transporte, sendo renovado diariamente; contudo, por outro lado, envolve uma dependência direta da água e da vegetação, o que não somente permite, mas força, a levar uma vida errante. Uma vida assim nutre as qualidades do pastor — coragem, amor à luta e desprezo pela fome e pelas dificuldades — mais do que a forma o caráter trabalhador do camponês.

IV

Os Nuer também se interessam pela carne do gado, cozida ou assada. Eles não criam rebanhos para corte, porém frequentemente sacrifica-se carneiros e bois nas cerimônias. Sempre há almas e espíritos em cuja honra a qualquer momento um sacrifício é adequado, e tais sacrifícios em geral são devidos de há muito tempo, de modo que não falta um pretexto adequado para uma festa quando as pessoas desejam uma. Vacas férteis são sacrificadas em ritos mortuários; em outras ocasiões, entretanto, somente se mata fêmeas estéreis. Quando dos sacrifícios, as pessoas estão mais interessadas no caráter de festa do que no caráter religioso dos ritos. Algumas vezes, nas cerimônias de casamento, as pessoas que executam o ritual são diferentes daquelas que comem a carne, enquanto que, em outras cerimônias, ocorre uma corrida geral à carcaça. Em tais ocasiões, o desejo de carne é demonstrado sem constrangimentos, e os Nuer admitem que algumas pessoas executam sacrifícios sem motivo adequado. Em alguns anos, é costume que, na época das chuvas, os jovens se reúnam em uma casa com a finalidade de matar bois e refestelar-se com a carne. Executando-se tais ocasiões, entretanto, as pessoas não devem matar um boi exclusivamente pela carne — acreditando-se, mesmo, que o boi possa lançar uma maldição — e somente o fazem quando a escassez de alimentos é muito grande. Os Lou, que são ricos em gado, possuem a reputação — da qual eles se envergonham bastante — de matarem bois pela carne. Não obstante, em parte alguma da terra dos Nuer o gado é normalmente abatido para alimentação, e homem algum iria matar mesmo um carneiro ou um bode com o argumento de que ele deseja carne. Em ocasiões de menor importância, sacrifica-se carneiros ou bodes em vez de bois, pois são de menor valor.

Qualquer animal que morra de morte natural é comido. Mesmo quando morre o boi predileto de um jovem, este deve estar disposto a partilhar de sua carne, e diz-se que, se ele recusar, sua lança poderá vingar o insulto cortando seu pé ou mão em alguma oportunidade futura. Os Nuer gostam muito de carne e declaram que, quando morre uma vaca, "os olhos e o coração ficam tristes, mas os dentes e o estômago se alegram". "O estômago de um homem reza a Deus, independentemente de sua mente, por tais dons".

Embora bois sejam sacrificados e comidos, eles não são apreciados unicamente por tais finalidades, mas também para serem exibidos e pelo prestígio que sua posse confere. A cor e o formato dos chifres é significativo, mas as qualidades essenciais são tamanho e gordura, sendo considerado especialmente importante que os ossos dos quadris não apareçam. Os Nuer admiram um quadril grande que balance quando o animal anda

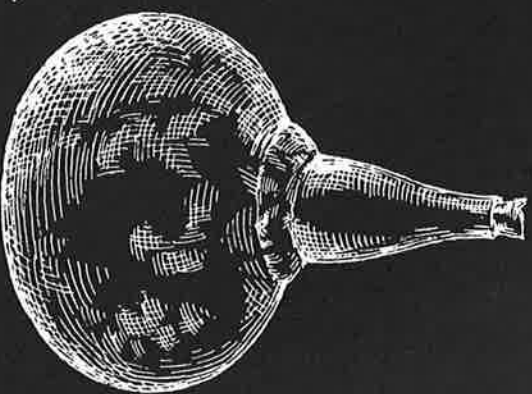
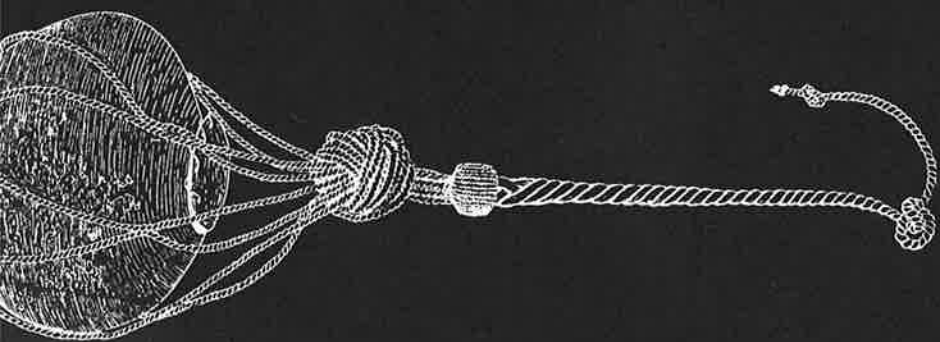


Fig. 1 — Gaba para bater leite.



e, a fim de exagerar essa característica, eles freqüentemente manipulam o quadril logo após o nascimento do animal.

Tal como outros povos pastoris da África Oriental, os Nuer extraem sangue do pescoço do gado, e o mesmo constitui um suplemento da alimentação em acampamentos da estação seca, quando se pode ver em geral ao menos uma sangria ao anoitecer. As vacas são sangradas para finalidades culinárias com maior freqüência do que os bois. A operação, chamada de *bar*, consiste em amarrar uma corda apertada em torno do pescoço da vaca para que as veias fiquem salientes e uma delas possa ser cortada, do lado que fica para a cabeça, com uma pequena faca envolta em corda ou grama, o que impede que a mesma penetre muito fundo. O sangue escguicha, e depois de se encher uma cabaca grande, a corda é afrouxada e o sangue pára de fluir. Passa-se um pouco de esterco na ferida. Examinando-se o pescoço de uma vaca, pode-se ver uma série de pequenas cicatrizes. As vacas parecem ficar um pouco tontas após a operação e podem ficar um tanto trôpegas, mas, sob outros aspectos, não parecem ser afetadas pela experiência. De fato, pode bem ser que, como afirmam os Nuer, elas fiquem melhor do que antes, pois levam uma vida inativa. O sangue é fervido pelas mulheres até ficar grosso e pode ser usado como tempero de carne no mingau; ou os homens podem deixá-lo coagular em um bloco sólido, e, depois de assá-lo nas brasa de uma fogueira, cortam-no em fatias e comem-no.

Os Nuer não consideram o sangue de vaca como artigo importante na alimentação, e ele não desempenha um papel de destaque em sua culinária. De fato, eles afirmam que não realizam a operação a fim de obter comida, embora contessem que o sangue assado é delcioso, mas sim em benefício das vacas. A sangria tem a finalidade de curar uma vaca de qualquer problema ao deixar sair o sangue ruim da doença. E também, dizem os Nuer, faz com que a vaca engorde, pois no dia seguinte ela estará mais esperta e pastará com avidez. A sangria, além disso, na opinião deles, diminui o desejo de uma vaca ser coberta. Os Nuer afirmam que, se uma vaca for coberta com muita freqüência, ela poderá vir a tornar-se estéril, enquanto que, se for sangrada vez por outra, haverá necessidade de ser coberta uma só vez e ficará grávida. Algumas vezes o gado é sangrado por razões médicas na estação das chuvas, e pode acontecer que as pessoas estejam tão fartas de comida que o sangue seja dado aos meninos do *kreal* e aos cães. Algumas vezes fazem-se incisões nos narizes dos bezerros e deixa-se que o sangue escoe no chão a fim de que eles fiquem mais gordos. Já vi os Nuer fazerem escaras em suas próprias pernas e em suas costas para provocar rapidez e força.

Os dois aspectos seguintes parecem-nos ser significativos:

- (1) Embora os Nuer normalmente não mantenha seu rebanho a fim de obter alimentos, o fim de cada animal é, na verdade, a panela, de modo que eles obtêm carne bastante para satisfazerem sua vontade de comê-la e não sentem maiores necessidades de caçar animais selvagens, atividade a que pouco se dedicam. (2) Exceto quando grassam as epidemias, as ocasiões normais de comer carne são rituais e é o caráter festivo dos ritos que lhes dá muito de sua significação para a vida do povo.

V

Além de leite, carne e sangue, o gado fornece aos Nuer inúmeros utensílios domésticos, e, quando consideramos o número reduzido de suas posses, podemos apreciar devidamente a

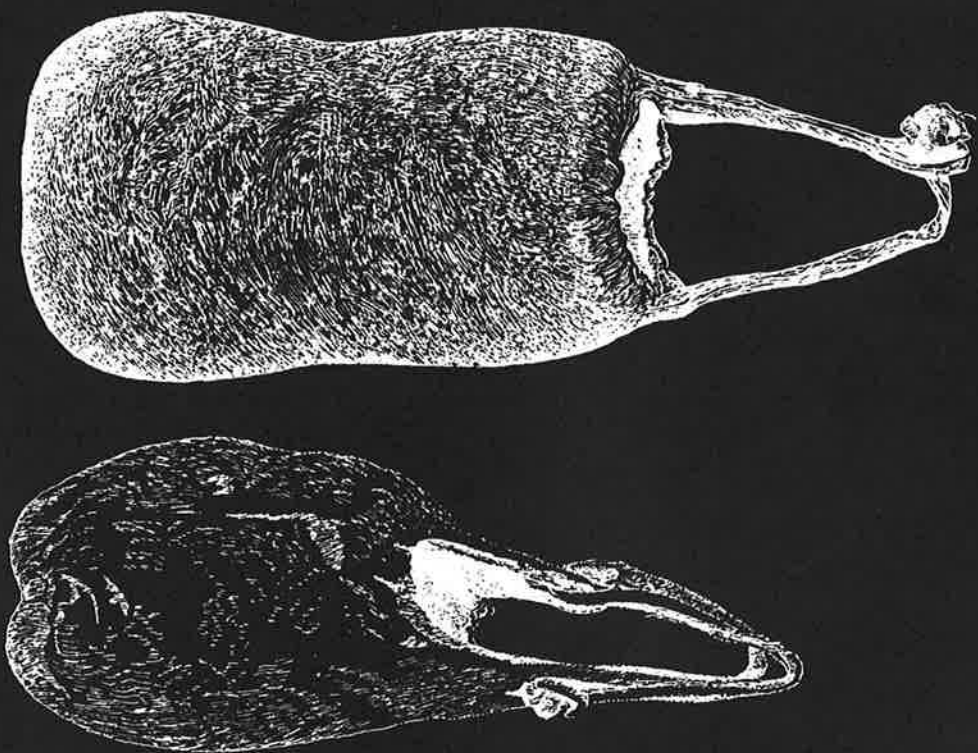


Fig. 3 — Sacolas feitas de esvotos de touro e girafa.

importância do gado como matéria-prima. Os corpos e produtos corporais do gado possuem os seguintes usos:

As peles são usadas como camas, bandejas, para carregar combustível (II. XVII), cordas para prender animais e para outras finalidades, mangueiras para malhar cereais (Fig. 15), cangas de couro para bois (Fig. 4), e para membrana de tambores. São empregadas na manufatura de cachimbos, lanças, escudos, recipientes de tabaco, etc. Escritos de bois são transformados em sacolas para carregar tabaco, em colheres, e outros objetos pequenos (Fig. 3). Os pêlos da cauda são transformados em borlas usadas pelas meninas como ornamentos de dança e para enfeitar os chifres dos bois preferidos (II. IV). Os ossos são empregados na manufatura de braceletes, e como instrumentos para bater, esmagar e raspar. Os chifres são talhados em colheres (Fig. 14) e empregados na construção de arpões.

O esterco é usado como combustível e no revestimento de paredes, assobios e no exterior das choupanas de palha de pequenos acampamentos. Também é empregado como gesso em processos de tecnologia mais simples e para proteger feridas. As cinzas do esterco queimado são esfregadas nos corpos dos homens e usadas para tingir e alisar o cabelo, como ingrediente de bochechos e de pó para os dentes, na preparação de peles para cama e de sacolas de pele, e para várias finalidades rituais. A urina é usada na batelada do leite e na preparação do queijo, na preparação de utensílios feitos com cabecas, na curtição do couro e para a lavagem do rosto e das mãos.

As peles de carneiros e cabras são usadas como tangas pelas mulheres casadas (II. XXIII, a), como tapetes onde sentar, são transformadas em sacolas para guardar tabaco e sorgo e cortadas em tiras que são amarradas nos tornozelos dos jovens quando dançam. Seu esterco e urina não são utilizados.

O árabe beduíno é chamado de parasita do camelo. Para se fazer justiça, o Nuer poderia ser chamado de parasita da vaca. Pode, contudo, parecer que a lista que compilamos não abrange uma gama muito ampla de usos, mas a cultura material dos Nuer é tão simples que ela explica uma parte considerável de sua tecnologia e contém itens dos quais os Nuer são altamente dependentes, por exemplo, o uso do esterco como combustível em uma região em que é difícil se obter bastante combustível vegetal para cozinhar, nem se falando das grandes fogueiras que queimam dia e noite em todo estábulo e abrigo contra o vento.

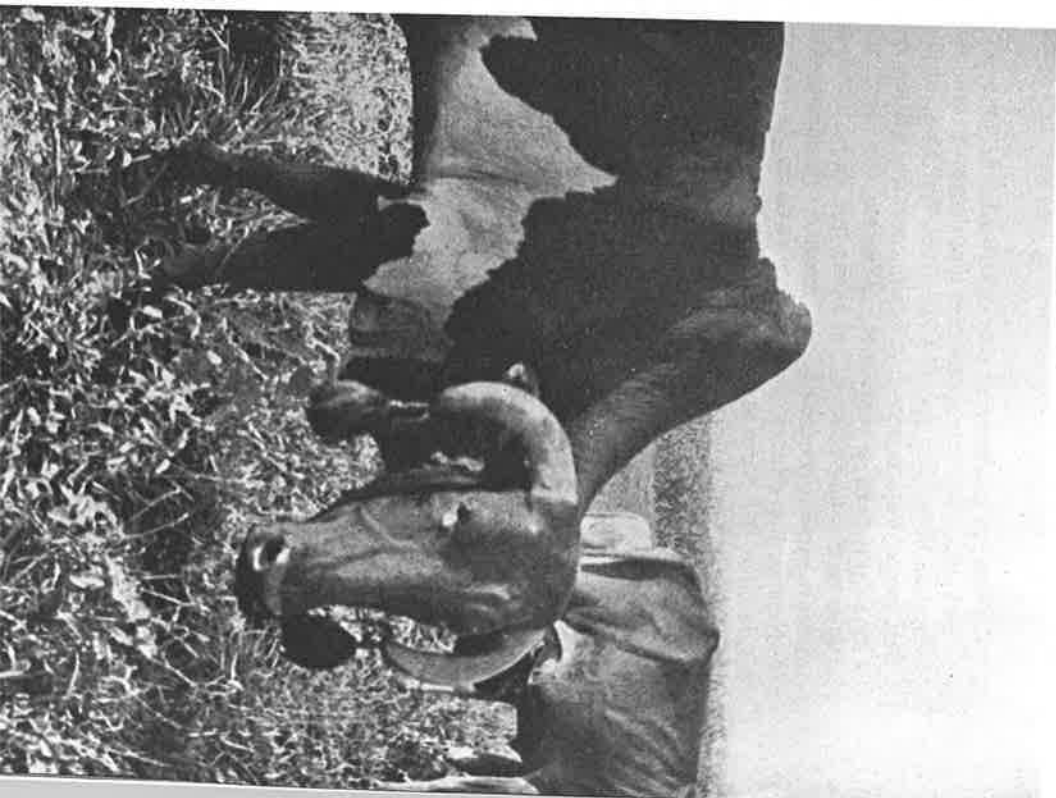
Vimos que, além de seus muitos usos sociais, os Nuer preocupam-se diretamente com o gado enquanto produtor de dois artigos essenciais para a alimentação: leite e carne. Podemos agora perceber que o valor econômico do gado é mais extenso. Levando em consideração também o valor social mais generalizado do gado, indicado sumariamente na Seção I, já podemos notar que existe uma superenfaturação de um único objeto, que domina todos os outros interesses e é coerente com a simplicidade, sinceridade e conservadorismo, qualidades tão características dos povos pastoris.

VI

Em capítulos posteriores iremos descrever como se trata das necessidades do gado — água, pastos, proteção contra ani-

II. IV:

Boi com borlas
penduradas
dos chifres (Lou).



mais carnívoros e insetos que picam, etc. — e mostraremos de que maneira elas determinam a rotina dos homens e afetam as relações sociais. Deixando essas questões mais amplas de lado, perguntamos agora se os Nuer, que tanto dependem de seu gado e que tanto o valorizam, são boiadeiros competentes. E desnecessário afirmar que eles dão aos animais toda a atenção permitida por seus conhecimentos; é pertinente, contudo, perguntar se seus conhecimentos bastam. Isso foi observado especialmente onde a prática dos Nuer não combina com as convenções da criação de gado, e as razões da divergência foram investigadas. Registramos a seguir algumas das dificuldades mais evidentes e algumas observações gerais sobre a habilidade dos Nuer.

1. Uma vez que as vacas não são trazidas de volta aos *kraals* ao meio-dia, os bezerrinhos menores têm de passar sem alimentação muitas horas por dia. O Cap. H.B. Williams, diretor do Departamento Veterinário do Sudão, contudo, afirma que os bois nuer possuem a reputação de serem tão bons quanto quaisquer outros no Sudão, de tal forma que não é provável que seu desenvolvimento enquanto são bezerrinhos seja seriamente afetado. Na época de chuvas, poucas vezes as vacas são ordenhadas antes das nove, dez horas, e novamente por volta das cinco horas da tarde; na estação da seca, porém, pode ser que elas sejam levadas ao pasto já às oito horas da manhã e não voltem senão por volta das cinco e meia da tarde, de modo que não podem amamentar seus bezerrinhos durante cerca de dez horas. Esse longo intervalo, porém, não pode ser facilmente evitado, pois na estação da seca os pastos muitas vezes estão distantes e, devido à falta de bons pastos, o gado precisa de mais tempo para alimentarse do que nas chuvas. Na estação de chuvas, seria fácil levar o gado para pastar ao nascer do sol e trazê-lo de volta ao meio-dia, como fazem muitos povos da África Oriental, a fim de que as vacas amamentem seus bezerrinhos e ruminem. Mas os Nuer dizem que, quando o gado sai dos estábulos quentes e cheios de fumaça, ele gosta de descansar um pouco no *kraal* antes de ir para o pasto, e essa letargia, que contrasta com sua avidez em pastar depois de uma noite ao ar livre nos acampamentos da estação da seca, parece justificar essa afirmação. Os Nuer percebem que o calor e a fumaça dos estábulos não fazem bem ao gado, mas consideram que os mosquitos são ainda piores. E mais, ao esperarem até que o orvalho se evapore, eles acreditam diminuir o risco de problemas digestivos, pois nas chuvas o solo fica frio e úmido até uma hora mais avançada. Uma razão adicional para manter o gado nos *kraals* até tarde é que, se for solto cedo, ele logo pasta até faltar-se e começa a caminhar em todas as direções, já que normalmente não são mantidos em rebanho na estação das chuvas.

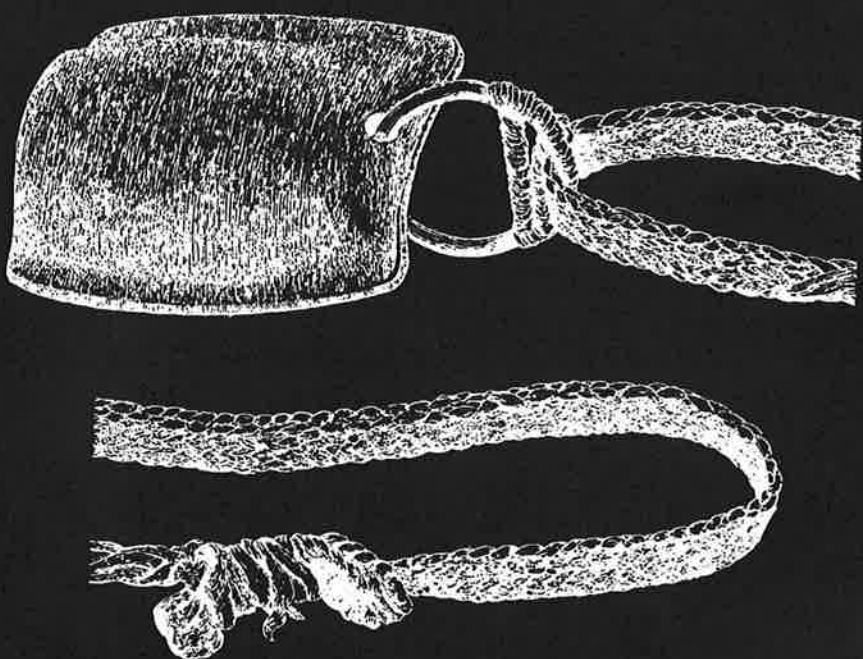


Fig. 4 — Sino de boi e coleira.

2. Um europeu observa imediatamente que a condição da água potável na estação seca deixa muito a desejar, especialmente quando é ele mesmo que tem de bebê-la. Algumas vezes, as poças estão quase secas e contêm água estragada, até mesmo barrenta, que homens e gado bebem. Já me perguntei por que eles não se afastam antes dessas pequenas poças, tal como a mostrada na Il. XXI, b, em torno das quais fixam acampamento quando começa a seca, para irem aos rios e lagos onde fazem suas concentrações finais; mas acho que o fazem de caso pensado, pois têm plena consciência de que água suja não tem nem bom gosto nem é boa para o gado, e, quando o permitem as circunstâncias, eles se dão ao trabalho de garantir um suprimento de água limpa com a frequência necessária. Ao mudarem o acampamento, eles têm de levar em consideração uma série de qualidades necessárias: pastos, peixes, a colheita da *Balanites aegyptiaca*, a segunda colheita de sorgo, etc., além da condição em que se encontra a água.

3. Ao contrário de algumas tribos da África Oriental, os Nuer não mantêm um número muito elevado de animais reprodutores. Se cometem algum erro, é ao manterem muito poucos. Nas limitadas observações feitas, foi estimado que há um touro adulto para cada trinta ou quarenta vacas adultas. Os Nuer tentam selecionar os touros reprodutores dentre os bezerros das melhores vacas leiteiras, a fim de que possam gerar boas vacas leiteiras. Eles afirmam que, se não castrassem a maioria dos bezerros machos, as vacas não teriam sossego e haveria brigas constantes nos *kraals* e agitação nos estábulos. Um bezerro não é castrado senão quando atinge de dez a oito meses a dois anos: "quando sua mãe teve outro bezerro e um terceiro está em seu útero". Ele é derrubado, o escroto cortado com uma lança, os testículos puxados para fora e cortados. Há uma pequena perda de sangue e o animal logo se recupera. Um bezerro pode ser castrado com finalidades sacrificiais a qualquer época, mas, não sendo este o caso, os Nuer preferem executar a operação na estação da seca, pois a possibilidade de infecção é menor do que na das chuvas. Não se desencoraja os touros a lutar, a menos que pertençam ao mesmo rebanho, e freqüentemente cita-se lutas como a causa do rompimento e migração de linhagens. Um número muito grande de novilhos e bois é abatido nos sacrificios.

4. As vitelas não são cobertas senão quando têm três anos. Os Nuer sabem quando uma vaca está no cio pelo comportamento dela no *kraal*: fica inquieta, muge, agita a cauda, cheira as vulvas de outras vacas e tenta montá-las. Quando uma vaca foi coberta nos pastos — pois os touros ficam junto com o rebanho — diz-se que os primeiros sinais de gravidez são modificações vulvares. Se se perguntar a um Nuer quando uma vaca que foi coberta em determinada época vai dar à luz, ele pode

dizer de imediato e com exatidão. Eles afirmam que uma vaca que não teve doenças sérias poderá gerar cerca de oito bezerros.

Pelo que pude ver, a mortalidade é muito baixa entre os bezerros. Os Nuer dão a eles toda atenção. Quando se percebe que uma vaca vai dar à luz pela primeira vez, seus donos ficam acordados a noite inteira com ela ou acampam-na até o parto, para assistir no parto. Deixa-se que uma vaca expirante dê à luz sozinha, mas geralmente há um homem presente para assisti-la se surgirem problemas. É preciso que ele esteja presente se ela der à luz no mato, porque o bezerro está fraco demais para seguir sua mãe, que ficará junto dele, e pode ser, então, que ambos fiquem separados do rebanho e caiam presa de animais selvagens. Quando um bezerro morre dentro do útero, os Nuer o extraem e, quando é necessário virá-lo dentro do útero, eles executam tal operação. Se as páreas não caem ou se a vaca não lamba seu bezerro, eles dão remédios. Quando um bezerro morre, eles lançam mão de vários recursos a fim de persuadir a mãe a dar leite. Enchem a cabeça com palha (ver Fig. 5) e esfregam na vaca um pouco de sua urina; ou, especialmente, quando a vaca aborta, empalham o bezerro inteiro, colocam pedaços de madeira no lugar de pernas, põem-no na frente da mãe e empurram sua cabeça contra as tetas, enquanto delicadamente apertam e puxam as tetas e um menino sopra a vagina.

Os Nuer dizem que, se morre a mãe de um bezerro que tem apenas um dia ou dois, ele também morrerá, mas se já tiver tomado o *cah tin bor*, o "leite branco" que se segue ao colostro, poderá ser salvo. Ele é alimentado normalmente com uma cabeca pequena que tem boca em forma de funil e tenta-se conseguir outra vaca em lactação para alimentá-lo. Uma vez que os Nuer acreditam, aparentemente sem fundamento, que é perigoso para um bezerro beber o leite descolorido que sobrenada o colostro, eles o extraem antes de permitir que o bezerro mame, e, se inadvertidamente este mamar antes, eles administram um purgante. Consideram que o problema é ainda mais sério se há sangue no leite.

Nos primeiros três ou quatro dias, o bezerro mama todo o leite da mãe, exceto o que é extraído. Então chama-se os parentes próximos que morem perto, para comer mingau sobre o qual é despejado o primeiro leite ordenhado para consumo humano. Nessa cerimônia, os pêlos da ponta da cauda do bezerro são cortados, o dono cospe neles e agita-os por cima do lombo da vaca, pois, caso contrário, o bezerro ficará doente, uma vez que não gosta que as pessoas roubem seu leite. Contudo, mesmo depois disso, eles ainda podem dizer que "ainda não partilhámos com seu bezerro", pois tomam muito pouco leite durante a primeira quinzena a fim de dar-lhe oportunidade de ficar forte e de que seus dentes endureçam. Quando o bezerro está mais forte, eles tomam mais leite e então dizem que o bezerro compartilha (*buth*) o leite com os homens. Ele continua a mamar até que a mãe fique novamente grávida e o rejeite. Como regra não se emprega artifícios para desmamar, mas se a vaca amamenta quando está grávida e torna-se impraticável mantê-la afastada do bezerro nos pastos, coloca-se um anel de espinhos em torno do focinho do bezerro (Fig. 6), o que permite com que ele paste mas impede que mame, uma vez que os espinhos picam o úbere da mãe e ela o afasta. Vê-se por esse relato como os Nuer resolvem o problema do boiadeiro de fazer com que as vacas forneçam leite para os donos sem que os bezerros fiquem privados da alimentação essencial.

Bezerros pequenos, depois que o rebanho adulto foi para o pasto, são abrigados em estábulos nas aldeias na estação da chuva e amarrados à sombra de uma árvore nos acampamentos da estação seca. Eles recebem água durante a tarde, e os meninos trazem-lhes grama, especialmente *poon* (*Oryza Barthii*) que engorda muito. Eles começam a ir ao pasto com os bezerros mais velhos, sob os cuidados de meninos pastores, em seu terceiro mês e são mantidos afastados das mães, sendo levados na direção oposta àquela tomada anteriormente pelo rebanho adulto. Eles vão junto com o rebanho quando têm cerca de um ano de idade, sendo que por essa época as mães estão novamente grávidas.

Teremos oportunidade de observar mais adiante a atenção que os Nuer dão ao gado e a sabedoria dos métodos empregados. Nesta seção, dei simplesmente alguns exemplos a fim de ilustrar uma conclusão geral à qual cheguei durante meus estudos: que a habilidade dos Nuer para cuidar do gado não poderia, em algum aspecto importante, ser melhorada nas presentes relações ecológicas; que, conseqüentemente, de nada lhes serviria mais conhecimentos do que os que possuem; e que, como se verá, não fosse pela eterna vigilância e cuidado, o gado não poderia sobreviver às condições desfavoráveis do meio ambiente.

VII

Já foi observado que os Nuer poderiam ser chamados de parasitas da vaca, mas pode-se dizer igualmente que a vaca é um parasita dos Nuer, cujas vidas são gastas em garantir o bem-estar dela. Eles constroem estábulos, alimentam fogueiras, e limpam *kraals* para seu conforto; mudam de aldeias para acampamentos, de acampamento para acampamento e dos animais selvagens para protegê-la; e fazem ornamentos para enfeitá-la. Ela vive sua vida tranquila, indolente e inativa graças à dedicação dos Nuer. Na verdade, o relacionamento é simbiótico: gado e homens mantêm sua vida graças aos serviços recíprocos. Nesse íntimo relacionamento simbiótico, homens e animais formam uma única comunidade do tipo mais íntimo. Em alguns parágrafos chamo a atenção para essa intimidade.

Os homens despertam de madrugada no acampamento em meio a seu gado e ficam sentados, contentes, olhando-o, até que a ordenha seja terminada. Ai eles o levam para o pasto e passam o dia vendo-o pastar, levando-o até a água, compondo canções sobre ele e trazendo-o de volta ao acampamento, ou permanecem no *kraal* para beber seu leite, fazer cordas para prender bezerros e ornamentos para eles, dar água e cuidar dos bezerros, limpar o *kraal* e secar o esterco para servir de combustível. Os Nuer lavam suas mãos e rostos na urina do gado, especialmente quando as vacas urinam durante a ordenha, bebem seu leite e seu sangue, e dormem sobre suas peles ao lado do esterco fumegante. Cobrem o corpo, cuidam do cabelo e limpam os dentes com as cinzas do esterco, e comem os alimentos com colheres feitas de chifres. Quando o gado volta, ao anoitecer, eles amarram cada animal a sua cavilha com cordas feitas da pele dele para contemplá-lo e observá-lo sendo ordenhado. Um homem conhece cada animal de seu rebanho e dos rebanhos de seus vizinhos e contrâneos: a cor, o formato dos chifres, as peculiaridades, o número de tetas, a quantidade de leite que fornece.

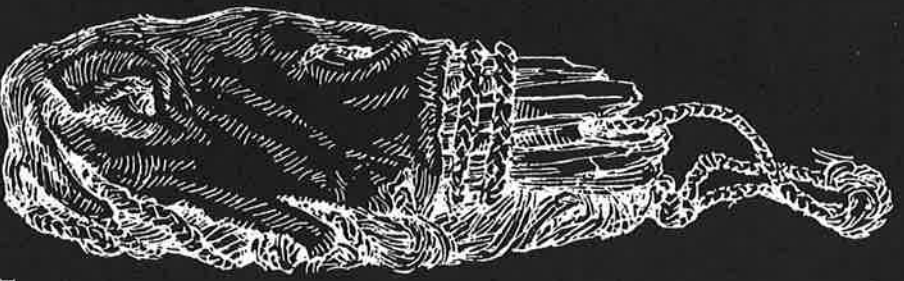


Fig. 5 — Cabeça de bezerro empalhada.

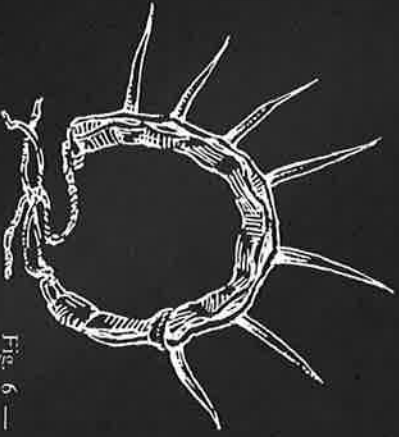


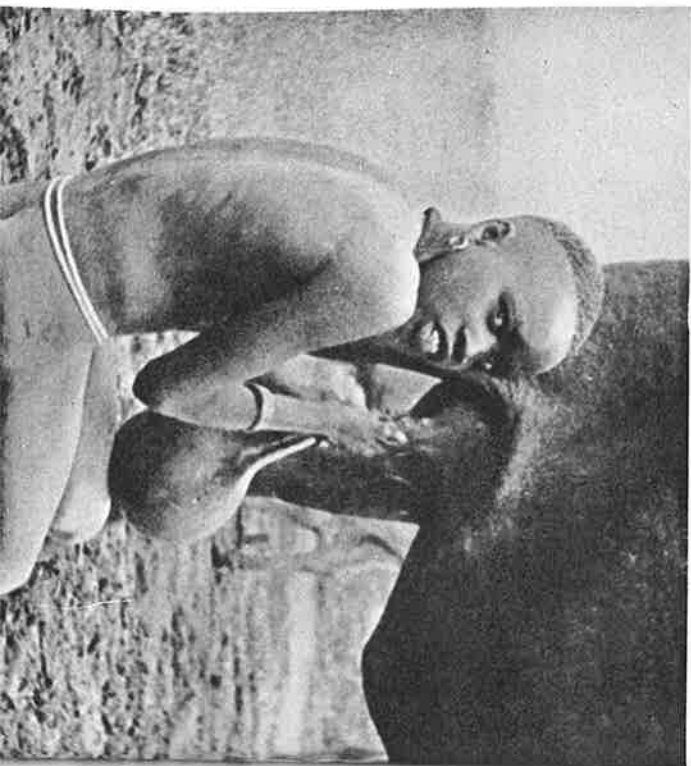
Fig. 6 — Anel para desmamar bezerros.

sua história, seus ancestrais e sua progênie. A Srta. Soule disse-me que a maioria dos Nuer conhece aspectos da mãe e da avó de um animal e que alguns conhecem os detalhes dos ancestrais até cinco gerações. Um Nuer conhece os hábitos de todos os seus bois, como um deles muge de noite, como outro gosta de liderar o rebanho quando volta ao acampamento, e como outro joga a cabeça para trás mais do que o resto. Ele sabe quais as vacas que ficam inquietas durante a ordenha, quais criam problemas com seus bezeros, quais gostam de beber no caminho para o pasto, e assim por diante.

Se for um jovem, conseguirá um menino para ir à frente de seu boi predileto (de cujas características o jovem recebe o nome) em torno do acampamento, de manhã, e salta e canta atrás dele; freqüentemente, de noite ele caminha entre o gado locando um sino e cantando os louvores de seus compatriotas, suas namoradas e seus bois. Quando seu boi volta para casa, de noite, ele lhe faz agradecimentos, esfrega cinzas em seu lombo, extrai carrapatos da barriga e escroto e tira o esterco que aderiu ao ânus. Ele o amarra na frente de seu abrigo contra o vento, de modo que possa vê-lo se acordar, pois nada dá tanto contentamento e enche tanto de orgulho a um Nuer quanto os seus bois. Quanto mais ele puder mostrar, mais feliz fica, e, a fim de torná-los mais atraentes, decora os chifres com longas borlas, que pode admirar quando os bois jogam a cabeça para trás e sacodem-na ao voltarem para o acampamento, e o pescoço com campainhas, que tilintam nos pastos. Mesmo os bezeros são adornados pelos meninos que os possuem com contas de madeira e sinos (Fig. 13). Os chifres dos touros jovens, que serão castrados mais tarde, são em geral cortados de modo que cresçam com uma forma que agrada a seus donos. A operação, chamada de *ngat*, é executada provavelmente pelos fins do primeiro ano de vida e normalmente tem lugar durante a estação seca, uma vez que se diz que um novilho pode morrer se seus chifres forem cortados nas chuvas. O animal é derrubado e segurado enquanto os chifres são cortados obliquamente com uma lança. Eles crescem na direção contrária ao corte. Os animais parecem sentir muita dor durante a operação e, algumas vezes, ouvi os Nuer compararem essa provação com a iniciação dos jovens à idade adulta.

Quando um Nuer fala de um boi, sua morosidade habitual o abandona e ele fala com entusiasmo, lançando os braços para cima a fim de mostrar como os chifres estão puxados. "Tenho um belo boi", diz ele, "um boi malhado com uma grande mancha branca no lombo e com um chifre puxado para o focinho" — e lá vão seus braços, um por cima da cabeça e o outro dobrado no cotovelo por cima do rosto. Quando dançam e cantam, eles dizem os nomes de seus bois e imitam com os braços a posição dos chifres.

Menina
ordenhando (Lou).



A atitude em relação ao gado varia de acordo com as situações variadas da vida social e com mudanças no desenvolvimento social. Logo que as crianças estão engatinhando, elas trazem um contato íntimo com os rebanhos de cabras e vacas. O *kraal* é o lugar onde brincam e normalmente elas estão lambuzadas de esterco, no qual rolam e pulam. Bezerros, carneiros e cabritos são seus companheiros de jogos, e elas os puxam e se esparramam em meio a eles. Seus sentimentos em relação aos animais estão provavelmente dominados pelo desejo de comida, pois as vacas, ovelhas e cabras satisfazem sem mediação sua fome, freqüentemente amamentando-as. Logo que um bebê pode beber leite animal, sua mãe o leva até as ovelhas e cabras e lhe dá leite quente para beber diretamente dos ubres.

Os jogos de crianças mais velhas de ambos os sexos giram em torno de gado. Elas constroem estábulos de areia nos acampamentos e de cinza molhada ou lama nas aldeias e enchem os *kraals* de brinquedo com bonitas vacas e bois de lama (Fig. 7), com os quais brincam de criar rebanhos e de casar. As primeiras tarefas da infância dizem respeito ao gado. Crianças muito pequenas seguram as ovelhas e cabras enquanto as mães ordenham; e quando as mães ordenham vacas as crianças carregam as cabaças, puxam os bezerros para longe dos ubres e amarram-nos em frente das vacas. Elas recolhem a urina em cabaças e lavam-se nela. Quando ficam um pouco mais velhas e fortes, têm de limpar os estábulos e o *kraal*, ajudar na ordenha e pastorear os bezerros pequenos, carneiros e cabras no pasto.

O contato através da alimentação e dos jogos transformou-se em contatos de trabalho. Nessa idade, os interesses dos dois sexos no gado começam a diferenciar-se e a divergência torna-se mais aparente à medida que eles crescem. A tarefa das meninas e mulheres restringe-se aos estábulos e *kraals* e diz respeito principalmente às vacas, enquanto os meninos tanto pastoreiam os bezerros no pasto, quanto ajudam no *kraal*, e, depois da iniciação, pastoreiam o gado adulto e, no *kraal*, dedicam-se principalmente aos bois. As mulheres são leiteiras, os homens, boia-deiros. Ademais, para uma menina, as vacas são essencialmente provedoras de leite e queijo e permanecem como tais enquanto ela cresce, casa-se, ordenha e bate o leite para a família de seu marido; ao passo que, para um menino, elas são parte do rebanho da família ao qual ele tem direitos de propriedade. As vacas passam a integrar o rebanho quando do casamento de mulheres de que ele é parente e um dia ele se casará por meio delas. Uma menina separa-se do rebanho pelo casamento; um menino continua como seu proprietário. Quando o menino se torna rapaz e é iniciado à idade adulta, o gado transforma-se em algo mais do que comida e motivo de trabalho. É também um meio para exibir-se e casar-se. É somente quando um homem se

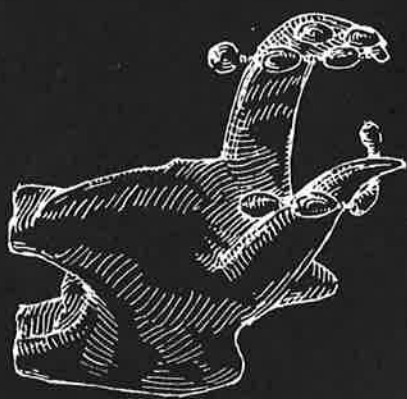
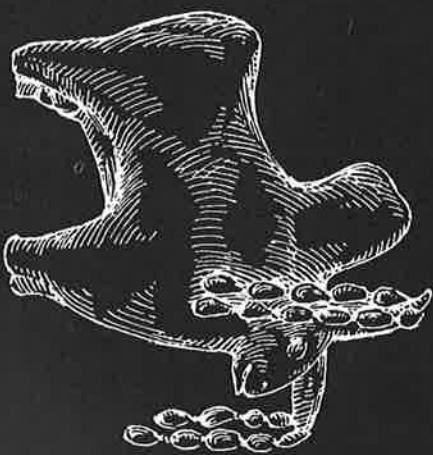


Fig. 7 — Boncos de bois em barro enfeitados em borlas.



casa, tem filhos e um lar independente com rebanho, quando ele se tornou um homem mais velho e de certa posição, que frequentemente emprega o gado nos sacrifícios, investe-o com uma significação sagrada e usa-o no ritual.

Os Nuer e seu rebanho formam uma comunidade corporativa com interesses solidários, a cujo serviço as vidas de ambos estão ajustadas, e seu relacionamento simbólico é de íntimo contato físico. O gado é dócil e responde prontamente à orientação e cuidado humanos. Não há uma grande barreira cultural separando homens e animais em seu lar comum, mas sim a absoluta nudez dos Nuer em meio ao gado e a intimidade de seu contato com este apresenta um quadro clássico do estado selvagem. Peço que o leitor olhe algumas das ilustrações, por exemplo, o frontispício e as IIs, III, V e XVII, que lhe transmitirão melhor, do que posso fazer com palavras, a crueza da vida no *kraal*.

O gado não é apenas um objeto de interesse absorvente para os Nuer, possuindo grande utilidade econômica e valor social, como também vive na mais íntima associação possível com eles. Além disso, sem se levar em consideração o uso, ele é, em si mesmo, uma finalidade cultural, e sua mera posse e proximidade dá ao homem tudo o que ele deseja. No gado concentram-se seus interesses imediatos e suas ambições maiores. Mais do que qualquer outra coisa, o gado determina as ações diárias do homem e domina sua atenção. Já fizemos comentários sobre a ênfase excessiva dada ao gado, ênfase produzida por sua ampla gama de usos sociais e econômicos. Tantas exigências físicas, psicológicas e sociais podem ser satisfeitas nessa única fonte, que a atenção dos Nuer em vez de encontrar-se difundida em uma variedade de direções, tem tendência, com excessiva exclusividade, a estar enfocada nesse único objeto e a ser introvertida, uma vez que o objeto possui uma certa identidade com eles. Examinaremos brevemente, agora, algum material lingüístico, onde perceberemos maiores evidências dessa hipertrofia de um único interesse e da identificação dos homens com o gado a que já me referi.

VIII

Relação do Gado com a Vacca
aos vacas em

A profusão lingüística em determinadas seções da vida é um dos sinais pelos quais pode-se facilmente julgar a direção e a força dos interesses de um povo. É por tal razão, mais do que por sua importância intrínseca, que chamamos a atenção do leitor para o volume e variedade do vocabulário nuer referente ao gado. Tal como todos os nilotas pastores, eles usam um enorme número de palavras e frases sobre gado, as tarefas de pastorear e trabalhar com laticínios, e, dentre essa grande variedade

escolhemos para comentário uma única classe: os termos com que descrevem gado, especialmente referindo-se a suas cores². Esses termos são mais do que uma técnica lingüística que permite aos Nuer falar de gado com precisão em situações práticas e nos muitos contextos sociais em que eles figuram, pois estabelecem associações, de um lado, entre o gado e os animais selvagens e, de outro, entre o gado e seus donos; fornecem certas categorias rituais; e enriquecem muito a linguagem poética.

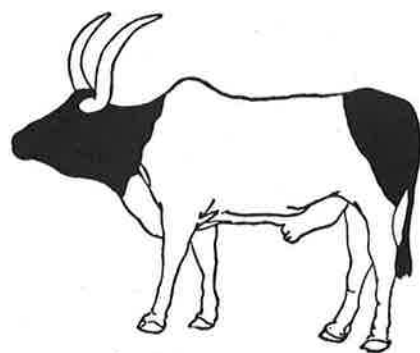
Ao se denominar uma vaca nuer deve-se observar suas cores e o modo pelo qual elas estão distribuídas pelo corpo. Quando ela não é de uma só cor, a distribuição das cores constitui o caráter significativo pelo qual ela é nomeada. Existem dez termos principais que se referem a cor: branco (*bor*), preto, (*car*), marrom (*luat*), castanho (*dol*), fulvo (*yan*), cinza-rato (*lou*), baio (*thiang*), cinza-areia (*liih*), ruço (*yul*) e chocolate (*gwir*). Quando uma vaca é de uma única cor, ela é descrita por um desses termos. Um animal pode combinar duas ou mais cores, mas uma combinação de mais de duas, chamada de *cuany*, é muito rara. Normalmente ocorre uma combinação de branco com uma outra cor, e são mostrados doze modos comuns de distribuição dessa combinação nas Figs. 8 e 9. Existem, contudo, muito mais combinações, ao menos vinte e sete, uma das mais comuns consistindo em variedades de pelo listrado ou malhado (*nyang*).

Ao descrever um animal, frequentemente denota-se tanto a forma de distribuição quanto a cor que está combinada com o branco. Assim, um boi pode ser totalmente cinza-rato (*lou*): ser cinza-rato com cara branca (*kwe looka*), com lombo branco (*kar looka*), com uma mancha branca no lado do tronco (*hih looka*), com uma pá branca (*rol looka*) ou com barriga branca (*weng looka*); ser malhado de cinza-rato (*nyang looka*); ser branco com grandes manchas de cor cinza-rato (*yal looka*), com manchas médias de cor cinza-rato (*kwar looka*) ou ter quadris cinza-rato (*yok looka*), etc. Existem pelo menos uma dúzia de termos para descrever diferentes combinações de branco e cinza-rato, e existe um número semelhante de termos para uma combinação de branco com cada uma das outras cores. Um outro exemplo é dado para ilustrar a ampla gama de variações: ombo e pata dianteira branca (*rol*) pode ser encontrado em uma vaca de qualquer cor; por exemplo: *rol cara*, *rol yan*, *rol thiang*, *rol yul*, etc. Pode também haver uma combinação de uma forma de distribuição com outra e, neste caso, as duas combinações constituem os pontos de referência e não há necessidade de denotar o colorido que ocorre nelas, por exemplo, uma pá e quarto dianteiro brancos (*rol*) podem vir combinados com uma cara branca (*kwe rol*), manchas pretas (*rol kwac*), pintas (*rol cuor*), manchas marrons (*rol paar*), lombo branco (*kar rol*), cara branca e orelhas pretas (*kar rol*), etc. Existem ao menos vinte e cinco termos que incluem a distribuição *rol*, e as demais distribuições têm, da mesma forma, amplas gamas de combinações de cores e uma combinação com a outra.

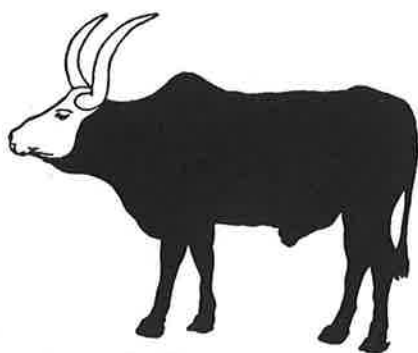
Uma vez que, mais adiante e com maior profundidade, irei analisar os princípios da terminologia das cores e abstrair as regras de nomenclatura³, somente preciso observar, aqui, que se

2. Registre algumas informações sobre esse assunto normalmente negligenciado, entre um povo vizinho, em "Imagery in Ngok Dinka Cattle-Names", *Bulletin of the School of Oriental Studies*, 1934.

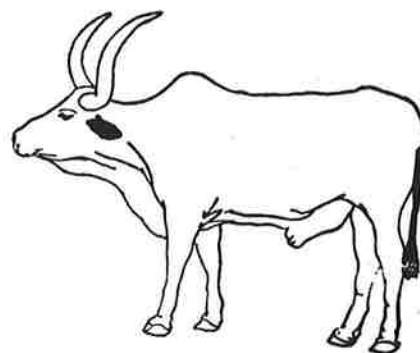
3. "Nuer Cattle Terms", a ser publicado brevemente em *Sudan Notes and Records*.



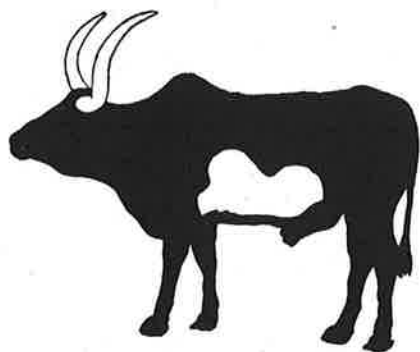
1. *Jak* (marrom ou fulvo)
Jok (outras cores)



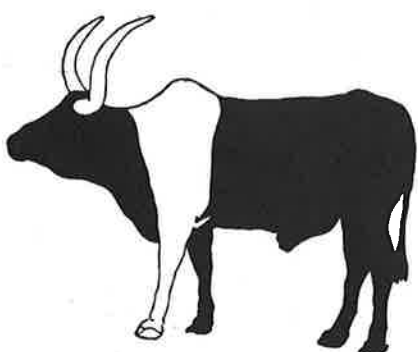
2. *Kwe* (todas as cores)



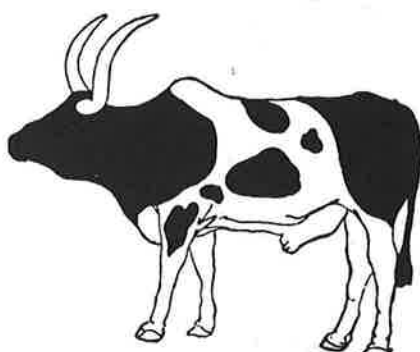
3. *Githjak* (marrom e fulvo)
Kur (outras cores)



4. *Kul* (marrom e fulvo)
Bil (outras cores)

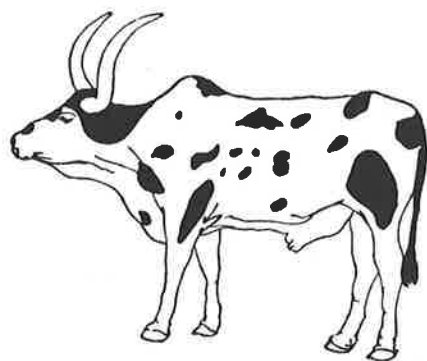


5. *Rol* (todas as cores)

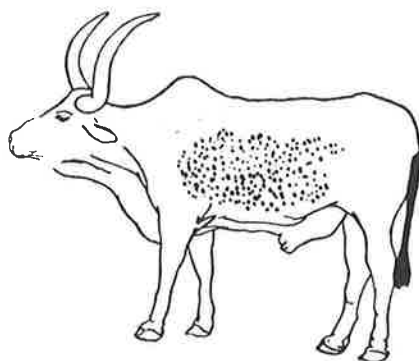


6. *Par* (marrom e fulvo)
Rial (outras cores)

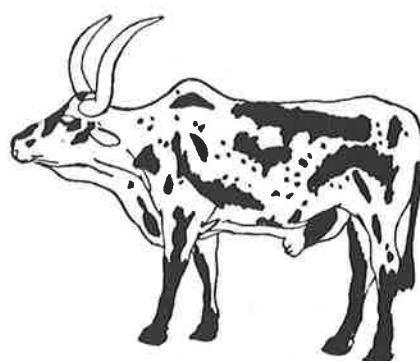
Fig. 8 — Representação diagramática da distribuição de cores.



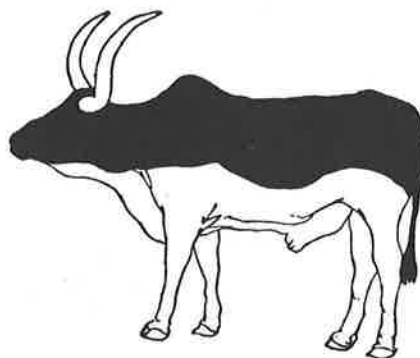
7. *Kwac* (todas as cores)



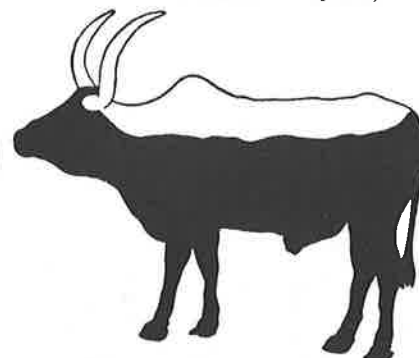
8. *Wea* (preto)
Gwong (cinza-preto)



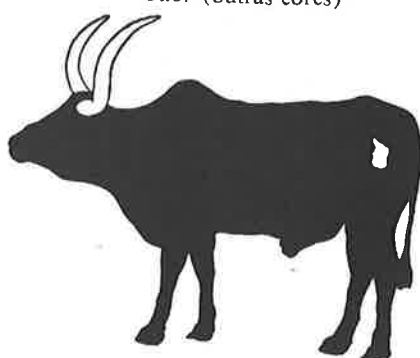
9. *Nyal* (marrom e fulvo)
Cuor (outras cores)



10. *Reng* (todas as cores)



11. *Ding* (marrom e fulvo)
Kar (outras cores)



12. *Kwol* (todas as cores)

Fig. 9 — Representação diagramática da distribuição de cores.

torna evidente, face aos poucos exemplos citados, que existem várias centenas de permutações de cor.

Algumas cores e combinações de cores estão associadas a animais, pássaros, répteis e peixes, e essa associação é frequentemente indicada por termos de referência secundários e por usos rituais: por exemplo, *lou* (cinza-rato) é a abetarda (tipo de pássaro), *nyang* (listrado) é o crocodilo, *liih* (cinza-areia) é associado com *manlieh*, o francelho cinza, *thiang* (balo) é o tiang, *dwai* (marrom com listas brancas) é o *sitarunga** fêmea, *kwe* (pinto branco) é a águia de peixe, *kwac* (pintado) é o leopardo, *cuor* (com pintinhas) é o abutre, *gwong* (com manchas) é a galinha-de-angola, *nyal* (com manchas marrons) é o píton, etc. Essas identificações linguísticas e outras associações de cor levam a muitas elaborações complicadas de nomenclatura: por exemplo, um boi preto pode ser chamado de *rial nim*, carvão queimado, ou *won car*, nuvens escuras; um boi marrom, *riem dol*, sangue vermelho, ou *rir dol*, nája vermelha; um boi ruço azulado, *bany yiel*, como a garça azul; um boi cinza-rato, *duk lou*, a escuridão sombreada das florestas, etc. Esses nomes imaginativos aumentam de muito a lista dos termos nuer referentes ao gado.

Além do vasto vocabulário referente a cores, distribuição de cores, e associações de cores, o gado também pode ser descrito pelo formato de seus chifres e, já que os chifres dos bois são puxados à vontade do dono, existem ao menos seis designações comuns em uso além de vários nomes mais complexos. As palavras que denotam o formato dos chifres aumentam em muito o número de permutações, pois podem ser combinadas com muitos dos termos de cor e de distribuição de cor; por exemplo, uma vaca cinza-areia com chifres que quase chegam a se tocar em uma curva por cima da cabeça é uma *duot lieih*, uma de chifres curtos e marcas *rial* é uma *cot rial*, um boi machado com um chifre passando por cima da cara é um *guit nyang*, etc. As orelhas do gado, carneiros e cabras frequentemente são cortadas em formas diferentes e é permissível, e usual quanto a carneiros e cabras, descrevê-los tomando-se por referências tais incisões. Carneiros e bodes possuem misturas de cores muito diferentes daquelas que se encontram no gado, mas os mesmos termos podem ser usados para cobrir todas as combinações, porque eles jamais são descrições exatas das disposições de cor mas sim representam distribuições ideais, de uma ou outra das quais qualquer disposição real se aproxima.

Uma gama ainda maior de permutações é criada por prefixos que denotam o sexo ou idade de um animal, por exemplo, *tul*, touro, *yang*, vaca, *thak*, boi, *nae*, vitela, *ruath*, bezerra, *dou*, novilha, *kol*, bezerra que ainda não começou a pastar, e assim por diante. Assim, pode-se falar de um *tut ma kar looka*, *dou ma rial*, *thak ma cuany*, etc. De fato, se se fosse contar todos os modos possíveis de referir-se aos animais do rebanho, descobrir-se-ia que chegam a vários milhares de expressões —

sistema imponente e complicado de ramificações que testemunha de modo eloquente o valor social do gado.

Além do mais, como já dissemos, todo homem toma um de seus nomes a partir do termo pelo qual um de seus bois é descrito, e esses nomes-de-gado constituem as saudações preferidas entre pessoas da mesma idade. Um rapaz geralmente toma seu primeiro nome-de-gado do animal que o pai lhe dá por ocasião da iniciação, porém, mais tarde, ele pode adotar outros nomes a partir de qualquer boi de seu rebanho que lhe agrade. Os homens cumprimentam-se usando tais nomes e os despejam, elaborando-os com grande imaginação, sobre seus companheiros nas danças. Também os cantam quando se exibem nos acampamentos com seus bois, cantam-nos em seus poemas e gritam-nos quando atraem a lança contra homens, animais ou peixes.

Um homem pode ser chamado por nome idêntico ao de seu boi, como por exemplo, Bi(D)rial, Kwac(C)uor, Werkwac, e assim por diante, mas em geral uma parte do termo é deixada de lado e a outra parte recebe como prefixo um novo termo, usualmente uma descrição de algum ornamento usado pelo boi ou alguma característica dele, não empregada em definir seu próprio nome; por exemplo, *liih*, um grande sino (Fig. 4), *giier*, um sino pequeno, *lue*, uma borla comprida, *dhur*, uma borla curta (Il. IV), *wak*, o repicar de um sino de boi, *lang*, um anel de bronze preso na canga ou na corda de amarrar (pode-se ver um no animal que está em primeiro plano na Il. II), *rot*, mugido de bois, *cwai*, gorda, *boi*, brancura brilhante, etc. Assim, um homem cujo boi predileto tenha uma distribuição *rial* de cores pode ser chamado de Luthrial, Giertial, Luertial, Dhuortial, Boitrial, etc. Quando pessoas de mesma idade empregam os nomes-de-gado nas danças, estes geralmente vêm precedidos de nomes-de-dança que são escolhidos para harmonizar com os nomes-de-gado, sendo a eufonia considerada de grande importância em todas essas formações de palavras. Os nomes-de-gado são volumosos e obscuros, e, ao descrevê-los, tal como ao descrever as cores do gado, não apenas fiz uma magra seleção dentre a riqueza a minha disposição, como também escolhi, a título de ilustração, os exemplos mais simples, deixando de lado os mais complicados.

Nomes de gado, especialmente de bois, e nomes-de-gado de homens são grandemente empregados nas canções. Os Nuer, tal como a maioria dos povos pastoris, são poéticos, e a maioria dos homens e das mulheres compõe canções que são cantadas nas danças ou concertos ou que são compostas para o prazer individual do compositor, sendo cantadas por ele nos pastos distantes e em meio ao gado nos *kraal* dos acampamentos. Os jovens prorrompem em canto, louvando seus conterrâneos, namoradas e gado, quando se sentem felizes, onde quer que estejam. Faço a seguir uma tradução livre dos primeiros versos de duas canções, a primeira cantada pelas meninas, quando estão sentadas juntas, ao anoitecer, depois que o trabalho do dia está feito, e a segunda cantada por seu autor quando está feliz.

1. O vento sopra *wirawira*⁴;

4. Literalmente, "meu vento". O cantor corre contra ele e, ao fazê-lo, parece aumentar sua força. É o vento do norte que sopra na época dos pastos

Para onde ele sopra?
Ele sopra para o rio.

A vaca de chifres curtos leva seu ubre cheio aos pastos⁵;

Que ela seja ordenhada por Nyagaak;
Minha barriga ficará cheia de leite.

Ô orgulho de Nyawal,
Sempre briguenta Rolnyang⁶.

Esta região está repleta de estrangeiros;
Eles lançam nossos ornamentos dentro do rio;

Eles tiram água das margens⁷.
Cabelos-Negros, minha irmã,

Estou espantado.
Cabelos-Negros, minha irmã,

Estamos perplexos;
Olhamos para as estrelas de Deus⁸.

2. Boi branco bom é minha mãe
E nós, o povo de minha irmã,
O povo de Nyarianu Bul.

Como meu boi branco de quadris negros,
Quando fui cortejar a jovem encantadora,
Não sou homem que as moças recussem.

Cortejamos as moças escondidos na noite,
Eu e Kwejok
Nyadeang⁹.

Trouxemos o boi através do rio,
Eu e Kirjoak

E o filho da irmã de minha mãe
Buth Gujjaak.

Amigo, grande boi dos chifres que se estendem,
Que sempre muge em meio ao rebanho,
Boi do filho de Bul
Maloa¹⁰.

5. A vaca recusou-se a amamentar o bezerro ou a ser ordenhada antes de ir pastar.

6. Nyagaak é a irmã do poeta. Orgulho (*gwerh*) é o nome de dança de uma moça. Nyawal, Rolnyang é o nome-de-gado de um jovem.

7. Os estrangeiros são as forças do governo. A referência a tirar água da margem é obscura.

8. Cabelos-Negros é o nome de uma moça. Os Nuer estão perplexos pela invasão estrangeira e o último verso é uma oração para que Deus os ajude na adversidade.

9. O boi a que se faz referência no primeiro e quarto versos é o boi do poeta. Kwejok é um amigo, cuja mãe é Nyadeang.

10. Buth é o nome de nascença de um amigo, cujo nome-de-gado é Gut-jaak.

Não é necessário acrescentar mais exemplos dos termos de referência ao gado e seus usos para demonstrar que estamos tratando com uma galáxia de palavras, cujos arranjos permitiriam a compilação de um léxico de tamanho considerável. Desejo somente ressaltar que esse vocabulário intrincado e volumoso não é técnico e específico, porém é empregado por todos e em muitas situações da vida social normal. Somente abordei um fragmento de um fragmento do campo linguístico relativo ao gado. Poderia entrar em maiores detalhes, porém, na melhor das hipóteses, terei feito apenas um exame superficial, e de modo amadorístico, daquele campo, o que convida a pesquisas mais amplas e mais especializadas. Minha intenção foi chamar a atenção para ele e mostrar como um estudo do interesse dominante dos Nuer poderia ser abordado a partir desse ângulo. O tema é necessariamente vasto, porque, como já vimos, não é possível discutir com os Nuer seus afazeres diários, suas conexões sociais, atos rituais ou, na verdade, qualquer assunto, sem que ocorra uma referência ao gado, que constitui o âmagô em torno do qual é organizada a vida diária e o meio através do qual se exprimem as relações sociais e místicas. E tampouco o interesse dos Nuer pelo gado confina-se aos usos práticos e funções sociais; pelo contrário, é exibido em suas artes poéticas e plásticas, das quais constituem o tema principal. A superentatização que se dá ao gado é, assim, demonstrada de modo notável na linguagem, a qual, além de tudo, através das referências obrigatórias ao gado, seja qual for o tema do discurso, continuamente enfoca a atenção no gado e transforma-o no valor maior da vida nuer.

IX

Outra maneira pela qual se pode demonstrar o envolvimento dos Nuer com o gado — nosso último exemplo — é notando-se a vontade e a frequência com que lutam por ele, uma vez que as pessoas artiscam suas vidas por aquilo a que dão grande valor e em termos desses valores.

No momento, o gado constitui a causa principal de hostilidade, e suspeita, para com o governo, não tanto devido à taxa atual, quanto às patrulhas de coletores de taxas que vinham anteriormente e que não passavam de confiscadores do gado, e também devido às expedições de franco saque nos campos do governo egípcio que precedeu o atual. A guerra dos Nuer com os Dinka tem sido quase que totalmente ofensiva e dirigida para a apropriação de rebanhos e anexação de pastos. O gado

jaak. O poeta, que é um dos filhos de Bul Maloa, dirige-se a seu boi como se fosse seu amigo nos versos finais.

também tem sido a principal ocasião de atrito entre os próprios Nuer. Com efeito, depois de um ataque bem sucedido contra as reservas dinka, freqüentemente há mais lutas pela presa. Além disso, as tribos nuer atacam-se umas às outras para pilhar gado. Assim, os Leek atacam os Jikany, Rengyan e outras tribos do oriente, e as pilhagens de gado são acontecimento comum nas fronteiras tribais em todas as demais partes, pois "roubar" (*kwal*) gado de outra tribo é considerado louvável. Também dentro de uma tribo, as brigas freqüentemente resultam de discussões a respeito de gado, entre suas seções e entre indivíduos da mesma seção, até mesmo da mesma aldeia ou agrupamento familiar. Os Nuer estão prontos a brigar depois de qualquer provocação leve e fazem-no com ainda mais vontade e freqüência quando alguma vaca está em jogo. Por tais questões lutam conterrâneos íntimos e lares são desmanchados. Quando a propriedade do gado está em discussão, os Nuer abandonam prudência e sobriedade, arriscando-se, demonstrando-se temerários e cheios de arimanhãs. Como uma vez me disse meu empregado nuer: "Pode-se confiar a um nuer qualquer quantia de dinheiro, libras, libras e mais libras, e ir embora por anos e voltar e ele não o terá roubado; mas uma única vaca — isso é outra questão".

Os Nuer dizem que é o gado que destrói as pessoas, pois "mais pessoas morreram por uma vaca do que por qualquer outra causa". Eles têm uma história que conta como, quando os animais desmancharam sua comunidade e cada um foi para seu lado viver sua própria vida, o Homem matou a mãe da Vaca e do Búfalo. O Búfalo disse que iria vingar sua mãe, atacando os homens no mato, mas a Vaca disse que ela iria permanecer nas habitações dos homens e vingar sua mãe causando infâmias levianas por dívidas, riquezas de casamento, e adultério, o que levaria a lutas e mortes entre as pessoas. Assim, a rixa entre a Vaca e o Homem continua desde tempos imemoriais, e a cada dia a Vaca vinga a morte de sua mãe ocasionando a morte de homens. Daí, dizem os Nuer de seu gado, "ele terminará junto com a humanidade", pois os homens morrerão por causa do gado e homens e gado cessarão de existir juntos.

Não se deve supor, contudo, que os Nuer vivam em constante tumulto: o próprio fato de que estão preparados para resistir a qualquer infração de seus direitos sobre o gado provoca cautela nos relacionamentos entre pessoas que se consideram membros do mesmo grupo. Pode-se ainda dizer que a grande vulnerabilidade do gado, junto com o extenso espaço vital que ele requer, são compatíveis somente com um amplo reconhecimento de convenções na solução de disputas ou, em outras palavras, a existência de uma organização tribal que abrange um grande território e de algum tipo de sentimento de comunidade que se estende por áreas ainda maiores.

Lutar pela propriedade do gado e tomar gado pelo que se chama de dívidas e ressarcimento de perdas são de ordem um tanto diferente do que pilhar gado sobre o qual nenhum direito, senão o poder do mais forte, é admitido. A guerra contra povos estranhos, ao contrário da guerra dentro de uma tribo, visa quase que inteiramente o saque. A guerra dos Nuer contra os Dinka, portanto, diferencia-se da maioria das guerras primitivas em seu objetivo primário, que é a aquisição de riquezas, pois o gado é uma forma de riqueza que não somente dura longo tempo e se reproduz, como, também, pode ser facilmente tomada e transportada. Além disso, permite que os invasores vivam na região sem abastecimento de gêneros. Colheitas e motrias podem ser destruídas, mas o gado pode ser confiscado e levado para casa. Essa qualidade, que deu aos povos pastoris uma maior inclinação para as artes da guerra do que para as artes da paz, tem significado que os Nuer não são totalmente dependentes de seu próprio gado, mas, sim, podem aumentar seus rebanhos e restaurar a devastação feita pela peste, e de fato vêm, há tempo, aumentando seu rebanho, e assim suplementando suas reservas de alimentos através do saque; condição que conformou seu caráter, economia e estrutura política. Habilidade e coragem na luta são reconhecidas como as virtudes mais elevadas; pilhar, como a mais nobre, bem como rentável, ocupação; e algum tipo de acordo político e unidade, como necessidade.

Apressamo-nos em acrescentar que explicar a guerra entre Nuer e Dinka fazendo referências somente a gado e pastos é simplificar demais. A hostilidade é expressada em termos de gado, e o desejo de ter gado explica algumas das peculiaridades da luta e algumas características das organizações políticas envolvidas nela, mas a luta em si somente pode ser totalmente compreendida enquanto processo estrutural e é assim que a apresentaremos mais adiante.

Passamos agora a um breve exame do sistema ecológico do qual fazem parte os Nuer e seu gado, para descobrir as condições em que se pratica a criação de gado e até que ponto a prática em um determinado meio ambiente influencia a estrutura política.

relacionamento estrutural das pessoas envolvidas na luta e do seu próprio relacionamento com cada um dos lados.

Precisamos fazer referência a outro importante princípio da estrutura política nuer: quanto menor o grupo local, mais forte o sentimento que une seus membros. O sentimento tribal é mais fraco do que o sentimento num de seus segmentos, e o sentimento num dos segmentos é mais fraco do que o sentimento numa aldeia que faça parte dele. Logicamente, pode-se supor que isso ocorre, pois, se a unidade dentro de um grupo é função de sua oposição a grupos do mesmo tipo, pode-se inferir que o sentimento de unidade dentro de um grupo deve ser mais forte do que o sentimento de unidade dentro de um grupo maior que contenha o primeiro. Mas é também evidente que, quanto menor o grupo, maiores os contatos entre seus membros, mais variados são esses contatos, e mais cooperativos são eles. Num grupo grande como a tribo, os contatos entre os membros são pouco freqüentes e a cooperação limita-se a ocasionais incursões militares. Num grupo pequeno como a aldeia, não somente existem contatos diários de habitação, freqüentemente de natureza cooperativa, como também os membros estão unidos por íntimos laços agnáticos, cognáticos e de afinidade, que podem ser expressados na ação recíproca. Os laços tornam-se menos e mais distantes quanto maior for o grupo, e a coesão de um grupo político depende sem dúvida alguma do número e força dos vínculos de tipo não político.

Também deve ser dito que as realidades políticas são confusas e conflitantes. São confusas porque nem sempre, mesmo num contexto político, estão de acordo com os valores políticos, embora tenham tendências a conformar-se a eles, e porque os vínculos sociais de tipo diverso operam no mesmo campo, algumas vezes reforçando e outras indo em sentido contrário a eles. São conflitantes porque os valores que as determinam, devido à relatividade da estrutura política, estão, eles também, em conflito. A coerência das realidades políticas pode ser vista apenas quando o dinamismo e relatividade da estrutura política são compreendidos e quando a relação da estrutura política com outros sistemas sociais é levada em consideração.

4. O Sistema Político

I

As tribos nuer dividem-se em segmentos. Os segmentos maiores são chamados de seções tribais primárias, e estes dividem-se mais em seções tribais secundárias, que são, por sua vez, segmentadas em seções tribais terciárias. A experiência provou que "primária", "secundária" e "terciária" são suficientes enquanto termos de definição, e, nas tribos menores, provavelmente precisa-se de menos termos. Uma seção tribal terciária compreende várias comunidades de aldeias, que são compostas por grupos domésticos e de parentesco.

Assim, a tribo lou, como se pode ver no diagrama abaixo, está segmentada nas seções primárias *gun* e *mor*. A seção primária *gun* está segmentada nas seções secundárias *runjok* e *gaatbal*. A seção secundária *gaatbal* está ainda segmentada nas seções terciárias *leng* e *nyarkwac*. Apenas alguns segmentos são mostrados no diagrama, pois a seção *gaatlek* divide-se em *nyaak* e *buth*, a *runjok* em *falker*, *nyajikany*, *kwacgien*, etc.

TRIBO LOU

Seção primária *mor*

Seção primária *gun*

seção secundária <i>gaatlek</i>	seção secundária <i>runjok</i>	
seção secundária <i>jimac</i>	seção terciária <i>leng</i>	
seção secundária <i>jaajoadh</i>	seção terciária <i>nyarkwac</i>	seção secund. <i>gaatbal</i>

O diagrama abaixo mostra as seções primárias da tribo gaagwang do leste e as seções primárias e secundárias das tribos gaajak do leste e gaajok. Elas são apresentadas da maneira mais acurada que permitem meus conhecimentos, mas qualquer pessoa familiarizada com as dificuldades de desembaraçar o complexo sistema das divisões tribais nuer não ficará surpresa se descobrir seções que conhece por nomes diferentes ou outras que acha que não deveriam ter sido omitidas. Não tenho certeza sobre as seções secundárias da tribo gaagwang, que não visitei.

TRIBOS JIKANY DO LESTE

tribo gaajok	tribo gaagwang	tribo gaajak	
seção primária <i>laang</i>	seção prim. <i>gaaticika</i>	seção sec. <i>nyayani</i> ¹	seção primária <i>gaagwong</i>
seção primária <i>wangkac</i>	seção prim. <i>nyingre</i>	seção sec. <i>cany</i>	seção primária <i>reng</i>
	seção sec. <i>nyathol</i>	seção sec. <i>wan</i>	
	seção sec. <i>minyual</i>	seção sec. <i>kong</i> ²	
	seção sec. <i>wang</i>	seção sec. <i>col</i> ³	
	seção sec. <i>nyathol</i>	seção sec. <i>dhilleak</i> ⁴	
	seção sec. <i>pwot</i>	seção sec. <i>tar</i>	
	seção sec. <i>kwal</i>		
	seção sec. <i>yile</i>	seção sec. <i>kang</i>	
	seção sec. <i>can</i>		
	seção sec. <i>kwul</i>	seção sec. <i>lony</i>	

Entre os Jikany do oeste, parece que os Gaagwang são classificados como parte da tribo gaajok, cujo território abrange ambos os lados do Bahr-el-Ghazal, vivendo a tribo gaajak ao sul desse rio. As seções primárias dessas duas tribos, *gaagwong*, *reng*, *thiang*, *laang*, *wangkac* e *yol* são as mesmas que existem no leste, mas algumas seções secundárias que são importantes ao norte do Sobat não são encontradas — exceto enquanto

1. Junto com a qual vai a seção *nyujani*.
2. Também chamada *nyaruny*.
3. Também chamada *tiék* e *yuar*.
4. Também chamada *gying*.

agrupamentos muito pequenos — no Bahr-el-Ghazal, e vice-versa. A razão para tanto é que certas linhagens migraram para o leste, enquanto que as demais permaneceram na terra de origem.

Depois de ter verificado que a segmentação de outras tribos Nuer segue o mesmo padrão das tribos lou e jikany, não elaborei listas detalhadas de suas divisões, interessando-me por novas e diferentes investigações. Incluo, entretanto, algumas representações sumárias da segmentação tribal nas regiões Gaawar, Lak e Thiang, pelo que fico muito grato a B.A. Lewis, que num tempo foi comissário do distrito do rio Zeraf.

TRIBO GAAWAR

Seção primária <i>radh</i>	Seção primária <i>bar</i>	
seção secundária <i>kerfai</i>	seção terciária <i>bang</i>	seção sec. <i>liih</i>
seção sec. <i>nyadakh won</i>	seção terc. <i>jamogh</i>	
seção secundária <i>per</i>	seção terc. <i>caam</i>	
seção sec. <i>nyalguu</i>		
seção sec. <i>jitheib</i>	seção terc. <i>gatkwa</i>	seção sec. <i>gatkwa</i>

TRIBO LAK

seção primária <i>lenyang</i>	seção primária <i>kwacbur</i>	
seção sec. <i>kudwop</i>	seção terciária <i>nyawar</i>	seção sec. <i>lobut</i>
	seção terciária <i>dongrial</i>	
seção sec. <i>nyapir</i>	seção terciária <i>thiang</i>	
	seção terciária <i>kar</i>	
	seção terciária <i>cuak</i>	seção sec. <i>lak</i>

TRIBO THANG

seção primária <i>riah</i>	seção primária <i>bang</i>	seção sec. <i>nyanguar</i>
seção sec. <i>yua</i>	seção terciária <i>gul</i>	
	seção terciária <i>betid</i>	
seção sec. <i>manyai</i>	seção terciária <i>dwong</i>	
	seção sec. <i>kwuth</i>	
seção sec. <i>giin</i>	seção sec. <i>cuol</i>	

Deve-se ter observado que não tentei relacionar todas as seções de cada tribo, mas sim tentei meramente indicar o modo de segmentação, de tal forma que se possa compreender mais claramente a relação entre divisões tribais e linhagens no capítulo seguinte.

II

Os segmentos de uma tribo possuem muitas das características da própria tribo. Cada um possui um nome diferente, um sentimento comum e um território único. Em geral, uma seção está nitidamente separada de outra por um amplo trecho de mato ou por um rio. Segmentos de uma mesma tribo também tendem a voltar-se em direções diferentes para suas pastagens da seca, como é mostrado nos mapas esquemáticos das pp. 67-69-71, de tal maneira que as divisões espaciais do tempo das chuvas são mantidas e podem ser até acentuadas durante a estiagem, embora, como já foi apontado, nas tribos maiores a leste do Nilo a severidade das condições naturais possa também produzir inter-relacionamentos mais íntimos do que nas tribos menores do oeste.

Quanto menor o segmento tribal, mais compacto é seu território, mais contíguos estão seus membros, mais variados e íntimos são seus laços sociais genéricos, e mais forte, portanto, é seu sentimento de unidade. Como veremos, um segmento tribal é cristalizado em torno de uma linhagem do clã dominante da tribo, e, quanto menor o segmento, mais próximas são as relações genealógicas entre membros desse fragmento de clã. Também quanto menor o segmento, mais o sistema de conjuntos etários determina o comportamento e provoca a cooperação dentro dele. A coesão política, em consequência, não varia somente com as variações da distância política, mas é também uma função da distância estrutural de outros tipos.

Cada segmento é, por sua vez, segmentado e há oposição entre suas partes. Os membros de qualquer segmento unem-se na guerra contra segmentos adjacentes da mesma ordem e unem-se com esses segmentos adjacentes contra seções maiores. Os próprios Nuer colocam claramente esse princípio estrutural na expressão de seus valores políticos. Assim, eles dizem que, se a seção terciária *leng* da tribo lou lutar com a seção terciária *nyarkwac* — e, realmente, tem havido prolongadas disputas entre elas —, as aldeias que compõem cada seção juntar-se-ão para a luta; mas, se houver uma briga entre a seção terciária *nyarkwac* e a seção secundária *runjok*, como ocorreu recentemente em torno de direitos sobre a água em Fading, *leng* e *nyarkwac* unir-se-ão contra o inimigo comum, *runjok*, que, por sua vez, formará uma coalizão dos vários segmentos em que está dividido. Se houver uma luta entre as seções primárias *mor* e *gun*, *runjok* e *gaibal* unir-se-ão contra as seções *mor* combi-

nadas: *gaalik*, *jimac* e *jaiaiah*. Se houver lutas contra os Gaajok ou os Gaawar, as seções primárias, *gun* e *mor*, combinar-se-ão — ao menos em teoria —, e uma tribo lou unida tomará o campo, já que ambas as seções pertencem ao mesmo grupo político e que suas linhagens dominantes pertencem ao mesmo clã. Com certeza elas costumavam unir-se quando dos ataques contra os Dinka.

Entre os Gaajok do leste, as seções *minyal*, *wang* e *nyahol* combinam-se contra os *yol*. Também as seções *thiur*, *dwong* e *kwith* unem-se para a guerra. Essas lutas entre seções tribais e as questões que daí resultam, embora estando baseadas num princípio territorial, freqüentemente são representadas em termos de linhagens, uma vez que existe um íntimo relacionamento entre segmentos territoriais e segmentos de linhagem, e os Nuer costumam exprimir as obrigações sociais empregando expressões de parentesco. Assim, ao me contarem que os *wangkac* e o *yol* iriam unir-se para guerrear contra qualquer outra seção, os Nuer fizeram essa declaração dizendo que as linhagens *wangkac* e *yol* (que constituem as linhagens dominantes dessas seções) iriam unir-se porque seus ancestrais eram filhos da mesma mãe. Veremos no Cap. 5 que os Nuer geralmente falam nesses termos.

Esse princípio de segmentação e a oposição entre segmentos é o mesmo em cada seção de uma tribo e estende-se, além da tribo, para relações entre tribos, especialmente entre as tribos menores do oeste, que se juntam com maior facilidade e freqüência para saquear os Dinka e lutar uns contra outros do que as tribos maiores a leste do Nilo. Assim, um homem da seção *fadang* da tribo bor o exemplificou quando me disse: "Lutamos contra os *rengyan*, mas quando qualquer um de nós dois está lutando contra um terceiro lado, nós nos combinamos com os *rengyan*". Isso pode ser colocado em termos hipotéticos pelos próprios Nuer e pode ser melhor representado da seguinte maneira. No diagrama abaixo, quando Z^1 luta com Z^2 , nenhuma outra seção é envolvida. Quando Z^1 luta com Y^1 , Z^1 e Z^2 unem-se para formar Y^2 . Quando Y^1 luta contra X^1 , Y^1 e Y^2 unem-se, e o mesmo fazem X^1 e X^2 . Quando X^1 luta contra A , X^1 ,

A B

X		Y
X^1		Y^1
X^2		Z^1
		Z^2
		Y^2

X^2 , Y^1 e Y^2 unem-se, todos, para formar B. Quando A saqueia os Dinka, A e B podem unir-se.

As seções tribais maiores eram quase grupos autônomos e agiam como tal em suas intimidades e alianças. Num momento, estavam lutando entre si e, noutro, estavam combinadas contra uma terceira parte. Essas combinações não eram sempre tão regulares e simples como me explicaram e como eu as apresei. Darei alguns exemplos de lutas entre seções tribais. Uma das piores guerras na história dos Nuer ocorreu na geração passada, entre as metades *gun* e *mor* da tribo lou. Ficou conhecida como a *kur lany yak*, a guerra de soltar a hiena, porque tantas pessoas foram mortas que os corpos eram deixados para as hienas comerem. Diz-se que nessa luta os homens demonstraram uma ferocidade inusitada, chegando a cortar fora braços a fim de tomar rapidamente brácelos de marfim. Houve uma disputa mais prolongada, e mais recente, entre as seções terciárias *leng* e *nyarkwac* da tribo lou, que continua até hoje. Conseguiu de uma luta anterior entre *thiang* e *yol*, que numa época formavam subseções dos *nyarkwac*. Os ancestrais das linhagens dominantes nas divisões *leng* e *yol* eram irmãos, enquanto que o ancestral da linhagem dominante da divisão *thiang* estava para esses irmãos na posição de filho de irmã. Por muito tempo os *yol* e os *thiang* viveram em paz lado a lado, mas há alguns anos irrompeu uma briga entre eles, e os *thiang*, derrotados, fugiram em busca de proteção para a seção *leng*. Os *yol* enviaram mensageiros aos *leng*, dizendo-lhes para não receber seus inimigos, nem dar-lhes asilo. Os *leng* responderam que o ancestral da linhagem LENG era tio materno do ancestral da linhagem THIANG e que não podiam recusar asilo aos filhos de suas irmãs. Essa atitude envolveu os *yol*(*nyarkwac*) numa segunda guerra, desta vez contra uma combinação de *leng* e *thiang*. Outras disputas recentes dos Lou foram entre as divisões *falkir* e *nyujikany* da seção secundária *rumjok*, e entre várias comunidades locais da seção primária *mor*, particularmente entre duas divisões da seção secundária *jimac*.

Na região Gaajok do leste, a seção primária *yol* reuniu-se à tribo gaajwang (que parece ter-se identificado tanto com a tribo gaajok que quase podemos falar delas — como podemos quando nos referimos ao oeste do Nilo — como uma única tribo separada dos Gaajok pelos amplos pântanos de Maçar) contra várias, se não todas, as seções da tribo gaajok. Os *yol* lutavam contra os *nyayan*, enquanto que os Gaagwang lutavam contra os *reng* e *kung*. Há cerca de meio século, as seções primárias *laang* e *wangkac* da tribo Gaajok envolveram-se numa longa disputa, e também houve guerras entre as seções *yol* e *wangkac*, de que a *yol*, ajudada por seus aliados da tribo gaagwang, saiu vitoriosa; sofrendo os *wangkac* uma derrota tão pesada que se mudaram para o sul, para as margens do rio Pibor. Ali, dizem eles, foram atacados por *Turuk* (árabes de alguma espécie) e mudaram-se novamente para o norte, de volta ao local de suas antigas moradas. Estavam por demais exaustos para retomar a rixa contra a seção *yol*. Apesar dessas lutas internas, se qualquer seção da tribo gaajok estiver envolvida na guerra contra a tribo lou, todas as suas seções virão ajudar a seção ameaçada se esta não for suficientemente forte para resistir à seção dos Lou que se opõe a ela. Também houve disputas entre as seções gaajok do leste, por exemplo, entre *thiang* e *reng*. Quando duas tribos lutam, outras tribos ficam neutras, e se duas seções de uma tribo estão guerreando entre si, as outras seções podem deixar que elas resolvam a questão sozinhas desde que as forças sejam equilibradas e não se peça ajuda. Alguns dos informantes da Síta. Soule indicaram que, quando houve problemas há alguns anos entre a seção *yol* da tribo gaajok e a seção *lony* da tribo gaajok, elas eram bastante fortes para lutar por si mesmas, mas caso a *lony* não fosse bastante forte para lutar sozinha, a seção *kaang* e a *tar*, e possivelmente outras da tribo gaajok teriam vindo em seu auxílio, caso em que as seções gaajok ter-se-iam unido à *yol*. Eles também indicaram que, atualmente, há problemas entre a seção *luhua* e a seção *wang*. Há também problemas entre várias seções do *wangkac*. Se os *luhua* e *wang* começarem a lutar, as seções *wangkac* entrarão em alguma espécie de composição e juntar-se-ão aos *luhua*.

Segundo a tendência generalizada a oeste do Nilo, as tribos gaajok e gaajok do oeste não são apenas menores, mas também menos unidas do que a gaajok e gaajok do leste. Ambas, no Bahr-el-Ghazal, tinham disputas internas frequentes e amargas. Havia uma luta feroz entre a divisão *gai* da seção primária *gaagwong* e duas outras divisões da mesma seção, a *kwoth* e a *bor*, cujas linhagens dominantes originam-se da mesma mãe. As divisões *kwoth* e *bor* foram derrotadas e emigraram para o sul, fixando-se em Kwac, na região dos *reng*. Depois do que mudou-se para território *karlual*. Houve numerosas outras lutas na tribo gaajok. Num tempo, a tribo gaajok toda vivia na margem esquerda do Bahr-el-Ghazal e sua atual extensão na margem direita é consequência de migrações que se seguiram às disputas.

Houve uma época em que toda a tribo leek vivia na margem direita do Bahr-el-Ghazal. Ali, duas de suas seções primárias, a *cuagh* e a *deng* que viviam a oeste do rio Gany, lutaram contra a terceira seção primária, os *keunyung* (*karlual*) que viviam a leste desse rio e, ao serem derrotados, cruzaram o Bahr-el-Ghazal e fixaram-se em sua margem esquerda. Conta-se que alguns aristocratas da seção *nyupir* e alguns aristocratas da seção *nyawach* usaram expressões ofensivas uns em relação aos outros em canções. Tais canções levaram a lutas dos rapazes, sendo que um de cada lado foi morto. Houve mais lutas como consequência e, finalmente, os *deng* e os *cuagh* atravessaram o rio. No ano seguinte, na margem direita e, quando voltaram a suas aldeias, traziam consigo rebanhos que pertenciam aos *keunyung*. Seis das moças voltaram para pegar os rebanhos e, ao voltar, foram atacadas e mortas por alguns homens *keunyung*. Esse ato foi considerado como uma séria quebra das regras da guerra, pois os Nuer não matam outras mulheres nuer. Por causa dele, os *deng* lançaram uma maldição, segundo a qual é proibido a um aristocrata *keunyung* que atravessa o Bahr-el-Ghazal e fixe-se entre os *deng* ou *cuagh* — e também a um aristocrata *deng* ou *cuagh* que muda para o sul e fixe-se entre os *keunyung* — construir um estábulo para gado da maneira habitual. A maldição também faz com que o aristocrata que assim mudou de residência gere apenas meninos como primeiros filhos, por causa das moças que foram assassinadas. Quando o governo efetou a incursão para viver na região *deng* e *cuagh*, muitos aristocratas *keunyung* atravessaram o rio a estação da seca na região *keunyung* porque sua própria região não é rica em bons pastos, mas consiste principalmente em relvas de pântano, que não são tão nutritivas.

Dentro de cada uma dessas seções primárias havia disputas constantes. Assim, na região *karlual*, as seções *riaagh*, *gom*, *jion*, *nyuagh*, *jikul* e *ngwol* frequentemente lutam umas com as outras. Seria aborrecido relatar as ocasiões e resultado dessas lutas mesquinhas. Desejo somente deixar claro que as aldeias ocupadas pelas seções menores, *tuigar* (*ngwol*), *nyang* (*riaagh*), *nyuany* (*yak*), *kol* (*jikul*), etc. distam apenas poucos quilômetros de seus vizinhos mais próximos, estando todos eles contidos em um raio de uns oito quilômetros. E entre aldeias e seções tribais terciárias que ocorrem com maior frequência as brigas e que se desenvolvem as disputas.

Poderia dar muitos outros exemplos de disputas, mas não haveria maior interesse, pois aqueles que citei ilustram fartamente a falta de controle político nas tribos nuer. Podemos concluir que a tribo de um homem apenas exige sua fidelidade nas lutas entre tribos e em guerras contra os Dinka. Em tempos normais, um homem pensa e age como membro de grupos locais muito menores, com cujos membros ele tem múltiplos contatos.

Vista aérea de aldeias (Nuong)
Royal Air Force Official —
Copyright reserved.



III

Podemos empregar o diagrama da p. 155 para ressaltar o princípio da contradição na estrutura política. Um membro da seção terciária Z^2 da tribo B vê a si mesmo como membro de Z^2 em relação a Z^1 , e todos os demais membros de Z^2 vêem a si mesmos como membros desse grupo em relação a Z^1 e são assim considerados pelos membros de Z^1 . Mas ele se considera membro de Y^2 e não mais de Z^2 em relação a Y^1 e é assim considerado pelos membros de Y^1 . Da mesma forma, ele se considera membro de Y e não mais de Y^2 em relação a X , e como membro da tribo B, e não de sua seção primária Y , em relação à tribo A. Qualquer segmento se vê como unidade independente em relação a outro segmento da mesma seção, mas vê ambos os segmentos como uma unidade em relação a outra seção; e uma seção — que, do ponto de vista de seus membros, compreende segmentos opostos — é vista pelos membros de outra seção como uma unidade não segmentada. Por conseguinte, como já apontamos antes, existe sempre contradição na definição de um grupo político, pois ele é um grupo apenas em oposição a outros grupos. Um segmento tribal é um grupo político em oposição a outros segmentos do mesmo tipo, e eles, em conjunto, formam uma tribo apenas quando relacionada a outras tribos nuer e estrangeiras adjacentes, que formam parte do mesmo sistema político; e sem essas relações pode-se atribuir muito pouco sentido aos conceitos de segmento tribal e de tribo. Queremos dizer aqui o mesmo que dissemos quando discutimos a palavra *cieng*: que os valores políticos são relativos e que o sistema político é um equilíbrio entre tendências opostas para a separação e a fusão, entre a tendência de todos os grupos a se segmentarem e a tendência de todos os grupos a se combinarem com segmentos da mesma ordem. A tendência para a fusão é inerente ao caráter segmentário da estrutura política nuer, pois embora todo grupo tenda a se dividir em partes opostas, essas partes precisam tender a fundir-se em relação a outros grupos, já que fazem parte de um sistema segmentário. Daí a divisão e a fusão nos grupos políticos serem dois aspectos do mesmo princípio segmentário, e a tribo nuer e suas divisões devem ser entendidas como um equilíbrio entre essas tendências contraditórias, contudo complementares. O meio ambiente, o modo de subsistência, comunicações pobres, tecnologia simples e escassos suprimentos de comida — com efeito, tudo que chamamos de sua ecologia — explicam até certo ponto os aspectos demográficos da segmentação política nuer, mas a tendência para a segmentação deve ser definida como um princípio fundamental de sua estrutura social.

Deve sempre haver, por conseguinte, algo de arbitrário sobre nossa definição formal de uma tribo por meio dos carac-

teres anteriormente enumerados. O sistema político é uma série em expansão de segmentos opostos a partir das relações dentro da menor seção tribal até as relações entre tribos e estrangeiros, pois a oposição entre segmentos da menor seção parece-nos ter o mesmo caráter estrutural que a oposição entre uma tribo e seus vizinhos dinka, embora a forma de sua expressão seja diferente. Muitas vezes não é nada fácil decidir se um grupo deve ser considerado como uma tribo ou como o segmento de uma tribo, pois a estrutura política possui uma qualidade dinâmica. Usando o pagamento de indenização de sangue como o critério principal, classificamos os Gaajok do leste e os Gaajak como tribos distintas porque não há ressarcimento por homicídios entre eles; contudo, eles se consideram como uma única comunidade em relação aos Lou. O valor tribal ainda é reconhecido por todo o território lou, mas, na realidade, as seções *gun* e *mor* são grandemente autônomas e pode-se duvidar que o ressarcimento por homicídio seja efetivamente pago entre elas, embora os indivíduos digam que deve ser pago. Parece que tantos indivíduos foram mortos nas contendas entre as seções primárias *yo* e *wangkac* da tribo gaajok que todos os pagamentos por homicídio foram interrompidos. Por outro lado, disseram-me que, na época do auge da influência dos profetas lou, Ngundeng e Gwek, houve indenizações durante algum tempo entre os Lou e os Gaajok. Nas tribos maiores, os segmentos reconhecem uma unidade formal, porém pode haver pouca coesão real. O valor tribal ainda é afirmado, mas as relações concretas podem estar em conflito com ele já que se baseiam em lealdades locais dentro da tribo e, em nossa opinião, é nesse conflito entre valores rivais dentro de um sistema territorial que consiste a essência da estrutura política.

As tribos nuer constituem uma avaliação na distribuição territorial, e as relações tribais, intertribais e estrangeiras são modos padronizados de comportamento através dos quais se expressam os valores. O valor tribal é, portanto, relativo e a qualquer momento está vinculado a uma determinada extensão de uma série em expansão de relações estruturais, sem estar inevitavelmente fixado a essa extensão. Além do mais, é não somente relativo (porque aquilo que chamamos de tribo hoje pode ser duas tribos amanhã), como também pode-se dizer que determina o comportamento quando um determinado conjunto de relações estruturais está em operação, principalmente atos de hostilidade entre segmentos tribais e entre uma tribo e outros grupos da mesma ordem estrutural, ou atos que provavelmente irão causar agressão. É muito raro que uma tribo se dedique a atividades de cooperação, e, além disso, o valor tribal determina o comportamento num campo definido e restrito de relações sociais e constitui apenas um dentre uma série de valores políticos, alguns dos quais estão em conflito com ele. O mesmo

se aplica a seus segmentos. Sugerimos, portanto, que os grupos políticos nuer sejam definidos, em função dos valores, pelas relações entre seus segmentos e por suas inter-relações enquanto segmentos de um sistema maior numa organização da sociedade em determinadas situações sociais, e não enquanto partes de uma espécie de moldura fixa dentro da qual vivem as pessoas.

Não duvidamos de que existe uma interdependência entre as várias inter-relações das seções e todo o sistema político do qual fazem parte, mas isso não pode ser demonstrado com facilidade. Já ficou dito que, quanto menor o grupo local, mais coeso ele é e mais contatos de vários tipos têm seus membros uns com os outros. Há menos solidariedade, quanto mais amplo tornamos o círculo, de uma aldeia para as tribos adjacentes. Pode-se concluir, portanto, que há sempre maior oposição entre dois grupos do que entre segmentos deles e que os segmentos são, digamos, segurados juntos por essa pressão externa; não podemos admitir, contudo, que essa opinião esteja de acordo com os fatos, porque parece que se sente maior hostilidade entre aldeias, grupos de aldeias em seções tribais terciárias do que entre seções tribais maiores e entre tribos. É provável que os ataques efetuados pelas tribos e pelas federações de tribos contra os Dinka tenham tido um efeito de integração, porém os Dinka não foram agressivos para com os Nuer e parece que a manutenção da estrutura tribal deve, antes, ser atribuída à oposição entre seus segmentos menores do que a qualquer pressão externa. Se for esse o caso — e um exame da instituição da disputa sugere que é o caso —, chegamos à conclusão de que, quanto mais frequentes e múltiplos os contatos entre membros de um segmento, mais intensa é a oposição entre suas partes. Por mais paradoxal que possa parecer, à primeira vista essa conclusão, somos levados a ela tanto pela observação, quanto pela reflexão sobre o que constitui um sistema segmentário.

IV

Empregamos o termo “disputa” na seção anterior no sentido de hostilidades mútuas prolongadas entre comunidades locais dentro de uma tribo. Esse emprego amplo e ligeiramente impreciso parece justificado pela convenção e, também, conforme demonstraremos, porque — embora a responsabilidade pelo homicídio e o dever de vingar-se caibam apenas aos parentes agnatos próximos do assassino e assassinado — as comunidades a que pertencem ambas as partes são envolvidas, de um modo ou de outro, na hostilidade que se segue e não raro em quaisquer lutas que resultem da disputa. Estritamente, contudo, a palavra poderia ser considerada como empregada com maior

adequação para descrever as relações entre os parentes de ambas as partes numa situação de homicídio, pois ela então se refere a uma instituição específica. Algumas vezes, portanto, falamos de "vendeta" para dar ênfase a esse significado mais restrito e definido com maior clareza.

As vendetas constituem uma instituição tribal, pois podem ocorrer apenas quando se reconhece que houve uma infração à lei, já que constituem o modo pelo qual se obtém o ressarcimento. O temor de provocar uma vendeta é, com efeito, a mais importante sanção legal dentro de uma tribo e a principal garantia da vida e da propriedade de um indivíduo. Se a comunidade de uma tribo tentar vingar um homicídio contra a comunidade de outra tribo, segue-se uma situação de guerra intertribal, mais do que uma situação de disputa e não há modo de resolver a questão por arbitramento.

Como os Nuer têm muita inclinação para lutar, as pessoas são mortas com frequência. De fato, é raro ver um homem de certa idade que não tenha cicatrizes de clava ou lança. Um Nuer deu-me as seguintes causas para lutar: desentendimentos em relação a uma vaca; uma vaca ou cabra comer o sorgo de uma pessoa e esta bater naquela; um homem bater no filho pequeno de outro; adultério; direito sobre a água na estação da seca; direito sobre o pasto; um homem tomar emprestado algum objeto — especialmente um ornamento de dança — sem pedir licença ao dono. O Nuer briga imediatamente se acha ter sido insultado, e os Nuer são muito sensíveis e ofendem-se com facilidade. Quando um homem pensa ter sofrido um dano, não há qualquer autoridade a quem se possa queixar e da qual possa obter um ressarcimento, de modo que ele, imediatamente, desafia para um duelo o homem que causou o dano, e o desafio deve ser aceito. Não há outra maneira de resolver uma questão, e a coragem de um homem é sua única proteção imediata contra a agressão. Somente quando o parentesco ou o *status* do conjunto etário impedem um apelo às armas, é que o Nuer hesita em fazer o desafio, pois jamais lhe ocorre pedir conselhos antes e ninguém iria prestar atenção a conselhos não pedidos. A partir de seus anos mais tenros, as crianças são encorajadas pelos mais velhos a resolverem todas as questões lutando, e elas crescem considerando a habilidade de lutar como a realização mais necessária e a coragem, como a virtude mais elevada.

Os meninos brigam com braceletes ponteados. Homens da mesma aldeia ou acampamento brigam com clavas, pois é convencional que as lanças não sejam empregadas entre vizinhos próximos, ou um deles poderia ser morto e a comunidade ficar dividida por uma vendeta. É também convencional que nenhum terceiro tome parte na briga, mesmo que seja parente próximo de um dos combatentes. Uma vez começada a briga, nenhuma

das partes pode desistir e são obrigadas a continuar até que uma delas fique seriamente ferida, a menos que — como acontece em geral — as pessoas as separem à força, reclamando em altos brados, e se coloquem entre elas.

Quando começa uma briga entre pessoas de aldeias diferentes é com lanças; todo homem adulto de ambas as comunidades toma parte nela; e não pode ser terminada antes que tenha havido uma perda considerável de vidas. Os Nuer sabem disso e, a menos que estejam muito zangados, relutam em começar brigas com aldeias vizinhas e muitas vezes permitem de boa vontade que o chefe da pele de leopardo ou os anciãos intervenham. Vi uma briga desse tipo ser impedida pela mediação dos anciãos de ambos os lados, mas estava claro que tal mediação teria servido de pouco se os jovens estivessem ansiosos para chegar às vias de fato. Hoje tais brigas são menos comuns, porque o medo da intervenção do governo funciona como preventivo, mas cheguei a ver acampamentos e seções tribais preparados para a guerra e a ponto de lutar, e, numa época, as lutas devem ter sido muito frequentes.

Algumas vezes as tribos atacavam-se por causa do gado, mas as lutas entre elas eram raras. Lutas entre comunidades e as vendetas que delas resultam são parte das relações políticas que existem entre segmentos de uma organização tribal comum. Um homem leek disse-me o seguinte: "Nós temos nossas lutas entre nós, e os Gaajok têm lutas entre eles. Nós não lutamos com os Gaajok. Nós só lutamos entre nós. Eles têm suas próprias lutas". As pessoas são mortas nessas lutas e, assim, começam as vendetas. Dentro de uma tribo, existe um método pelo qual tais disputas podem ser resolvidas por arbitramento.

V

Faremos um relato sumário do procedimento de resolver uma vendeta, sem descrever os detalhes do ritual. Logo que um homem mata outro, corre para a casa do chefe da pele de leopardo a fim de limpar-se do sangue que derramou e procurar refúgio contra a retaliação em que incorreu. Ele não pode comer nem beber até que o sangue do morto não tenha saído de seu corpo (pois pensa-se que o sangue entra de alguma forma no corpo do assassino), e, para tanto, o chefe faz uma ou duas incisões verticais em seu braço por meio de um golpe de cima para baixo, a partir do ombro, com uma lança de pesca. O assassino apresenta o chefe com um novilho, um carneiro ou um bode, que o chefe sacrifica. Esse rito e a marca no braço são chamados de *bir*. Logo que os parentes do morto ficam sabendo que ele foi assassinado, tentam vingar-se do assassino, pois a vingança é a obrigação mais coercitiva entre parentes paternos e

constitui a epítome de todas as suas obrigações. Seria uma grande vergonha para todos os parentes, se não se esforçassem em vingar o homicídio. Morando como hóspede do chefe a partir do momento em que seu braço foi cortado até a solução final, o assassino tem asilo, pois o chefe é sagrado e não se deve derramar sangue em sua casa. É possível que os homens se refugiem com um chefe apenas quando o perigo de vingança é muito grande, mas parece que é prática geral.

Enquanto o assassino está na casa do chefe, os vingadores ficam vigiando-o (*bin*) de vez em quando para ver se ele sai de seu santuário e lhes dá uma oportunidade de atingi-lo com as lanças. Eles aproveitam todas as oportunidades que têm para matá-lo, mas não são muito persistentes no procurar essa oportunidade. Esse estado de coisas pode persistir por algumas semanas antes que o chefe inicie as negociações com os parentes do morto, pois não é provável que ele encontre receptividade em suas ofertas até que a cerimônia mortuária não tenha sido realizada e as emoções tenham esfriado um pouco. As negociações são feitas com vagar. O chefe primeiro verifica quanto gado possuem os parentes do assassino (*iithunga*) e se eles estão dispostos a pagar a indenização. Não creio que frequentemente eles se recusam a pagar, a menos que morem muito longe dos vingadores ou que haja uma série de vendetas não resolvidas entre as seções envolvidas, embora eles possam não ter a intenção de entregar todo o gado. O chefe, depois, visita os parentes do morto (*jiran*) e pede-lhes que aceitem o gado em troca da vida. Em geral, eles recusam, pois é ponto de honra ser obstinado, mas a recusa não significa que não estejam dispostos a aceitar o ressarcimento. O chefe sabe disso e insiste, chegando mesmo a ameaçar amaldiçoá-los se não cederem, e suas exortações são apoiadas pelos conselhos de parentes paternos distantes e parentes cognatos que não irão receber nenhuma das cabeças de gado e não precisam, portanto, demonstrar tanto orgulho e teimosia, mas que têm o direito de expressar sua opinião em virtude de seu relacionamento com o morto. A defesa do compromisso é também sustentada pelas tendências do costume. Não obstante, os parentes próximos devem recusar-se a escutá-la até que o chefe não tenha chegado aos limites de sua argumentação, e quando cedem declaram que estão aceitando o gado apenas para honrar o chefe e não porque estão prontos a tomar o gado em troca da vida do parente morto.

Na teoria, paga-se de quarenta a cinquenta reses, mas é pouco provável que todas elas sejam pagas ao mesmo tempo e o débito pode continuar durante anos. As cerimônias de reconciliação são realizadas quando umas vinte reses já foram entregues, e depois disso os parentes do assassino podem circular sem medo de serem emboscados — ao menos por algum tempo, pois não estão livres da vingança até que todo o gado tenha sido

inteiramente pago, e possivelmente nem assim. O chefe leva o gado ao lar do morto. Os parentes do assassino não se aventuram a acompanhá-lo. O gado é parcialmente distribuído entre os parentes do morto e parcialmente empregado para casar uma mulher com seu nome para dar-lhe herdeiros. Mesmo que um homem de cada lado tenha sido morto, o gado deve ser pago por ambos os lados, embora talvez apenas vinte cabeças para cada um, pois o espírito deve ser apaziguado e a honra dos vivos deve ser mantida. Também deve-se realizar sacrifícios a fim de livrar as aldeias da morte, que se encontra à solta nela e deve ser mandada para o mato, e os parentes de ambos os lados devem ser purificados. Por sua participação em tais providências, o chefe recebe, além da carne dos sacrifícios, dois animais, mas ele tem de dar um deles ao parente agnato que o ajuda. É frequente não ganhar nada, já que se espera que ele dê ao assassino uma vaca para ajudá-lo a pagar a indenização e, além do mais, ele teve as despesas de fornecer ao assassino prolongada hospitalidade.

Um homicídio não diz respeito somente ao homem que o cometeu, mas também a seus parentes agnatos próximos. Há mútua hostilidade entre os parentes de ambos os lados e estão proibidos — sob pena de morte, que inevitavelmente caberá àqueles que cometerem a infração — de comer ou beber uns com os outros ou dos mesmos pratos ou vasilhas, mesmo que seja na casa de um homem que não seja aparentado a nenhum dos lados. Essa proibição cessa depois que o gado foi pago e os sacrifícios foram feitos, mas os parentes próximos de ambos os lados não comerão uns com os outros durante anos, até mesmo durante uma ou duas gerações, por razões sentimentais. "Um osso (o morto) está entre eles". De fato, todos os Nuer reconhecem que, apesar dos pagamentos e dos sacrifícios, uma vendeta continua para sempre, pois os parentes do morto jamais cessam "de ter morte em seus corações". Durante anos, depois de o gado ter sido pago, agnatos próximos do assassino evitam os agnatos próximos do morto, especialmente nas danças, pois na excitação que estas provocam o simples ato de esbarrar num homem cujo parente foi morto pode dar início a uma briga, pois a ofensa jamais é esquecida e as contas devem, em última análise, ser acertadas com uma vida. Quando um morto é casado com uma esposa, a noiva é esfregada com cinzas pelos parentes do marido morto e, por meio delas, invoca-se a deus, pedindo que ela possa gerar um filho que irá vingar seu pai. Esse filho é um *gai ter*, um filho de vendeta. Nos sacrifícios, diz-se ao espírito que seus parentes aceitaram o gado e casarão uma esposa com ele, mas os parentes também lhe garantem que um dia ele será vingado adequadamente pela lança. "Um Nuer é orgulhoso e quer o corpo de um homem como vingança e não seu gado. Quando ele matou um homem, ele pagou a dívida e,

então, seu coração se alegrou". Portanto, embora o chefe avise os parentes do morto, nas cerimônias de reconciliação, que a vendeta terminou e não deve ser reiniciada, os Nuer sabem que "uma vendeta jamais termina". Pode haver paz por algum tempo, em virtude das razões que persuadiram os parentes a aceitar a indenização e em virtude do gado que receberam, mas a inimizade continua e as pessoas de ambos os lados ficam *jiter*, pessoas que estão lutando, mesmo que não haja abertamente hostilidades. Não há lutas frequentes ou uma hostilidade incessante e contínua, mas a ferida ulcera-se e a disputa, embora formalmente terminada, pode a qualquer momento irromper novamente.

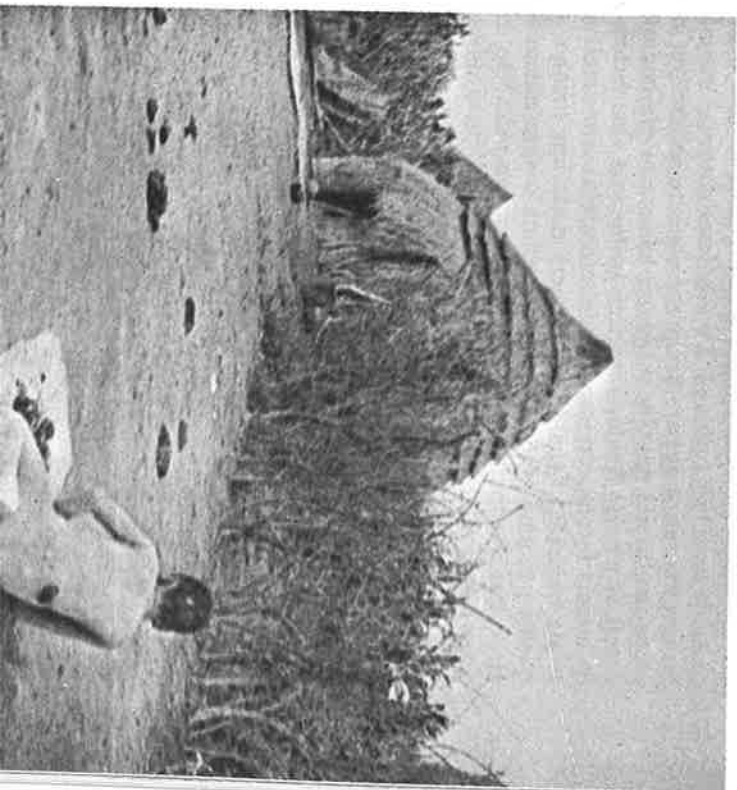
VI

Já dissemos que as disputas criam um estado de hostilidade entre as linhagens e, conseqüentemente, como explicaremos mais adiante, entre seções tribais inteiras; e que não há uma diferença muito grande entre os esforços ocasionais para obter vingança quando as disputas ainda não foram resolvidas, e a hostilidade latente que persiste quando já o foram. Isso, contudo, aplica-se somente quando os homicídios são entre seções tribais primárias, secundárias ou terciárias. Em grupos menores isso não ocorre, pois, apesar da força dos sentimentos despertados e de sua persistência após ter sido efetuado o ressarcimento, as disputas têm de ser resolvidas com maior rapidez e não é provável que irrompam novamente depois da solução.

O que acontece quando um homem mata outro depende do relacionamento existente entre as pessoas envolvidas e de suas posições estruturais. Existem pagamentos diferentes, conforme seja um verdadeiro Nuer, um Dinka vivendo na terra dos Nuer, e, entre os Jikany do leste, um membro do clã aristocrático (ver p. 226). A habilidade de levar avanti uma vendeta e, conseqüentemente, de obter reparação por meio de uma vida ou pelo pagamento de gado depende até certo ponto da força da linhagem do homem e de suas relações de parentesco. Mas a intensidade de uma disputa e a dificuldade de solucioná-la dependem principalmente do tamanho do grupo envolvido. Se um homem mata outro que se relaciona intimamente com ele — seu primo paterno, por exemplo — ainda há pagamento de gado, embora menos, provavelmente umas vinte cabeças. Uma das fontes de contribuição, os irmãos do pai, ou os filhos deles, seriam os beneficiários da indenização e, portanto, não podem pagá-lo. Não obstante, algum gado deve ser pago já que é necessário compensar a família do morto, dar ao espírito uma esposa e realizar os sacrifícios devidos. Disseram-me que em tais

II. XVII:

Menino apanhando
estercor para combustível (Lou).



casos a questão é resolvida rapidamente. É provável que uma vendeta possa ser resolvida com maior facilidade quando ocorre no interior de um clã, pois os Nuer consideram errado que os membros de um clã se envolvam numa vendeta. Depois que o pagamento foi feito, eles dizem: "A vendeta foi cortada para trás, nós voltamos ao parentesco". Também se diz que, se houve muitos casamentos entre dois grupos, é pouco provável que ocorra uma vendeta.

Quando um homem mata outro de sua própria aldeia ou de uma aldeia vizinha com a qual sua aldeia mantenha relações sociais íntimas, a vendeta é logo resolvida, porque as pessoas de ambos os lados precisam misturar-se e, com certeza, haverá entre elas muitos laços de parentesco e afinidade. Aponta-se ao espírito o fato que o gado foi pago e que é impossível vingá-lo tomando alguma vida porque ninguém acabaria ficando vivo se a disputa fosse continuada entre parentes e vizinhos. A vida cooperativa é incompatível com uma situação de vendeta. Quando um homem fere com a lança um outro de uma aldeia vizinha, é costume que as pessoas da aldeia de quem feriu enviem a lança que provocou o ferimento aos parentes do ferido a fim de que estes possam tratá-la pela mágica e impedir que a ferida seja fatal. Eles enviam também um carneiro para sacrifícios. Assim fazendo, declaram sua esperança de que a ferida logo fique curada e que não querem correr os riscos de uma vendeta por causa de uma briga pessoal. Depois dessa cortesia, mesmo se o homem morrer, seus parentes provavelmente aceitarão a indenização sem muita relutância. Se um homem morre muitos anos depois de ter sido ferido, a morte é atribuída a essa ferida, mas, da mesma forma, o ressarcimento será aceito sem timidez e em escala reduzida. Quando um homem mata um vizinho, é freqüente que uma vaca seja paga imediatamente e apressadamente de modo que a comunidade possa continuar em paz. Não se deve supor, contudo, que a facilidade com que as disputas são resolvidas seja um indicio da falta de violenta indignação ou que a dificuldade com que são resolvidas constitua um indicio de indignação maior.

As disputas são resolvidas com certa facilidade num meio social restrito onde a distância estrutural entre os participantes é pequena, mas tornam-se mais difíceis de resolver quando o meio se expande, até atingirmos relações intertribais, onde nenhum ressarcimento é oferecido ou esperado. O grau de controle social sobre as disputas varia com o tamanho do segmento tribal, e os próprios Nuer freqüentemente explicaram-me esse fato. Disputas prolongadas e intensas podem ter lugar entre seções tribais terciárias, mas em geral faz-se um esforço para terminá-las, pois um segmento de tais dimensões possui um forte sentimento de comunidade, íntimos laços de linhagem e alguma

interdependência econômica. Contudo, é muito menos fácil deter uma disputa entre pessoas de seções terciárias diferentes do que deter uma outra numa aldeia ou entre aldeias vizinhas, onde se garante uma solução rápida e permanente; tendem a acumular-se disputas não solucionadas entre seções dessas dimensões. Esse é o caso especialmente quando não houve uma só morte resultante de uma briga pessoal, mas várias mortes durante uma luta entre as duas seções. Quando ocorreu uma luta entre seções tribais secundárias, há poucas probabilidades de vingança exceto uma luta generalizada, e as pessoas sentem menos necessidade de submeter-se à mediação já que têm menos contatos sociais e estes são de tipo temporário, pois a facilidade relativa com que as disputas são solucionadas constitui uma indicação da coesão da comunidade. Quanto maior o segmento envolvido, maior a anarquia que prevalece. As pessoas dizem que há pagamento da indenização de sangue entre seções tribais primárias, mas não se sente uma grande necessidade de pagá-la. A tribo constitui o último estágio nessa anarquia crescente. Ela ainda tem uma unidade política nominal, e sustenta-se que as disputas entre seus membros mais distantes podem ser resolvidas pelo ressarcimento, mas não raro elas não são resolvidas, e, se muitos homens são mortos numa grande luta entre grandes seções, nada é feito para vingá-los ou para indenizar suas mortes. Os parentes ficam esperando até haver nova luta. O tegumento político pode, em consequência, ser esticado a ponto de romper-se e a tribo separar-se em duas. A fenda entre as seções torna-se mais ampla até que elas têm muito pouco a ver uma com a outra, além de ocasionais unificações para saques; e as disputas entre seus membros são resolvidas, se é que chegam a sê-lo, com maior dificuldade e casualidade.

VII

A probabilidade de um homicídio se transformar numa vendeta, sua força e suas possibilidades de solução, dependem, portanto, das inter-relações estruturais das pessoas envolvidas. Além disso, a vendeta pode ser vista como um movimento estrutural entre segmentos políticos por meio do qual é mantida a forma do sistema político nuer, que conhecemos. É verdade que apenas parentes agnatos próximos de ambos os lados são envolvidos imediatamente e diretamente, mas as disputas entre pessoas que pertencem às seções tribais diversas mais cedo ou mais tarde influenciam as inter-relações das comunidades inteiras a que pertencem.

Os parentes do morto tentam matar o *gwan thunga*, o assassino, mas têm também o direito de matar qualquer dos agnatos próximos (*gat gwanlen*). Eles não podem matar filhos do irmão da mãe, da irmã do pai ou da irmã da mãe do

assassino, porque essas pessoas não pertencem à linhagem do assassino. Também apenas as linhagens mínimas dos dois lados estão envolvidas indiretamente na disputa. Entretanto, a significação da disputa pode ser atribuída menos à facilidade de solução dentro dos grupos menores, do que às dificuldades de solução dentro dos grupos maiores, que participam indiretamente do conflito. Já foi dito que as pessoas envolvidas numa disputa não podem comer sob o mesmo teto, e, como um homem come em todas as casas de sua aldeia, os membros da aldeia são imediatamente alcançados pela proibição e passam a estar num estado de oposição ritual mútua. Todas as pessoas de uma aldeia estão em geral aparentadas de alguma maneira e também possuem um forte sentimento de comunidade, de modo que, se há alguma luta entre sua aldeia e outra em razão de uma disputa em que estão envolvidos alguns de seus membros, é provável que toda a aldeia venha a ser envolvida. Assim, nas danças, os homens de cada aldeia chegam em formação de guerra e mantêm uma linha ininterrupta por toda a dança, de tal modo que, se um deles for atacado, os demais encontram-se a seu lado e podem ajudá-lo. Pessoas que não são diretamente afetadas pela disputa podem, assim, ver-se forçadas a ajudar as partes principais.

Observamos, além disso, que a intensidade de uma disputa e o modo como é conduzida dependem do relacionamento estrutural das pessoas envolvidas dentro do sistema político. Não se pode tolerar uma disputa dentro de uma aldeia e é impossível manter uma por longo tempo entre aldeias vizinhas. Consequentemente, embora as brigas ocorram com maior frequência dentro de uma aldeia ou entre aldeias e acampamentos vizinhos, uma vendeta, no sentido de uma relação de partes entre as quais existe uma dívida não saldada de homicídio que pode sê-lo, ou pela vingança, ou pelo pagamento de indenização — um estado temporário de hostilidade ativa que não força a uma solução imediata, porém exige uma conclusão eventual — somente pode persistir entre seções tribais que estejam bastante próximas para manter relações hostis ativas e bastante distantes para que essas relações não impeçam contatos sociais essenciais de tipo mais pacífico. Uma disputa tem pouco significado a menos que haja relações sociais de algum tipo que possam ser rompidas e retomadas, e, ao mesmo tempo, essas relações precisam de uma solução eventual se é que não se quer um rompimento completo. A função da disputa vista sob esse prisma, é, portanto, manter o equilíbrio estrutural entre segmentos tribais opostos que estão, não obstante, fundidos politicamente quando comparados a unidades maiores.

Através da vendeta, seções inteiras são deixadas num estado de hostilidades mútuas sem que a hostilidade leve a guerras

frequentes, pois o objetivo da vingança direta limita-se a pequenos grupos de parentesco e os esforços para atingi-la não são incessantes. Há uma briga entre duas seções e algumas pessoas são mortas em ambos os lados. Apenas as linhagens que perderam um membro encontram-se num estado de vendeta direta com as linhagens que destruíram o membro; contudo, através da residência comum, do patriotismo local e de uma rede de laços de parentesco, as seções inteiras participam da inimizade que disso resulta, e o prosseguimento das disputas pode levar a mais lutas entre as comunidades envolvidas e a uma multiplicação de disputas entre elas. Assim, quando a seção *nyarkwuc* da tribo lou lutou contra a seção *leng*, a linhagem Lam e as pessoas que vivem com ela colocaram-se contra as linhagens Mar, Kwoth e Malual e as pessoas que vivem com estas; a linhagem Manthiepi colocou-se contra a linhagem Dumien, e assim por diante. Apenas essas linhagens mínimas envolveram-se umas com as outras nas disputas que resultaram, e não linhagens colaterais, embora tenham tomado parte em outros setores da luta; entretanto, a hostilidade entre as seções era comum a todos os membros. Um exemplo do que os Nuer pensam a esse respeito é dado por suas reações no acampamento de gado de Muot Dit, quando o governo fez reféns para forçá-los a entregar dois profetas. A queixa que eu mais ouvi foi que os reféns não pertenciam às linhagens dos profetas e, portanto, não estavam diretamente envolvidos na questão. O governo estava encarando o problema em termos territoriais, eles, em função do parentesco, de modo análogo às convenções de uma vendeta.

Além das obrigações rituais, dos deveres de parentesco, do sentimento de comunidade e outros, existe outra razão para que as vendetas entre pequenas linhagens, especialmente quando há muitas, desenvolvam-se até se tornarem estados de disputas crônicos e tendam a manter sentimentos de hostilidade entre comunidades. Conforme é explicado no Cap. 5, toda comunidade está associada a uma linhagem de tal modo que todas as pessoas na comunidade que não são membros da linhagem são assimiladas a ela nas relações políticas, as quais são, portanto, frequentemente exprimidas em valores de linhagem. Daí uma vendeta entre pequenos grupos agnatos ser traduzida numa disputa, no sentido mais amplo, entre linhagens com que esses grupos estão associados através da expressão das relações perturbadas em função de sua estrutura, e as comunidades associadas às linhagens estarem envolvidas em hostilidades mútuas.

A hostilidade entre segmentos menores de uma tribo pode envolver os segmentos maiores das quais fazem parte. Uma briga entre duas aldeias pode, portanto, como já notamos, causar uma luta entre seções tribais secundárias, ou mesmo primárias. As inter-relações entre seções maiores são, de certo modo, ope-

radas pelas inter-relações entre seções menores. Quando uma seção na qual há disputas não resolvidas luta contra outra seção, todas as brigas são deixadas temporariamente de lado e toda a seção junta-se para a ação.

A vendeta é uma instituição política, sendo um modo aprovado e regulado de comportamento entre comunidades dentro de uma tribo. A oposição equilibrada entre segmentos tribais e suas tendências complementares de fundir-se e dividir-se — que vimos constituírem um princípio estrutural — torna-se evidente na instituição da vendeta que, por um lado, dá vazão à hostilidade por uma ação ocasional e violenta que serve para manter as seções distanciadas, e, por outro lado, em virtude dos meios fornecidos para a solução, impede que a oposição se desenvolva até o rompimento total. A constituição da tribo precisa de ambos os elementos de uma disputa, a necessidade de vingança e o meio de solução. O meio de solução é o chefe da pele de leopardo, cujo papel iremos examinar mais adiante. Nós consideramos a disputa, portanto, como essencial para o sistema político, na forma como existe hoje. Entre tribos, somente pode haver guerra; e através da guerra, da memória da guerra e da potencialidade de guerra, as relações entre tribos são definidas e expressadas. Dentro de uma tribo, as lutas sempre produzem disputas, e uma relação de disputa é característica dos segmentos tribais e fornece à estrutura tribal um movimento de expansão e contração.

É claro que não existe uma distinção nítida entre lutar contra outra tribo e lutar contra um segmento da própria tribo. Os Nuer, contudo, ressaltam que a possibilidade de arbitramento e de pagamento de indenização de sangue por mortes resultantes de uma luta dentro de uma tribo transforma-a em *ter*, uma disputa, e que isso difere de uma luta entre tribos, *kur*, onde pretensões de ressarcimento não seriam reconhecidas. Ambas diferem do ataque contra os Dinka, *pec*, e dos duelos individuais, *dwac*, embora todas as lutas sejam *kur* em sentido genérico. Mas é óbvio que uma luta numa aldeia, que leva de imediato ao pagamento de ressarcimento pelas mortes, e uma luta entre tribos onde não há ressarcimentos por mortes são dois pólos distintos, e que, quanto mais nos distanciamos de uma comunidade de aldeias, as lutas entre seções tribais tornam-se mais semelhantes às lutas entre tribos, em virtude do ressarcimento ser efetuado cada vez com maior dificuldade e com menos frequência, de tal forma que, entre seções primárias, o valor tribal, o sentimento de que o ressarcimento pode e mesmo deve ser efetuado distingue, ele sozinho, as lutas entre seções das lutas entre tribos. Aqui, novamente, ressaltamos a conclusão de que o valor tribal é relativo à situação estrutural.

Ressaltamos, além disso, que as vendetas envolvem diretamente apenas umas poucas pessoas e que, embora por vezes

provocuem violências entre comunidades locais inteiras — uma disputa em sentido amplo —, os contatos sociais normais continuam apesar delas. Os fios do parentesco e afinidade, das filiações a conjuntos etários, e dos interesses militares e mesmo econômicos permanecem intactos; e esses fios funcionam como elásticos entre as seções, sendo capazes de considerável expansão pelas relações políticas conturbadas, mas sempre contendo as comunidades e mantendo-as enquanto um único grupo em relação a outros grupos do mesmo tipo. Como já explicamos, esses fios diminuem de número e força quanto maior a comunidade, mas eles se esticam até mesmo além das fronteiras tribais. Crescente anarquia e crescente dificuldade em solucionar vendetas, caminham passo a passo com a menor frequência dos contatos sociais de todo tipo. A coesão social aumenta à medida que o tamanho da comunidade diminui.

VIII

É claro que existem disputas entre Nuer além das referentes a homicídios, mas elas podem ser tratadas com brevidade e em relação direta com o homicídio e a vendeta. Em sentido estrito, os Nuer não têm lei. Há ressarcimentos convencionais por danos, adultério, perda de membros, etc., mas não há qualquer autoridade com poder para pronunciar sentenças sobre tais questões ou para fazer cumprir veredictos. Na terra dos Nuer, os poderes legislativo, judiciário e executivo não estão investidos em quaisquer pessoas ou conselhos. Entre membros de tribos diferentes não há de se falar em ressarcimento; e, mesmo dentro de uma tribo, pelo que vi, os danos não são apresentados sob o que chamaríamos de forma legal, embora o ressarcimento por danos (*ruok*) seja pago algumas vezes. Um homem que acha ter sido prejudicado por outro, não pode processá-lo porque não existe tribunal para citá-lo, mesmo que este estivesse disposto a comparecer. Vivi em intimidade com os Nuer durante um ano e jamais ouvi uma questão ser apresentada perante um indivíduo ou tribunal de qualquer tipo e, além disso, cheguei à conclusão de que é muito raro que um homem obtenha ressarcimento a não ser pela força ou pela ameaça de empregar a força. A recente introdução de cortes governamentais, perante as quais, hoje, algumas vezes as questões são resolvidas, de modo algum invalida essa impressão, porque sabe-se muito bem que, entre outros povos africanos, são apresentadas questões perante cortes sob a supervisão do governo que anteriormente não foram resolvidas num tribunal, ou mesmo conciliadas, e como durante muito tempo depois da instituição de tais tribunais governamentais eles vêm operando lado a lado com os antigos métodos de fazer justiça.

Antes de discutir as principais características do processo legal nuer, desejo registrar que — segundo informações verbais, pois jamais observei o pro-

cedimento — uma das maneiras de solucionar disputas é usando como mediador o chefe da pele de leopardo. Assim, disseram-me que um homem cuja vaca tenha sido roubada pode pedir ao chefe da pele de leopardo que vá junto com ele pedir a devolução da vaca. O chefe vai na frente, com vários dos anciãos da aldeia, à casa do queixoso, onde lhe dão cerveja para beber. Mais tarde eles vão, com uma delegação da aldeia do queixoso, à aldeia do acusado, e também ali o chefe pode ser presenteado com um pouco de cerveja ou um bode. O chefe é considerado neutro e uma certa santidade é atribuída a sua pessoa, de modo que há poucas probabilidades da delegação ser ferida. Os anciãos visitantes sentam-se com os anciãos da aldeia do acusado e mais o chefe num dos estábulos e conversam sobre a questão em litígio. O dono do animal apresenta sua opinião e o homem que o roubou tenta justificar sua ação. Então o chefe, e qualquer outro que desejar, expressa sua opinião sobre o caso. Quando todos se manifestaram, o chefe e os anciãos retiram-se para discutir o caso entre si e para chegar a uma decisão comum. Os litigantes aceitam o veredito do chefe e dos anciãos e, mais tarde, o dono do animal dá ao chefe um novilho ou um carneiro novo a menos que seja um homem muito pobre, quando então nada dá.

Se alguém tem um litígio com pessoa da mesma vizinhança, pode ir à casa do chefe da pele de leopardo local e pôr suas lanças no chão de seu estábulo. Um homem nunca poderia cravar sua lança no estábulo de um chefe, e, me disseram, se alguém assim procedesse um observador poderia apropriar-se dela pelo fato de que essa atitude demonstra desrespeito para com o chefe. Quando ambos já deram suas versões sobre o caso, o chefe e os anciãos discutem o caso fora do estábulo e retornam para informar os litigantes sobre a decisão. A pessoa que recebe uma decisão favorável entrega sua lança ao chefe que ou a dá para um amigo ou cospe nela e a devolve ao dono. Ficou evidente, pelo modo como meus informantes descreveram todo o procedimento, que o chefe dá sua decisão forjada numa linguagem persuasiva e não com um julgamento pronunciado com autoridade. Além do mais, enquanto o caráter sacro do chefe e a influência dos anciãos têm seu peso, o veredito só é aceito em virtude de ambas as partes concordarem com ele. Nenhuma discussão pode ser estabelecida a menos que ambas as partes estejam preparadas para um compromisso e para submeter-se a um árbitro, sendo o papel do chefe o de mediador entre duas pessoas que desejam que outras os tirem de uma situação difícil que pode levá-los à violência. O homem contra quem se deu a decisão pode aceitá-la para honrar o chefe e os anciãos quando não o faria diretamente e sem a intervenção deles, dado que não perde prestígio ao aceitar o veredito pronunciado. Se houver alguma dúvida sobre os fatos, pode-se empregar alguns juramentos, que pertencem à esfera das provas, tais como fazer declarações juramentadas sobre a pele do leopardo do chefe.

Para que um litígio seja resolvido deste modo não apenas é necessário que ambas as partes queiram resolvê-lo amistosamente, como é também necessário que elas cheguem a um acordo durante a discussão. Ninguém pode obrigar uma parte a aceitar uma decisão e, de fato, não se pode chegar a uma decisão a menos que haja unanimidade, uma vez que os anciãos pertencem a ambos os lados em litígio. Assim, continuam discutindo até que todos tenham-se manifestado e que se haja chegado a um consenso.

Os cinco elementos importantes num acordo desta espécie através de negociações diretas por intermédio de um chefe são: 1. o desejo dos litigantes de resolver a disputa; 2. a santidade da pessoa do chefe e seu tradicional papel de mediador; 3. discussão completa e livre que conduz a um alto nível de concordância entre todos os presentes; 4. o sentimento de que um homem pode ceder face ao chefe e aos anciãos sem perder sua dignidade, quando não poderia ceder frente a seu oponente; e 5.

reconhecimento, pela parte perdedora, da justiça do caso apre-sentado pela outra parte.

Repiro que não vi este método sendo utilizado e acrescento que penso que deve ser bem pouco usado, e isto somente quando as partes são vizinhos bem próximos e pertencem a comunidades ligadas intimamente por muitos laços sociais. Em teoria, qualquer membro de uma tribo pode obter reparação de um outro, mas não temos provas que nos levam a supor que tal reparação era frequentemente obtida. Antes de resumir aquilo que julgamos constituir a natureza e o objetivo das relações legais entre os Nuer, lembramos uns poucos exemplos de atos típicos que conduzem à violência se não se obtém alguma reparação.

Quando um Nuer diz que uma pessoa roubou (*kwal*) um animal, ele quer dizer que essa pessoa levou-o sem permissão e furtivamente, e não quer dizer de modo algum que essa pessoa não deveria tê-lo levado. Numa tribo, um ladrão de gado sempre acha que está pegando aquilo que lhe é devido. Ele está saldando uma dívida (*ngwal*) a seu modo, porque o homem que lhe deve o gado não o pagou de espontânea vontade. O problema legal, assim, consiste em saber se ele tem razão ao sustentar a existência da dívida e se deveria ter levado os animais que levou. É tão comum essa prática de a pessoa levar aquilo que lhe é devido, que se pode dizer que constitui um modo costumeiro de saldar dívidas. Assim, o gado referente ao pagamento final por homicídio é freqüentemente apanhado todo o gado que prometeram, os irmãos da mulher tentam apanhar os animais ainda devidos. Em outras circunstâncias, um homem rouba uma vaca que lhe é devida, às vezes utilizando os serviços de um mágico para encantar o dono a fim de que ele não guarde seu rebanho no dia planejado para o roubo por exemplo, doença, no casamento de sua filha, em tempos de fome e assim por diante, e não recebeu uma viela de volta, embora o devedor possua uma. Tendo levado uma vaca do rebanho do devedor, ele está pronto a devolvê-la se receber, em troca, a uma viela devida. Neste caso, o devedor ou tentará roubar sua vaca ou dará início a uma discussão que resultará em seu pagamento de uma viela, recebendo a vaca de volta.

As únicas querelas numa aldeia ou acampamento com referência à propriedade de gado que testemunhei diziam respeito a obrigações de consangüinidade ou afinidade, e finalmente foram acertadas pelo fato de uma das partes ceder em virtude de seu relacionamento com a outra. Se um homem toma cabeças de gado de um parente consangüíneo ou de um vizinho, ele penetra em seu *kreal* e pega-as. Se o dono estiver com a razão, pode resistir: caso contrário, deixa o gado ir, pois sabe que aquele homem será apoiado pela opinião pública da comunidade. Se um homem pega algum gado de outro homem de uma aldeia diferente, adota táticas diversas. Com um ou dois amigos, fica vigiando o gado no pasto até surgir uma oportunidade. Nunca ouvi falar de que um Nuer roubasse gado de um companheiro de tribo simplesmente pelo fato de querer esse gado. Por outro lado, ele não hesita de modo algum em roubar vacas de pessoas pertencentes a tribos vizinhas e chega mesmo a ir com amigos a tribos vizinhas a fim de roubá-las. Este roubo (*kwal*) não é considerado, de modo algum, como algo errado.

Se um homem comete adultério, paga uma indenização de cinco vacas e um boi, a menos que o outro seja impotente; neste caso, o adúltero pode reivindicar uma vaca no casamento da filha adúltera. Mesmo quando o marido não é impotente, se o adúltero pode provar que há fruto de seu adultério, pode rei-

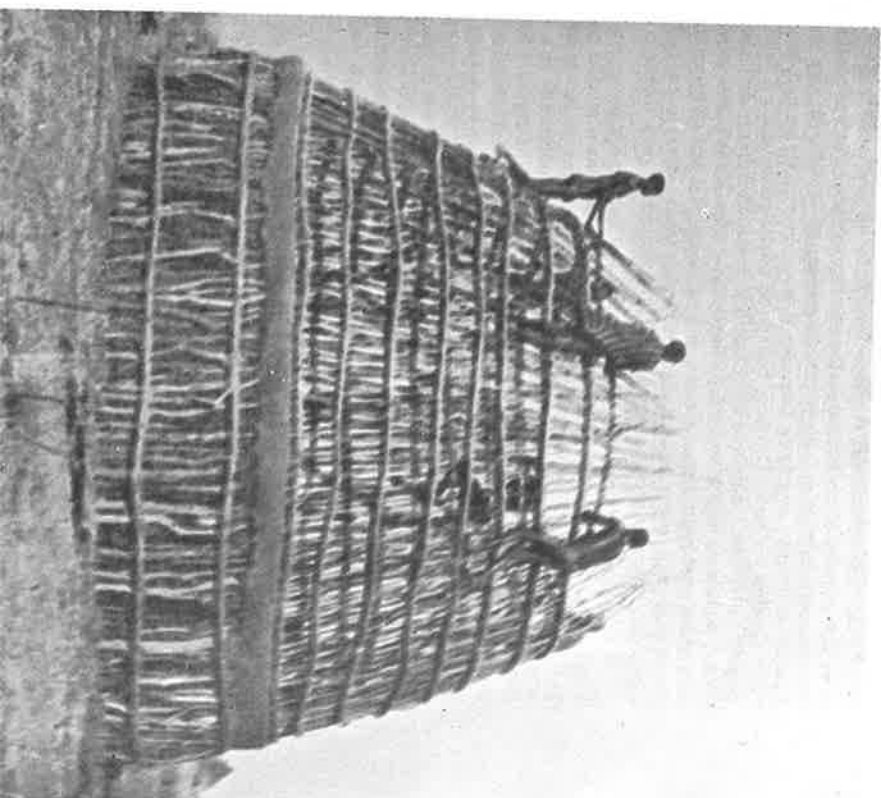
vindicar de volta o gado que pagou como indenização, com exceção de uma vaca que recebe o nome de *yang kule*, a vaca da pele-de-dormir, que tem um significado ritual. Mas o adúltero dentro de uma pequena comunidade local provavelmente é raro porque as pessoas se relacionam todas umas com as outras, e, portanto, um homem não apenas considera errado cometer adúlterio com as mulheres dos outros como isso seria também, num grau maior ou menor, incestuoso. Se os dois homens são consangüíneos próximos, o adúltero fornece um boi em sacrifício, mas dificilmente pagará uma indenização. Se não há parentesco íntimo, o marido pode tentar pegar o gado do adúltero, mas só dará este passo se de fato surpreender o ofensor cometendo o adúlterio. O adúltero, para evitar uma luta, foge, e, se teme que seu gado seja roubado, coloca-o no *kraal* de amigos e parentes. Isto dificulta que o marido leve o gado, pois, ainda que saiba onde estão as reses, não deseja envolver-se em litígio com vários de seus vizinhos por assaltar seus *kraals*. Os Nuer não consideram imoral cometer adúlterio com as mulheres de pessoas que vivem em outras aldeias. Se o marido descobre a ofensa, pode tentar tomar o gado do ofensor, mas agindo assim corre o risco de encontrar resistência, alguém morrer e daí resultar uma vendeta. Um rebanho é propriedade comum de vários irmãos, embora esteja dividido entre eles, e eles não aquiescem facilmente à perda de gado por causa de adúlterio. Pelo que vi, posso dizer que dificilmente um homem consegue reparação por adúlterio. Adúlterio com a mulher de um homem de outra tribo não tem importância alguma. Seja como for, o que poderia ele fazer?

Do mesmo modo, a relação sexual com moça não casada é compensada com o pagamento de uma vitela e um novilho. Mas dificilmente o pagamento será feito. Se os parentes homens da moça sabem que ela está mantendo relações com um homem que possui gado e tem possibilidades de casar-se com ela, eles fecham os olhos. Se ele não tem gado algum ou se a moça já está comprometida e algum de seus irmãos os surpreende em flagrante, o irmão lutará com ele a menos que, como freqüentemente acontece, o homem fuja, pois não se considera covardia fugir em circunstâncias desse tipo. Os parentes da moça podem ir ao *kraal* do homem e, se ele os possuir, pegar um bezerro e uma novilha, e, se forem bastante fortes, podem não encontrar resistência. Isso é o que os Nuer dizem, mas nunca vi ninguém pegar bezerro algum, embora após todas as danças tenha visto moços e moças se encontrarem e manterem relações sexuais promiscuas sem se esforçarem por ocultá-las. Freqüentemente acontece um homem engravidar uma jovem solteira; neste caso, espera-se que case com ela. Os parentes da moça podem fazer uma incursão em seu *kraal* e apanhar algumas cabeças de gado, mas ele tentará evitar isso escondendo seus animais nos *kraals* de parentes e vizinhos. Se mais tarde vier a casar-se com a moça, o gado capturado vale como parte da riqueza apresentada no casamento; e se recusar o casamento, o gado vale como pagamento pela criança que vai nascer, de forma que em ambos os casos ele não paga indenização alguma mas apenas uma taxa para estabelecer seus direitos. Aqui novamente, para falar a verdade, é muito difícil que os irmãos da moça tomem esse gado, a menos que o homem lhes permita levá-lo, e sempre existe o risco de uma luta que pode tornar-se generalizada. Não se mantêm relações sexuais com moças de sua própria aldeia, pois geralmente existem relações de parentesco, de forma que, quando um problema dessa espécie surge, em geral envolve pessoas de diferentes aldeias do mesmo distrito. Se o jovem, no momento do incidente, conseguir não ser atingido na cabeça por uma maça e não aparecer na aldeia da moça durante alguns meses, é provável que acabe não pagando indenização alguma nem sofrendo qualquer outra consequência. Se engravidar a moça, em condições normais o rapaz envia um parente para dizer que pretende casar-se com ela. Neste caso, a moça é considerada comprometida, e o jovem torna-se genro dos pais da moça, e não se fere o próprio genro. Mesmo se ele se recusar a casar-se com a moça, os irmãos dela hesitarão em atacar o pai da criança.

É possível obter dos Nuer uma lista de indenizações por ferimentos nas pessoas; por exemplo: dez cabeças de gado por uma perna ou cabeça quebrada,

II. XVIII:

Construção
de um estábulo
(Jikany orientais).



dez cabeças de gado pela perda de um olho, duas cabeças de gado pelos dentes quebrados de uma moça, etc. Por uma ferida na carne, embora grave, não há indenização a menos que a pessoa morra. Em diferentes partes da terra nuer o número de reses a ser pago como indenização varia. Não constatei caso algum em que alguém recebesse uma indenização dessas, exceto de um tribunal do governo, mas os Nuer alegam que a receberiam se seus parentes fossem suficientemente fortes para retaliar.

Conta-se que, outrora, se um homem morria devido à mágia, seus parentes tentariam matar o mágico (*gwan wal*), embora não tenha conseguido registrar nenhum caso de mágico que foi morto. Os Nuer ressaltam que um mágico não usa seu poder contra pessoas de sua comunidade, mas somente contra pessoas de outras aldeias, de modo que não é fácil vingar-se dele, já que será apoiado por sua aldeia (que considera a mágia poderosa como um valor para a comunidade). Também se diz que, outrora, algumas vezes as bruxas (*peih*) eram assassinadas, embora não possa dizer com qual frequência isso ocorria, se é que chegou a ocorrer.

Muitas disputas originam-se da riqueza apresentada nos casamentos: os parentes do marido não pagam o que prometeram ou, havendo o divórcio, os parentes da mulher não devolvem todo o gado que receberam. Em tais circunstâncias, o devedor não nega o débito, mas apresenta uma pretensão contrária com um fundamento qualquer ou diz que não tem gado para saldá-la. É muito frequente que ele diga isso mesmo quando tem gado. O credor só pode ter certeza de receber o que lhe é devido se o tomar pela força do *kral* do devedor ou do rebanho do devedor quando está no pasto. Se ele for forte e tiver o apoio de uma linhagem poderosa, não encontra resistência, já que tem o direito a seu lado. Tais questões são resolvidas facilmente dentro de uma aldeia e entre pessoas que partilham de um acampamento comum na estação da seca, porque todos percebem que, através da discussão, deve-se chegar a algum tipo de acordo e que este deve ser justo. Contudo, quando as partes pertencem a aldeias diferentes, e talvez hostis, a solução não é tão fácil. Pode-se empregar da maneira já descrita o chefe da pele de leopardo, a fim de fazer com que as partes se reúnam para discutir e se possa chegar a algum entendimento, mas muitas dessas dividas jamais chegam a ser resolvidas. Elas são relembradas durante anos. Talvez algum dia, talvez na próxima geração, haja oportunidade para roubá-lo ao gado.

Se uma esposa morre na primeira gravidez ou no primeiro parto, o marido é responsável. Não se trata de principiar uma vendeta, mas o marido perde o gado que lhe foi pago pelo casamento, pois ele se transforma em indenização de sangue pela perda da mulher. O marido somente é responsabilizado se a morte ocorrer durante o parto, antes da expulsão das placentas. Se há algum desacordo quanto ao tipo de morte ou ao número de reses que ainda são devidas, soluçiona-se o problema através de um mediador, chamado *kua yika* ou *kua yini*. "O chefe das esteiras", função que pertence a certas linhagens. Esse homem não tem outros cargos e não se torna uma pessoa importante em virtude de seu papel de árbitro em questões desse tipo. É fácil obter indenização, pois o sogro tem a posse da riqueza apresentada no casamento. Existe, além de tudo, um laço de afinidade e é pouco provável que alguma das duas partes recorra à violência.

Empregando essas notas breves para exemplificar as tendências da lei nuer, podemos agora expor quais são essas tendências. Falamos de "lei", aqui, no sentido que parece mais adequado quando se está escrevendo sobre os Nuer, ou seja, uma obrigação moral de resolver questões por métodos convencionais, e não no sentido de procedimento legal ou instituições legais. E falamos apenas sobre a lei civil, pois não parece haver ações consideradas ofensivas a toda comunidade e punidas por

ela. Os informantes que disseram que algumas vezes as bruxas e os mágicos eram mortos, afirmaram que eram sempre indivíduos ou grupos de parentes que os emboscavam e os matavam como desforra.

O primeiro ponto a ser notado sobre a lei nuer é que ela não tem uma força uniforme dentro de uma tribo, mas é relativa à posição das pessoas na estrutura social, à distância que as separam do sistema de parentesco, de linhagem, de conjunto etário, e, acima de tudo, político. Em teoria, pode-se obter indenização de qualquer membro da tribo a que se pertence, mas, na verdade, há poucas possibilidades disso se ele não for também membro do mesmo distrito e um parente. Quanto mais ampla a área que contém as partes de um litígio, mais fraco o sentimento de obrigação de solucioná-lo e mais difícil a tarefa de fazer com que seja solucionado; e, conseqüentemente, menos possibilidades dele ser solucionado. No interior de uma aldeia, as diferenças entre as pessoas são discutidas pelos anciãos da aldeia, e paga, ou prometida, pois todos estão relacionados pelo parentesco e interesses comuns. Litígios entre membros de aldeias vizinhas, entre as quais existem muitos contatos sociais e outros vínculos, também podem ser resolvidos por acordo, porém com menos facilidade e maiores probabilidades de se lançar mão da força. Quanto mais nos aproximarmos da tribo, menores as possibilidades de solução. A lei tem pouca força para operar fora de um raio muito limitado e em parte alguma é muito eficaz. A falta de controle social a que freqüentemente nos referimos é assim mostrada pela fraqueza da lei, e as inter-relações estruturais dos segmentos tribais são vistas na relatividade da lei, pois a lei nuer é relativa como a própria estrutura.

Uma razão de peso para que haja poucas possibilidades de indenização entre membros de seções tribais secundárias ou terciárias diferentes é que a base da lei é a força. Não devemos nos deixar enganar pela enumeração dos pagamentos tradicionais por danos e supor que é fácil obtê-los, a não ser que a pessoa esteja preparada a usar a força. A clava e a lança são as sanções dos direitos. O que faz com que as pessoas paguem uma indenização é, principalmente, o medo de que o prejudicado e seus parentes apelm para a violência. Conclui-se que um membro de uma linhagem forte está em posição diversa da de um membro de linhagem fraca. As possibilidades de um homem obter indenização por danos também são menores quanto mais ele se distancie do homem que causou os danos, dado que a oportunidade para empregar a violência e a eficácia do apoio dos parentes torna-se menor à medida que aumenta a distância entre as partes. Já que as providências tomadas pela pessoa, com algum apoio da opinião pública, constituem a principal sanção, ela so-

mente funciona quando as pessoas encontram-se a uma distância onde podem atingir-se mutuamente. Esta constitui uma das razões principais da dificuldade de solucionar litígios quando as partes pertencem a seções tribais primárias ou secundárias.

A maioria dos litígios ocorre em aldeias ou acampamentos e entre pessoas de aldeias próximas, já que as pessoas que vivem perto umas das outras têm mais oportunidade de brigar do que as que vivem distanciadas. Essas brigas são em geral complicadas por aspectos de parentesco, afinidade, idade, etc., e não raro resultam de quebras de padrões específicos de comportamento social, mais do que de meras quebras de regulamentos sociais gerais. Em geral, portanto, são solucionadas em comunidade com esses padrões tradicionais. Contudo, se não forem solucionadas pela mediação de parentes, é provável que levem à violência, pois, como já observamos, os Nuer ficam logo dispostos a lutar quando sofrem algum dano ou insulto a menos que o parentesco, ou uma grande disparidade de idade, faça com que eles se contenham. Se alguém recusa-se a pagar indenização por danos, corre, portanto, um sério risco de ter seu crânio rachado por uma clava ou mesmo de ser atingido por uma lança se os ânimos estão agitados. E isso é o que acontece com frequência.

Por essa razão, dissemos que a lei nuer, enquanto aplicada a um estudo das relações políticas, deve ser tratada em conexão com a vendeta. Os litígios frequentemente podem ser solucionados por causa do parentesco próximo e outros laços sociais, mas entre membros da tribo enquanto tais eles são ou solucionados com o emprego da força pelo prejudicado (e isso pode resultar em homicídio e vendeta) ou com o devedor cedendo porque sabe que a força pode ser usada e daí resultar uma disputa. É o fato de saber que o Nuer é corajoso e irá resistir à agressão e fazer valer seus direitos com clava e lança que garante o respeito pela pessoa e pela propriedade.

Os Nuer possuem um agudo senso de direito e dignidade pessoal. A idéia de direito, *cuong*, é forte. Reconhece-se que um homem deve ser indenizado por determinados danos. Isso não contradiz a afirmação de que a ameaça de violência é a sanção principal pelo não pagamento da indenização, mas está de acordo com ela, pois os parentes de um homem somente o apoiarão se ele tiver direito. É sem dúvida verdade que, um homem sendo fraco, é pouco provável que o fato de ter razão lhe permita obter qualquer satisfação, mas, se ele tiver razão, terá o apoio de seus parentes e seu oponente não — e é necessário a aprovação da comunidade a que se pertence e o apoio dos parentes a fim de lançar mão da violência ou enfrentá-la. Pode-se dizer que, se um homem tem o direito de seu lado e, como consequência, o apoio de seus parentes e se estes estão dispostos a empregar a força, ele tem

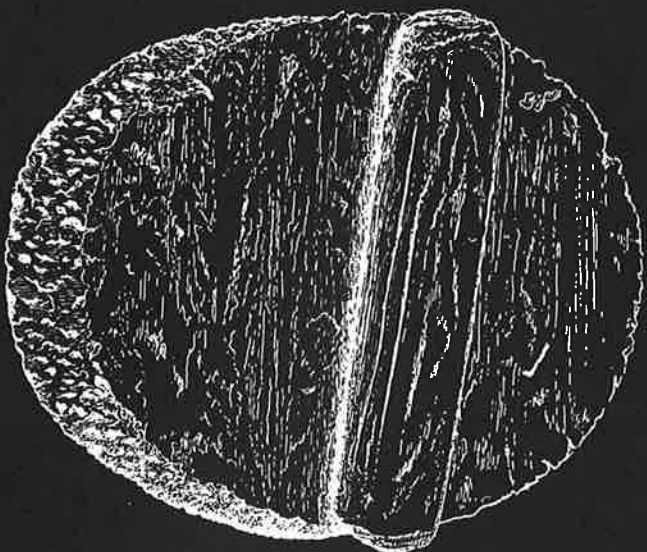


Fig. 12 — Mó de barro com rebolo de madeira.

boas probabilidades de obter o que lhe é devido, desde que as partes do litígio vivam perto uma da outra.

Quando dizemos que um homem tem razão, não queremos sugerir que os litígios se constituem principalmente numa nítida questão entre certo e errado. De fato, seria correto dizer que, em geral, ambas as partes têm razão até certo ponto, e a única pergunta que surge é "quem tem mais razão?" Colocando o problema de outro modo: um litígio nuer, via de regra, é um equilíbrio de danos, pois ninguém comete uma agressão — excetuando-se as questões sexuais — sem ser provocado antes. O Nuer não rouba a vaca de outro, fere-o com uma clava ou retém o gado apresentado no casamento depois de haver o divórcio, a menos que tenha alguma questão a resolver. Consequentemente, é muito raro que um homem negue ter causado algum dano. O que ele faz é procurar justificá-lo, de modo que a solução seja um ajuste de pretensões opostas. Um funcionário com ampla experiência em africanos contou-me que os acusados nuer são notáveis, pois é muito raro que mintam em casos levados aos tribunais do governo. Eles não precisam mentir, uma vez que estão apenas ansiosos por justificar o dano que causaram, mostrando que o mesmo constitui uma retaliação pelos danos causados anteriormente pelo queixoso.

IX

As vendetas são resolvidas através do chefe da pele de leopardo, e ele desempenha papel de pouca importância na solução de disputas que não se originam de homicídios. Poder-se-ia supor que esse funcionário ocupa uma posição de grande autoridade, mas isso não é verdade. Com efeito, baseados nos mesmos fundamentos que dissemos não terem os Nuer lei, podemos dizer que eles tampouco têm governo. Dedicamos algumas linhas a esclarecer quais são as qualificações rituais do chefe da pele de leopardo e, depois, avaliamos o papel que ele desempenha nas vendetas e disputas.

As poucas referências feitas nos escritos dos primeiros viajantes sobre líderes nuer não sugerem que eles tenham sido pessoas de autoridade muito grande¹. A ausência de quaisquer pessoas com autoridade suficiente ou, excetuando-se alguns profetas, com influência suficiente através das quais um sistema administrativo pudesse ser construído é apresentada em termos muito diretos pelos primeiros oficiais britânicos a penetrar na terra dos Nuer². Os "xeques" descritos nesses primeiros rela-

torios como não tendo autoridade são provavelmente as pessoas que mais tarde ficaram conhecidas, entre os europeus, como chefes da pele de leopardo. Um chefe da pele de leopardo, *kuaar muon*, possui uma associação sagrada com a terra (*mun*) que lhe dá certos poderes rituais em relação a ela, incluindo o poder de abençoar ou amaldiçoar. Entretanto, antes que se suponha que o poder de lançar maldições permita a um chefe empunhar grande autoridade, quero registrar, de imediato, que jamais observei um chefe exercer esse poder. Existem histórias contando os supostos efeitos de uma maldição, mas eu creio que, como regra, um chefe apenas se aventura a ameaçar proferir uma maldição quando ele oficia, em sua capacidade ritual, na solução das disputas, ocasiões em que se espera que ele faça isso, dado que a ameaça faz parte do procedimento. Hoje por certo os chefes não têm autoridade em virtude de seu poder de amaldiçoar. Ele também é chamado de *kuaar twac* porque somente ele usa uma pele de leopardo (*twac*) nos ombros. Pode-se ver um chefe vestindo uma na fotografia feita por Corfield na II. XXIV. A palavra *kuaar* possui associações rituais em todas as línguas nilotas, porém, sem discutir mais qual palavra poderia definir melhor seu objeto de referência na língua nuer, pretendemos referir-nos à pessoa em questão, como fizemos até agora, como um chefe, sempre fazendo a ressalva de que, com isso, não queremos dizer que ele possua alguma autoridade secular, porque sustentamos que seus atos públicos são notadamente rituais.

Não obstante, sua função é política, pois as relações entre grupos políticos são reguladas através dele, embora ele mesmo não seja uma autoridade política que tenha controle sobre elas. Suas atividades dizem respeito principalmente a pôr fim às vendetas, dado que estas não podem ser solucionadas sem sua intervenção, e é aqui que se encontra sua significação política. Os chefes por vezes impedem lutas entre comunidades, correndo entre as duas linhas de combatentes e levantando a terra com a enxada aqui e ali. Os mais velhos, então, tentam conter os jovens e chegar a uma solução da disputa através da discussão. Contudo, cremos que uma luta chega a ser impedida dessa forma somente quando os litigantes são vizinhos próximos e não estão de maneira alguma dispostos a matar-se entre si.

Além do papel que desempenham nas vendetas, os chefes executam rituais para purificar as pessoas envolvidas em relações incestuosas, e eles possuem um ligeiro poder de provocar chuva, embora os Nuer não atribuam muita importância a essa arte. Em linhas gerais, podemos dizer que os chefes nuer são pessoas sagradas, mas que isso não lhes confere qualquer autoridade genérica além de situações sociais específicas. Jamais vi um Nuer tratar um chefe com mais respeito do que trata outras pessoas ou falar deles como se fossem pessoas muito importantes. Os Nuer consideram-nos agentes através dos quais disputas de

1. WERNE, *op. cit.*, p. 207; PONCET, *op. cit.*, p. 40; BRUN-ROLLET, *op. cit.*, p. 222. O relato de Brun-Rollet é inaceitável.

2. Kaimakam G. Hawkes, *S.I.R.*, n. 98, 1902; Bimbashi H. GORDON, *S.I.R.*, n. 107, 1903.

um certo tipo podem ser resolvidas e violações de um certo tipo podem ser apagadas, e não raro ouvi comentários como este: "Nós os pegamos e lhes demos peles de leopardo, e fizemos deles nossos chefes para que digam as palavras nos sacrifícios por homicídios". Sua esfera ritual raras vezes estende-se além de uma seção tribal.

Somente determinadas linhagens são chefes e apenas alguns homens dessas linhagens o são efetivamente. Talvez seja significativo que, em muitas partes da terra nuer, incluindo a maioria da área que conheço, os chefes não pertenciam aos clãs dominantes nas tribos onde exercem suas funções, embora se diga que alguns deles são aristocratas nas regiões dos Gaajak do Oeste, Gaawar e Leek. A maioria daqueles que conheço são dos clãs GAATLEAK e JIMEN, que em parte alguma têm *status* de aristocratas. Dado que as lutas entre seções tribais são expressas em termos de linhagens do clã dominante associado às seções, conforme será explicado no capítulo seguinte, o chefe, não ocupando qualquer posição no sistema de linhagens dominantes, está, por isso mesmo, mais capacitado a servir de mediador entre elas. Ele não é membro dos proprietários tradicionais do território tribal, mas sim um estrangeiro que vive em seu meio. Um chefe pode agir como tal em qualquer tribo que resida. Se um chefe é morto, as cerimônias relacionadas com o pagamento da indenização são realizadas por um aristocrata da tribo. Provavelmente isso ocorre porque, mesmo quando os chefes de uma área não são todos membros de um só clã, acredita-se que eles tenham uma espécie de parentesco através da insígnia comum da pele de leopardo e não podem casar-se com membros das famílias dos outros chefes. Consideramos os chefes como uma categoria de peritos em ritual e não achamos que formem, de algum modo, uma classe ou graduação. Cremos que sua função social é um mecanismo pelo qual o equilíbrio do sistema político é mantido através da instituição da vendeta. A ligeira autoridade dos chefes e, em muitas regiões, sua posição externa aos clãs dominantes, confirma essa opinião.

Ao adotarmos a opinião de que considerar o chefe da pele de leopardo como um agente político ou autoridade judicial é compreender mal a constituição da sociedade nuer e estar cego para seus princípios fundamentais, temos de explicar o papel que ele desempenha na solução das vendetas. Afirmamos que ele não tem qualquer autoridade judicial ou executiva. Não é tarefa dele decidir sobre os méritos de um caso de homicídio. Jamais passaria pela mente de um Nuer que seria preciso um julgamento de alguma espécie. Da mesma forma, o chefe não tem meios de fazer com que as pessoas paguem ou aceitem o gado da indenização de sangue. Ele não tem parentes poderosos, nem o apoio de uma comunidade populosa para sustentá-lo. Ele é simplesmente um mediador numa situação social espe-

cífica, e sua mediação tem êxito apenas porque os laços comunitários são reconhecidos por ambas as partes e porque estas desejam evitar — ao menos por enquanto — mais hostilidades. Somente quando ambas as partes querem que o caso seja resolvido é que o chefe pode intervir com sucesso. Ele constitui o artifício que permite que os grupos normalizem um estado de coisas, quando desejam atingir esse objetivo.

É verdade que o chefe da pele de leopardo tem sempre, em tais circunstâncias, que persuadir por meio de exortações e ameaças os parentes do morto a aceitar um ressarcimento, mas essa pressão não deve ser considerada como uma ordem. Fica bastante claro, pelas muitas declarações dos Nuer sobre o assunto, que as ameaças do chefe são encorajadas ao máximo, a fim de que, cedendo à sua persuasão, os parentes do morto possam não desonrar-se por terem deixado de exigir uma vida pela vida de seu parente.

As ameaças de um chefe podem não ir além de dizer que se os parentes não querem ouvi-lo, nem ele ouvirá a eles quando se encontrarem em dificuldade semelhante. Mas disseram-me que, se as pessoas recusam a mediação com obstinação indevida, o chefe pode ameaçar sair de suas casas e amaldiçoá-los. Ele, então, pega um boi e esfrega seu lombo com cinzas, dirige-se a ele, dizendo que, se a parte prejudicada insistir na vingança, muitos deles serão mortos na tentativa e eles atrairão as lanças contra seus inimigos em vão. Disseram-me que ele então ergue a lança para abater o animal, momento em que as pessoas não o deixam prosseguir mais. Tendo afirmado seu orgulho de parente, um membro da família do homem morto agarra o braço erguido do chefe para impedir que atinja o boi, dizendo: "Não! Não mate seu boi. Está tudo acabado. Nós aceitaremos o ressarcimento". Meu informante, cujas afirmações foram confirmadas por outros, acrescentou que se as pessoas insistem em recusar a mediação do chefe da pele de leopardo, este toma um boi de chifres curtos e, depois de ter invocado deus, abate-o e esfrega os pêlos da cabeça do boi até gastá-los, para que os membros da linhagem que rejeitou sua mediação morram ao darem prosseguimento à disputa.

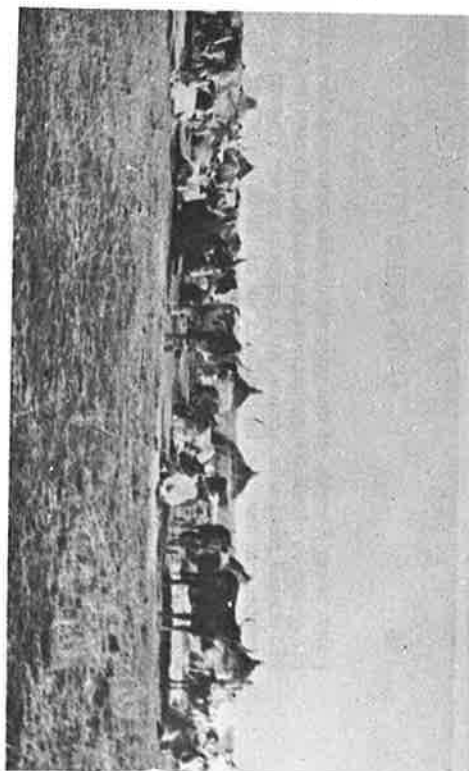
Concluímos, portanto, que a maldição de um chefe não é, em si, a sanção real da falta de solução, mas sim uma operação ritual, convencional, na solução das disputas, solução que é conhecida antecipadamente por todos e já entra, assim, em seus planos. A ameaça nela existente é forçada por aqueles sobre os quais ela irá recair se fosse concretizada. Essas questões são como jogos nos quais todos conhecem as regras e as etapas de desenvolvimento: quando se espera que se abra mão, quando ficar firme, quando ceder no último momento, etc. Essa conclusão baseia-se em muitas afirmações. (Somente uma vez estive presente durante as discussões entre um chefe e os parentes de um homem assassinado, e então as circunstâncias eram incomuns.) Pode-se, contudo, dizer com certeza que nenhuma quantidade de pressão por parte do chefe da pele de leopardo — se chegar a exercê-la — pode resolver as vendetas rapidamente, se é que pode, entre seções tribais maiores. Em outras disputas, o chefe age raras vezes, e somente quando ambos os

lados desejam firmemente uma solução. Ele não tem jurisdição para ouvir casos num distrito. Aqui, mais uma vez, disseram-me que, se uma das partes não aceitar a decisão dele enquanto árbitro, ele pode entregar sua pele de leopardo ao homem que recusa, ação que equivale a uma maldição. O homem, então, terá de fazer um presente ao chefe antes de que este consinta em tomar sua pele de volta. Contudo, isso provavelmente só acontece quando um homem se recusa a aceitar uma decisão com que todos os demais, incluindo os anciãos de sua própria aldeia, já concordaram. Disseram-me que, ao discutir as palavras de um chefe, um homem agirá respeitosamente, primeiro cuspidando nas mãos do chefe como sinal de boa vontade. Não há dúvida que se demonstra respeito pelo chefe nessas ocasiões, mas os chefes que eu vi eram tratados na vida quotidiana como qualquer outro homem e não há meios de dizer se um homem é chefe observando o comportamento dos demais em relação a ele. Seu papel nos litígios pode ser considerado um meio pelo qual os vizinhos, que desejam ver resolvida uma dificuldade sem o uso da força e reconhecem que o outro lado tem boas razões, podem negociar.

X

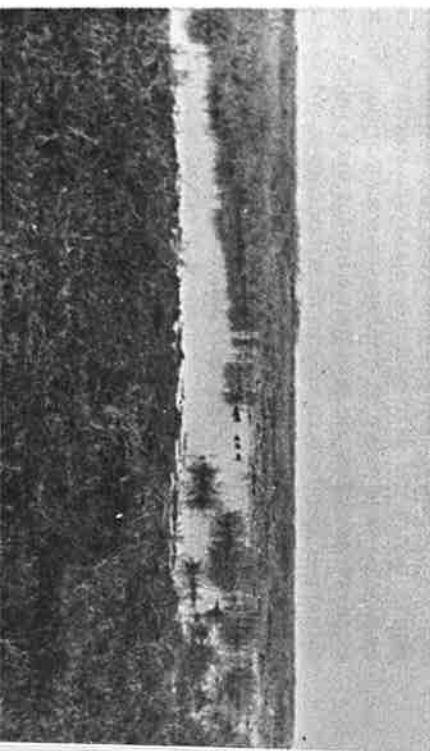
Consideramos a posição do chefe da pele de leopardo com algum vagar porque ela é estruturalmente importante. Ele de maneira alguma representa ou simboliza a unidade e exclusividade dos grupos políticos; mas é somente um artifício pelo qual, através da instituição da disputa, esses grupos interagem e mantêm sua distância estrutural. Existem outras pessoas na terra dos Nuer com poderes rituais de um tipo ou de outro, poderes que algumas vezes tornam um homem conhecido e, ocasionalmente, muito influente; nenhuma delas, porém, é politicamente importante, à exceção dos profetas, cujas atividades discutiremos mais adiante. Eles não governam, nem julgam, e suas funções sagradas não são, como as do chefe da pele de leopardo, especificamente relacionadas à interação de grupos locais. Contudo, não passamos totalmente por cima deles, porque os poderes sagrados freqüentemente dão a um homem prestígio, em virtude do qual ele pode chegar a atingir um destaque local enquanto ancião importante, se os poderes são combinados com riqueza, habilidade e amplas conexões de parentesco.

Ao lado dos profetas e chefes da pele de leopardo, o *status* ritual que traz consigo maior prestígio é o de *wur ghok*, o Homem do Gado. Certas linhagens possuem poderes rituais hereditários em relação ao gado e são chamadas para curar animais doentes e tornar férteis as vacas estéreis, embora apenas alguns membros dessas linhagens empreguem seus poderes. Tal como os chefes da pele de leopardo, os Homens do Gado muitas vezes são membros de linhagens estrangeiras e não do clã aristocrático de sua tribo. Disseram-me que a maldição que



a)
Acampamento
de gado (Leek).

b) Depressão pantanosa
típica em novembro
(Jikany' ocidentais).



podem lançar é temida, já que pode ser dirigida contra o gado, e que os Nuer não gostam de ofendê-los; porém, fora da tradição, não registrei qualquer ocasião em que tenha sido lançada. Além daqueles poucos Homens do Gado que desempenham um papel na regulação dos conjuntos etários (ver Cap. 6) e daqueles que algumas vezes são consultados a respeito da migração para novos pastos, eles não têm funções públicas. Um *wut ghok* dos Gajok do leste ficou muito rico e poderoso há uma geração, mas seu prestígio devia-se grandemente a sua habilidade mágica.

Além do *kuad muon*, que tem um relacionamento ritual com a terra, e do *wut ghok*, que tem um relacionamento ritual com o gado, há uma série de especialistas totêmicos cuja conexão ritual com leões, crocodilos, pássaros, etc. permite-lhes influenciar o comportamento destas criaturas. Um especialista totêmico é possuidor (*gwan*) do espírito (*kwoth*) de seu totem. Especialistas totêmicos não possuem significação política e não possuem influência social, unicamente em razão de seus poderes. Existe um especialista em guerra cuja função é sacudir uma lança na frente do inimigo e fazer uma invocação contra ele. É chamado de *gwan muot*, possuidor da lança, ou *ngul*, e freqüentemente, talvez sempre, é membro de uma linhagem mais velha do clã dominante da tribo, pois ele invoca a lança pelo "nome de lança" do clã. Há também mágicos de vários tipos: curandeiros, adivinhos, donos de remédios e donos de fetiches. Dentre esses especialistas, somente os donos de fetiches tornam-se membros de destaque de suas comunidades devido a seus poderes rituais. Os Nuer têm muito medo dos espíritos dos fetiches e acreditam que são tão poderosos que poderão mesmo comprá-los com gado. Um dono de fetiche pode tornar-se o homem mais influente da aldeia, e fiquei surpreso com o respeito e medo com que seus vizinhos algumas vezes o tratam. Não obstante, ele não tem autoridade definida no controle das relações que os moradores da aldeia mantêm entre si, nem representa a aldeia nas relações desta com comunidades vizinhas.

XI

O *status* ritual dá a um homem uma vaga influência em sua localidade; mas autoridade, somente em situações rituais específicas. Sexo e idade são dois atributos, mais gerais, condicionadores de influência local. Mulheres e crianças têm sempre posição inferior à dos homens. Eventualmente algumas mulheres obtêm renome como profetas e mágicas, porém, via de regra, elas não desempenham um papel de destaque nos negócios públicos. Entre os Nuer, as relações entre os sexos, e entre marido e mulher, são mais equitativas e dão às mulheres mais privilégios do que em qualquer outra tribo que eu tenha visitado no Sudão meridional. Não obstante, elas estão sujeitas aos homens: as filhas a seus pais e as mulheres a seus maridos. Os meninos estão sob as ordens de seus pais e irmãos mais velhos e somente tornam-se membros completos da tribo, com os privilégios e responsabilidades que isso acarreta, quando da iniciação. As relações entre os sexos e entre crianças e adultos pertencem mais a uma descrição das relações domésticas do que a um estudo das instituições políticas.

Quando um rapaz passou pela iniciação, ele se torna "um homem", e quando casou e gerou vários filhos ele se torna "um verdadeiro homem", o que chamamos de um ancião. Já mencionamos algumas vezes o papel desempenhado pelos anciãos em

homicídios e outras disputas. Quando uma comunidade local age de modo cooperativo e é preciso liderança e conselhos, essas funções ficam com os mais velhos. Eles decidem quando as reuniões periódicas devem ser feitas e onde devem ser formados os acampamentos, negociam casamentos, aconselham quanto a questões de exogamia, realizam sacrifícios, e assim por diante. Suas opiniões sobre tais questões são prontamente aceitas pelos homens mais jovens, que pouco participam da discussão, a menos que estejam diretamente envolvidos no assunto. Quando os mais velhos discordam, há muita discussão e gritaria, pois toda pessoa que deseja falar, o faz com tanta freqüência e em voz tão alta quanto quer. As palavras de alguns dos anciãos contam mais do que as palavras de outros, e pode-se observar facilmente que as opiniões deles em geral deparam com a concordância de todos.

Estes mais velhos são membros de conjuntos etários centrais, na atualidade os *Maker* e *Dangunga*, pois os membros dos conjuntos mais velhos, os *Thut* e *Boiloc*, não participam muito da vida pública. Discutimos, no Cap. 6, as relações entre os conjuntos etários. Aqui ressaltamos apenas que não existe uma autoridade constituída dentro de cada conjunto, tendo todos os membros uma mesma condição, e embora os membros dos conjuntos mais jovens respeitem os dos conjuntos mais velhos, a autoridade dos homens velhos é pessoal, muito indefinida e baseia-se numa analogia com as relações domésticas dentro da família. O comportamento entre os indivíduos é influenciado pela distância entre eles dentro do sistema de conjunto etário, mas os conjuntos etários não constituem uma instituição política no sentido de um sistema que tenha uma organização administrativa, militar ou judiciária.

A idade, só por si, não atribui a um homem uma posição social. Ele deve ter outras qualificações. Os mais velhos com maior influência são os *gaat twot*, os filhos dos touros. Um homem desses é chamado *tut*, touro, e em sentido estrito isso equivale a *dil*, aristocrata tribal. Como se explicará amplamente no Cap. 5, um *dil* é um membro do clã dominante em cada tribo e, em virtude dessa sua qualidade, tem, nessa tribo, uma posição social levemente superior. Este clã não constitui uma classe governante e o prestígio elevado de seus membros é muito indefinido. O sistema de clãs não tem liderança hereditária; uma linhagem mais velha não se coloca acima das outras; não existe um "pai do clã"; e não existe um "conselho dos mais velhos do clã". *Tut* é também usado num sentido mais amplo, referindo-se aos homens de posição social que não pertencem ao clã dominante mas a outras linhagens que há muito tempo estão domiciliadas na tribo. Neste sentido mais amplo, de "homem de boa posição" ou "líder social", um *tut* é um descendente de uma linhagem importante, o cabeça de sua própria família, e

senhor de sua casa e seu rebanho. Geralmente, é também o sobrevivente mais velho da família de seu pai e, portanto, também o cabeça da família conjunta, o senhor da aldeia. Para obter uma reputação social, deve possuir também um número suficiente de vacas para poder sustentar hóspedes e atrair os parentes jovens para residir em seu estábulo. Ao redor da casa desse homem dispõem-se as casas de seus irmãos e filhos casados e, muito freqüentemente, as casas dos maridos de suas irmãs e de suas filhas. Para ser um líder social, cuja opinião é prontamente acatada, deve ser também um homem de caráter e habilidade.

A autoridade de um *gat twot* ou *tut wec*, "touro do acampamento" como é freqüentemente chamado, nunca é formal. Não tem uma condição definida, poderes ou esfera de liderança. Linhagem, idade, a condição de mais velho na família, maior número de filhos, alianças por casamento, riqueza em gado, proezas como guerreiro, habilidade oratória, caráter e, freqüentemente, poderes rituais de algum tipo, tudo isto se combina para produzir uma personalidade social de destaque que é encarada como cabeça de uma família conjunta e de um aglomerado de parentes cognatos e por afinidade, encarado como líder na aldeia e no acampamento, e uma pessoa importante na vaga esfera social que chamamos de distrito. É fácil de perceber, numa aldeia ou acampamento, quem são seus líderes sociais, e são essas pessoas que fornecem à administração a maior parte dos chefes governamentais, pois a influência do chefe da pele de leopardo restringe-se principalmente ao âmbito de suas funções rituais e somente se ele for também *gat twot* é que ele terá influência para além destes limites.

No entanto, quando indagamos de que maneira um *tut* atua como líder em sua comunidade, é difícil obter a resposta. Como homem principal de sua família e da família conjunta, ele assume um lugar de destaque na resolução dos assuntos desses grupos, mas nem por isso pode-se dizer que tenha uma autoridade política, pois estes grupos domésticos atuam independentemente dos outros na aldeia, embora algum tipo de coordenação se imponha a eles em virtude de suas exigências comuns. A conselho de seu *tut*, uma família conjunta decide mudar de acampamento e espera-se que o *tut* crave as primeiras estacas no novo acampamento, se ele está presente, mas as outras famílias conjuntas do mesmo acampamento podem decidir mudar-se apenas no dia seguinte. A liderança numa comunidade local consiste na decisão de um homem influente em fazer alguma coisa e em ser seguido pelas pessoas das outras aldeias de acordo com suas conveniências. Quando os membros da aldeia cooperam entre si, não há líder designado para organizar suas atividades. Se alguns membros de uma aldeia são atacados, os outros correm em sua ajuda, chefiados pelo mais esperto e mais

corajoso, mas não existe uma pessoa que os conclame a assim agir ou que organize sua resistência. Uma aldeia é uma unidade política num sentido estrutural, mas não tem organização política. Não existe um cabeça ou líder investido com alguma autoridade que simbolize sua unidade, e tampouco nenhum conselho da aldeia. Além de seus grupos domésticos, um *tut* só tem autoridade em sua aldeia apenas na medida em que assume um papel preponderante nas questões de procedimento e outras discussões. Fora de sua aldeia, é uma pessoa muito conhecida, geralmente respeitada em seu distrito, mas sem uma posição política.

Em grupos mais amplos que o acampamento e a aldeia, há bem menos coordenação de atividades e menos oportunidades para lideranças. Apenas em tempos de guerra existe alguma cooperação direta prolongada. Os homens notáveis por suas proezas e habilidade provocam entre os jovens o entusiasmo por uma investida contra os Dinka ou uma luta contra outra seção da tribo, e dirigem as táticas simples utilizadas, mas estes homens não têm uma posição política nem uma liderança permanente. Os guerreiros mobilizam-se em divisões locais esco-lhidas por eles mesmos, pois não existem regimentos e companhias sob o comando de oficiais, e, na luta, seguem o mais atrevido e o mais corajoso dentre eles mesmos. Alguns destes guerreiros obtêm renome e sua reputação rapidamente atrai recrutas para tais investidas. Dois dos mais famosos líderes de guerra eram Latjor, que conduziu as tribos jikany, e Bidit, que conduziu os Lou, em direção a leste. Nenhum deles tinha qualquer qualificação ritual, mas eram ambos homens de destacada habilidade e membros dos clãs dominantes de suas tribos. Os Nuer não dizem se estabeleceram algum controle político ou mesmo se tiveram muita autoridade em suas tribos. O papel dos profetas na guerra será examinado posteriormente. Entre segmentos tribais não há atividades conjuntas que requiriram organização e direção.

XII

A ausência de órgãos de governo entre os Nuer, a ausência de instituições legais, de liderança desenvolvida e, em geral, de vida política organizada é notável. O estado por eles formado é um estado por parentesco e acéfaló, e somente através de um estudo do sistema de parentesco é que se pode compreender como se mantém a ordem e como se estabelecem e se conservam as relações sociais em amplas áreas. A anarquia ordenada em que vivem combina muito bem com seu caráter, pois é impossível viver entre os Nuer e conceber a existência de pessoas que os governem.

O Nuer é produto de uma educação árdua e igualitária, é profundamente democrático e facilmente levado à violência. Seu espírito turbulento considera toda limitação aborrecida e ninguém reconhece um superior. Riqueza não faz diferença alguma. Um homem com muito gado é invejado, mas não tratado de modo diferente do de alguém com pouco gado. O nascimento não faz diferença alguma. Um homem pode não ser membro do clã dominante de sua tribo, pode ser mesmo de descendência dinka, mas se alguém aludir a esse fato correrá o grave risco de receber um tacapão.

O fato de que todo Nuer se considera tão bom quanto seu vizinho é evidente em todos os seus movimentos. Pavoneiam-se como se fossem os senhores da terra, coisa que de fato se consideram. Não existe senhor e servo em sua sociedade, apenas iguais que se consideram a mais nobre das criações de Deus. O respeito de um pelo outro contrasta com seu desprezo por todos os outros povos. Entre eles mesmos, a mais leve suspeita de uma ordem irrita a pessoa e ela, ou não a executa, ou a executa de um modo casual e demorado que é mais insultante que uma recusa. Quando um Nuer quer que alguém lhe faça alguma coisa, pede um favor a um parente, dizendo: "Filho de minha mãe, faça isto e aquilo", ou inclui a si mesmo na ordem, dizendo: "Partamos". "Que as pessoas voltem para casa", e assim por diante. Em seu relacionamento diário com seus companheiros, um homem demonstra respeito pelos mais velhos, por seus "pais" e por certas pessoas de condição ritual, dentro do circuito de sua referência, na medida em que não incomodem sua independência, mas não se submeterá a qualquer autoridade que entre em choque com seus interesses e não se considera obrigado a obedecer a ninguém. Uma vez eu estava discutindo os Shilluk com um Nuer que havia visitado a terra deles, e ele observou que: "Eles têm um grande chefe, mas nós não. Esse chefe pode mandar buscar um homem e pedir uma vaca, ou pode cortar a garganta de um homem. Quem já viu um Nuer fazer isso? Quem já viu um Nuer aparecer quando alguém mandou buscar por ele ou quem já viu um Nuer pagar uma vaca a alguém?".

Descobri no orgulho do Nuer uma fonte inesgotável de surpresas. É tão notável quanto sua indiferença e reticência, já descritos como os Nuer interrogam minhas perguntas. Menciono aqui três incidentes típicos do modo cavalheresco com o qual me trataram. Numa ocasião indaguei qual o caminho para um certo lugar e fui deliberadamente enganado. Voltei magado para o acampamento e perguntei às pessoas por que me haviam indicado o caminho errado. Um deles respondeu: "Você é um estrangeiro, por que deveríamos apontar o caminho certo? Para um Nuer que nos fosse estranho e que perguntasse pelo caminho, nós diríamos 'Continue em frente por aquele caminho', mas não lhe diríamos que o caminho se bifurca mais adiante. Por que deveríamos dizer? Mas agora você é membro de nosso acampamento e é amável com nossas crianças, portanto no futuro lhe mostraremos o caminho certo".

Nesse mesmo acampamento, ao final de minha estada, quando eu estava doente e estava sendo removido de vapor, pedi às pessoas que carregassem minha barraca e meus pertences para a margem do rio. Recusaram-se, e eu e meu criado, um jovem Nuer, tivemos de fazer tudo nós mesmos. Quando lhe perguntei por que estavam tão rudes, respondeu: "Você lhes disse para levar suas coisas para o rio. Foi por isso que recusaram. Se você lhes tivesse dito 'Filhos de minha mãe, ajudem-me' não teriam recusado".

Uma ocasião, alguns homens me deram informações sobre suas linhagens. No dia seguinte esses mesmos homens me visitaram e um deles me perguntou: "Você acredita no que lhe contamos ontem?" Quando respondi que havia acreditado caíram na risada e chamaram os outros para vir e se divertir também.

Então um deles disse: "Escute, o que lhe contamos ontem não tem sentido. Agora vamos contar a verdade". Poderia relatar muitas outras histórias assim.

Os Nuer têm sido corretamente descritos como ríspidos, e muitas vezes são grosseiros e bruscos entre si mesmos e especialmente com estrangeiros. Mas se são aborrecidos sem uma sugestão de superioridade não recusam amizade, e no infortúnio e na doença se mostram amáveis e gentis. Em momentos assim permitem-se demonstrar uma simpatia que seu orgulho outras vezes esconde, pois mesmo quando um Nuer aprova alguém não pode suportar que se perceba isso e tornam-se ainda mais truculentos para ocultar sua amizade. Nunca se mostram bajuladores ou servis. Quando um Nuer quer um presente, ele o pede diretamente e, se você recusa, ele continua de bom humor. O único teste de caráter deles consiste em saber se alguém se agüenta por si só. Quanto mais se vive seu tipo de vida e quanto mais se aceita seus valores, mais se sobe na estima dos Nuer.

Se se deseja viver entre os Nuer, deve-se fazê-lo nas condições deles, o que significa que se deve tratá-los como uma espécie de parente, e então eles nos tratarão como uma espécie de parente. Direitos, privilégios e obrigações são determinados por parentesco. Ou uma pessoa é um parente, ou de fato ou por ficção, ou é uma pessoa com a qual não se mantém obrigações recíprocas e neste caso é tratada como um inimigo em potencial. Todos numa aldeia e distrito são parentes, de um modo ou de outro, nem que seja por assimilação lingüística, de modo que, exceto com relação a um andarilho sem casa e desprezado, um Nuer só se associa com pessoas cujo comportamento para com ele se faz sobre o padrão do parentesco.

Parentes devem ajudar-se mutuamente, e se se tem um excedente de algum bem, deve-se dividi-lo com os vizinhos. Por conseguinte, Nuer algum tem sobra. Mas o europeu tem excedentes e se seus pertences são de alguma utilidade para os Nuer, deve dividi-los, na opinião deles, com as pessoas com quem está vivendo. Viajantes muitas vezes comentaram que os Nuer os aborreceram com pedidos de presentes. Mas fazem os mesmos pedidos entre si com a mesma persistência. Não se espera que Nuer algum divida seu gado ou sua propriedade doméstica, e a não ser em circunstâncias especiais, ninguém fará pedidos desse tipo. Mas se um homem possui várias lanças ou enxadas ou outros objetos desse tipo, inevitavelmente ficará sem parte deles. Deng, um chefe do governo e um homem de posição, me contou, quando eu estava deixando sua aldeia no rio Pibor, que ele estava agradecido pelas lanças de pesca que eu havia distribuído entre seus parentes, mas acrescentou que não poderiam ficar com elas quando seus parentes de Fadoi viessem passar no Pibor a próxima estação das secas.

O único modo de ter tabaco entre os Nuer é negar que se tem tabaco e mantê-lo bem escondido. Quando dei a Deng um bom pedaço de tabaco anank, ele conseguiu pôr um pouquinho em seu cachimbo, mas de imediato teve de distribuir o que restou. Quando dava tabaco a jovens em Yakwar, eles geralmente ficavam com um pouco para cheirar e pediam-me que escondesse o resto, de modo que pudessem voltar e pegar mais quando quisessem sem que se soubesse que tinham fumo. Eu tinha esconderijos por toda minha tenda. Nuer algum resiste a pedidos de tabaco por parte de seus parentes. Companheiros da mesma idade e pedidos de tabaco por parte de seus parentes. Companheiros da mesma idade nem mesmo pedem tabaco: se o encontram no estábulo de alguém, simplesmente se apossam dele. Meu próprio sistema era dar logo na primeira oportunidade tudo aquilo que eu possuía e que os Nuer podiam desejar, e ficar depois na pobreza e em paz. Os mercadores árabes são quase levados à loucura com os pedidos que os Nuer fazem de presentes, mas geralmente falam bem o nuer e têm um conhecimento considerável dos hábitos nuer, de modo que conseguem agüentar e esquivar-se dos pedidos. Não obstante, verifiquei que se dá presentes mesmo quando não se espera nenhuma compensação.

Os Nuer são muito firmes a respeito de seus direitos e posses. Tomam com facilidade, porém dão com dificuldade. Esse egoísmo deriva de sua educação e da natureza das obrigações de parentesco. Uma criança logo aprende que,

para manter-se em pé de igualdade com seus pares, ela deve resistir sozinha a todo abuso sobre sua pessoa e sua propriedade. Isto significa que se deve estar sempre preparado para lutar, e sua disposição e habilidade em fazer isto são as únicas proteções de sua integridade como pessoa livre e independente contra a anarquia e a opressão de seus parentes. Estes o protegem contra os estrangeiros, mas deve resistir a suas exigências por si só. As exigências feitas a uma pessoa em nome do parentesco são incessantes e imperiosas, e o Nuer resiste a elas ao máximo.

XIII

Algumas lembranças pessoais e impressões gerais foram registradas na seção anterior a fim de que se compreenda quais são os sentimentos do Nuer a respeito da autoridade. É por isso que é notável o fato de se submeterem tão facilmente a pessoas que dizem possuir certos poderes sobrenaturais. Os fetiches são de introdução recente na terra nuer e inspiram muita apreensão entre eles, de modo que nos últimos anos os que os possuem muitas vezes ganharam muito prestígio em suas aldeias e se fizeram temidos em seus distritos e, ocasionalmente, mesmo em amplas seções tribais. Estes possuidores de fetiches, no entanto, não são de modo algum líderes tribais, e não se podem comparar em importância social aos profetas.

Devido ao fato de os profetas nuer terem sido focos de oposição ao governo, eles caíram em desgraça e os mais influentes estavam detidos ou escondidos durante minhas visitas à terra nuer de forma que não pude fazer observações mais detalhadas a respeito de seu comportamento³. Sem discutir as categorias religiosas dos Nuer, pode-se dizer que um profeta é um homem possuído por algum dos espíritos do céu, ou deuses, que os Nuer consideram como filhos do Deus-Céu. Os Nuer têm muito respeito por estes espíritos e os temem, e seguem facilmente os que são possuídos por eles. Por conseguinte, os profetas conquistaram uma santidade maior e uma influência mais ampla do que qualquer outra pessoa na sociedade nuer. Um profeta é conhecido como *gak* e às vezes designado por *cok kwoth*, família de Deus. Participa também da categoria geral do *gwan kwoth*, possuidor de um espírito.

O primeiro profeta a ter conseguido grande influência parece ter sido Ngundeng, que morreu em 1906. Pertencia à tribo lou do clã GAATLEAK, e era um imigrante da região Jikany oriental. Tinha se exercitado como chefe da pele de leopardo antes de adquirir renome como profeta através de prolongados jejuns e outros comportamentos erráticos, através de sua habilidade para curar a esterilidade e a doença, e através de suas profecias. Mulheres vinham até ele, de

3. O governo sempre viu com maus olhos os profetas, e sempre se opôs a sua influência. Ver algumas referências pejorativas a eles em Jackson, *op. cit.*, pp. 90-91; Fergusson, apêndice a Jackson, p. 107; C.A. Willis, "The cult of Deng", *S.N. and R.*, v. xi, 1928, p. 200.

toda a região lou, das tribos jikany orientais e mesmo da região ocidental do Zeraf e do Nilo, para que as tornasse férteis. Muitas traziam bois que Ngundeng sacrificava a Deng, o Deus-Céu que o possuía. Ele então as untava com sua saliva. Quando o sarampo ameaçava os lou, ele se punha a combatê-lo e a deter seu avanço através de sacrifícios de bois. Previu epidemias de gado e outros acontecimentos, e conduziu expedições contra os Dinka.

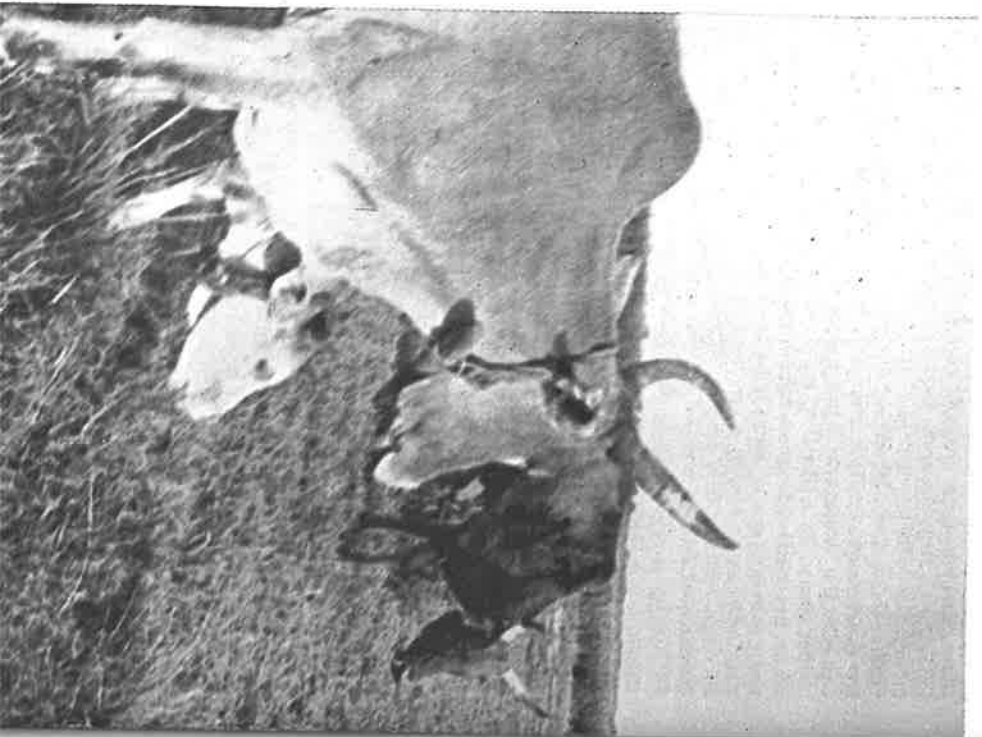
Quando Ngundeng morreu, o espírito de Deng finalmente entrou em seu filho Gwek, que começou a fazer profecias e a curar esterilidade e doenças, como seu pai havia feito. No entanto, nunca demonstrou as qualidades patológicas de seu pai, que parece ter sido um psicótico genuíno. O espírito de Deng havia passado por cima de seus irmãos mais velhos, ou não havia permanecido muito tempo neles. Os Nuer dizem que um espírito eventualmente retorna para a linhagem do homem que ele primeiro possuiu, ainda que uma geração ou duas depois, e o receptor escolhido torna-se cliente da entrada em seu corpo por meio de uma séria doença seguida de delírio. Os Nuer comuns, especialmente quando jovens, não querem ser possuídos, e parece que geralmente é uma pessoa normal a primeira a ser possuída, enquanto é sobre o mais ambicioso de seus filhos que recai seu manto, pois este parece acolher de boa vontade essa posseção, embora não se submeta a jejuns para obtê-la. Gwek foi morto por forças governamentais em 1928. Outro famoso profeta, Dlu ou Dengleaka, da tribo gaawar, era um Dinka capturado que se predisps a adquirir um espírito através de jejuns e da solidão. Mais tarde conseguiu fama e poder através de campanhas bem sucedidas contra os Dinka, cuja região seus seguidores ocuparam, e contra os escravagistas árabes. Como Ngundeng, ele possuía a reputação de realizar milagres. Dengleaka morreu em 1908 e seu filho Dwal ficou possuído pelo espírito do Deus-Céu Dlu. Atualmente, é um prisioneiro político. O único profeta que encontrei, Buom, da região Dok, era possuído pelo espírito de um Deus-Céu, Teeny. Era considerado egoísta e ganancioso por seus vizinhos, e foi hábil o suficiente para conseguir ser aceito como um chefe do governo. Demonstrou demasiada ambição, no entanto, e agora está no exílio. Profetas muito conhecidos, em outras partes da terra dos Nuer, eram Mut (dos Gaajak orientais), Kulang (na parte ocidental da terra dos Nuer) e outros.

Uma rápida referência deve ser feita à notável pirâmide erigida por Ngundeng e continuada por Gwek na seção *runyok* da tribo lou. Tinha entre 50 e 60 pés de altura, com enormes presas de elefante plantadas ao redor da base e no vértice. A fotografia da Il. XXV, tirada em 1901 pelo Dr. Crispin, mostra a pilhada de presas de marfim, o tipo de material de que era construída e o desgaste da base em virtude da ação das chuvas. Foi demolida pelas forças governamentais em 1928. O material utilizado em sua construção consistia em cinzas, terra e restos de materiais extraídos dos acampamentos de gado. As pessoas vinham de todas as partes da região lou e da jikany oriental, trazendo bois para sacrifício, a fim de ajudar na construção. Os Nuer dizem que foi construída em honra do Deus-Céu Deng e para glória de seu profeta Ngundeng. Não há dúvida alguma de que o culto de Deng tinha origem dinka e provavelmente a ideia de uma pirâmide veio da mesma fonte. Além da famosa pirâmide lou, diz-se que há uma menor em Thoc, na região Jikany oriental, construída por um profeta chamado Deng, filho de Dul.

Os Nuer são unânimes em afirmar que esses profetas constituem um acontecimento recente. Dizem que Deng desceu do céu em época recente — dentro dos limites da memória viva, de fato — e que foi o primeiro, ou praticamente o primeiro, dos Deuses-Céu a vir à terra. Dizem que nos tempos antigos não havia profetas; apenas os oficiais rituais antes mencionados. As anotações de viajantes europeus não são suficientemente explícitas para confirmar ou rejeitar tal afirmação. Poncet diz que,

II. XX:

Gado
em viagem (Lou).



em sua época, havia entre os Nuer pessoas ricas e importantes, honradas após a morte e que ele chama de *devins* ou *sorciers* e *jongleurs*⁴, e Brun-Rollet diz que os Nuer tinham uma espécie de papa, pelo qual nutriam uma veneração fantástico para ter algum ração, mas seu relato é demasiado fantasioso para ter algum peso⁵. Embora seja difícil de acreditar que não havia casos de pessoas possuídas há sessenta anos, na ausência de provas em contrário temos de aceitar a declaração unânime dos Nuer de que não havia posse pelos Deuses-Céu, e parece bastante verdadeiro o fato de que, se havia profetas nessa época, sua influência se limitava a pequenas localidades e não tinham a significação tribal dos tempos mais recentes. Há alguns indícios de que o desenvolvimento dos profetas nuer se relacione com a infiltração do madismo do norte do Sudão. Seja como for, não há dúvida de que poderosos profetas surgiram na época em que a intrusão árabe na terra dos Nuer estava em seu ponto culminante, e após a reconquista do Sudão eles se tornaram mais respeitados e passaram a ter mais influência do que qualquer outra pessoa entre os Nuer.

Consideramos, contudo, que o poder desses profetas, mesmo dos mais bem sucedidos, tem sido exagerado e que sua posição na tribo tem sido mal compreendida. Os primeiros oficiais do governo a penetrar em território lou observaram que Ngundeng era muito temido e respeitado e achavam que, se os Lou tinham de ser administrados, seria necessário entrar num acordo com ele ou removê-lo. No entanto, o filho dele, Gwek, não tinha o apoio de algumas seções da tribo contra o governo. Struvé, na época governador da província do Alto Nilo, relata que Dwal, filho de Diu tinha uma "autoridade bastante fraca" entre os Gaawar. Tive a impressão, em 1932, que Buom tinha muito maior poder na região Dok como chefe do governo do que tinha na época pré-governo como profeta. Tem-se a maldição de um profeta, mas a intervenção armada das forças do governo é uma sanção mais pesada. Buom estava tentando exercer funções judiciais sem precedentes e seu banimento não despertou a hostilidade popular, mas apenas um leve pesar. Não há provas válidas de que os primeiros profetas tenham sido mais do que pessoas com dons espirituais, cujos poderes rituais eram utilizados especialmente em tempo de guerra, embora pareça que alguns dos mais recentes tenham começado a resolver litígios, mas, ainda assim, em suas próprias aldeias e distritos. Entre todos eles, talvez apenas Gwek tenha sido o que chegou mais perto de exercer funções políticas e de impor sua autoridade fora de seu próprio distrito, mas a hostilidade entre tribos e entre segmentos de tribos tornou impossível o exercício de um controle pessoal.

4. Adivinhos, feiticeiros, ilusionistas. Poncet, *op. cit.*, p. 40.

5. Brun Rollet, *op. cit.*, p. 222.

As únicas atividades dos profetas que de fato podem ser chamadas de tribais eram as investidas promovidas contra os Dinka e a conclamação à oposição contra a agressão árabe e europeia; e é nestes atos que se vê a significação estrutural que tinham e a explicação de seu aparecimento e do aumento de sua influência. Todos os profetas importantes sobre os quais temos alguma informação obtiveram prestígio conduzindo investidas bem sucedidas contra os Dinka, pois estas incursões eram feitas em nome dos espíritos que prometiam ricas recompensas através dos profetas. Nenhuma incursão mais ampla foi empreendida sem a permissão e a liderança dos profetas, que recebiam insultos dos Deuses-Céu, em sonhos e transes, a respeito do momento e do objetivo do ataque, e freqüentemente os profetas acompanhavam os combatentes em pessoa e realizavam sacrifícios antes das batalhas. Ficavam com parte do saque e, em certa medida, supervisionavam a partilha do restante. Os guerreiros cantavam hinos de guerra aos Deuses-Céu antes de começar suas incursões, e os sacrifícios que faziam através dos profetas eram considerados como garantia de um bom saque e da segurança pessoal.

Pela primeira vez, uma única pessoa simbolizou, embora em grau moderado e de um modo predominantemente espiritual e não institucional, a unidade da tribo, pois os profetas são figuras tribais. Mas eles têm uma significação maior, pois sua influência estendeu-se para além das fronteiras das tribos. Gwek tinha muita influência nos Gajok, e diz-se que em virtude dela os Lou e os Gajok durante algum tempo pagaram indenizações pelos homicídios ocorridos entre eles. Sua influência chegou até os Gaagwang Orientais e os Gajak. Dengleaka tinha influência semelhante no vale do Zeraf, especialmente entre os Thiang. Alguns dos profetas nuer ocidentais tinham renome entre tribos vizinhas, que se uniam para incursões sob a direção de seus espíritos. Eles não constituíam um mecanismo na estrutura tribal, como os chefes da pele de leopardo, mas eram os pivôs de federações entre tribos adjacentes e personificavam o princípio estrutural da oposição em sua expressão mais ampla, a unidade e homogeneidade dos Nuer contra os estrangeiros. É provável que a coalizão entre tribos e a organização de incursões conjuntas se devia amplamente aos profetas — embora não se possa ter certeza disto na ausência de registros históricos — e fez deles figuras importantes e poderosas entre os Nuer. Esta interpretação explica como é que os profetas começaram a existir há meio século ou, de qualquer modo, passaram nessa época para um primeiro plano. Algumas mudanças estruturais estavam então ocorrendo em resposta a condições modificadas: o desenvolvimento de funções mais puramente políticas do que quaisquer outras exercidas anteriormente por um indivíduo e de um maior grau de unidade entre tribos vizinhas do que tinha havido até

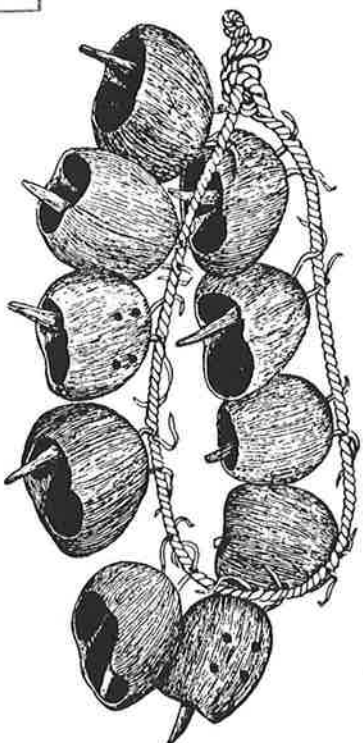
então. Como os Deuses do céu passavam, com a morte do profeta, para os filhos deste, justifica-se sugerir o crescimento da liderança política hereditária que, com a poderosa tendência para uma federação entre tribos adjacentes, atribuímos à nova ameaça árabe-europeia. A oposição entre os Nuer e seus vizinhos sempre tinha sido em termos de seções tribais. Eles eram confrontados agora por um inimigo mais poderoso e comum. Quando o governo esmagou os profetas, esta tendência foi contida. A nosso ver, os profetas opunham-se inevitavelmente ao governo porque tinha sido esta oposição existente no povo que tinha levado a seu aparecimento e que estava personificada neles.

XIV

Tentamos demonstrar como a distribuição depende da ecologia e como as linhas de clivagem política tendem a seguir a distribuição com relação aos modos de subsistência. Mas as considerações ecológicas apenas nos ajudam a compreender alguns traços demográficos das tribos e segmentos tribais nuer, e não a natureza de suas relações estruturais. Estas só podem ser compreendidas em termos de certos princípios estruturais e tentamos isolar estes princípios, embora reconhecamos que não a um nível muito profundo de análise. Os pontos principais que estebelemos são a seguir resumidos.

1. Os Nuer atribuem valores à sua distribuição geográfica e estas valorizações fornecem-nos unidades sócio-espaciais e relacionam estas unidades num sistema.
2. Em todas estas unidades é evidente a tendência para a fragmentação em segmentos opostos, e também a tendência para a fusão desses segmentos com relação a outras unidades.
3. Quanto menor for o segmento, maior será a coesão, e é por esta razão que existe um sistema segmentário.
4. O sistema político dos Nuer somente pode ser entendido com relação a toda a estrutura da qual outros povos participam e, do mesmo modo, o caráter de todas as comunidades nuer deve ser definido através de suas relações com outras comunidades da mesma ordem dentro do conjunto do sistema político.
5. O sistema social é bem mais amplo do que as esferas das relações políticas concretas e atravessa-as.
6. Os valores políticos dependem de mais coisas além das relações residenciais. As relações políticas podem ser isoladas e estudadas independentemente de outros sistemas sociais, mas são uma função específica de todo o conjunto das relações sociais. Estas são fundamentalmente do tipo baseado no parentesco, e a organização de relações por parentesco em relações políticas em certas situações é um de nossos maiores problemas.
7. As relações estruturais entre as tribos nuer e outros povos e entre tribo e tribo são mantidas através da instituição da guerra, e as relações estruturais entre segmentos da mesma tribo são mantidas pela insti-

tução da disputa. 8. Não existe administração central, sendo o chefe da pele de leopardo um agente ritual cujas funções devem ser interpretadas em função do mecanismo estrutural da disputa. 9. A lei é relativa à distância estrutural entre as pessoas e não tem a mesma força nos diferentes conjuntos de relações. 10. As novas condições da intrusão árabe-européia provavelmente causaram o desenvolvimento dos profetas, com funções jurídicas embrionárias, e uma maior solidariedade intertribal.



SBD / FFLCH / USP

5. O Sistema de Linhagens

I

Muitas das características dos clãs e das linhagens nuer pertencem ao estudo do parentesco que esperamos fazer num volume subsequente. Aqui serão discutidos apenas aqueles caracteres que são estritamente relevantes para o sistema territorial. Começaremos, entretanto, com uma definição formal de clã, linhagem e parentesco. O clã nuer é o maior grupo de agnatos que traçam sua descendência a partir de um ancestral comum, entre os quais está proibido o matrimônio e cujas eventuais relações sexuais são consideradas incestuosas. Não é meramente um grupo não diferenciado de pessoas que reconhecem seu parentesco agnático comum, como alguns clãs africanos, mas sim a estrutura genealógica altamente segmentada. Referimo-nos a esses segmentos genealógicos de um clã como sendo suas linhagens. O relacionamento existente entre qualquer membro de uma linhagem e outro membro dela pode ser colocado, com exatidão, em termos genealógicos, e, portanto, também o relacionamento existente entre ele e membros de outras linhagens do mesmo clã pode ser traçado, dado que o relacionamento de uma linhagem com outra é conhecido genealógicamente. Um clã é um sistema de linhagens, e uma linhagem é um segmento genealógico de um clã. Pode-se falar de todo o clã como uma linhagem, porém preferimos falar de linhagens como segmentos dele e defini-las como tais. Como alternativa, pode-se falar de uma linhagem enquanto grupo agnático cujos membros estão ligados genealógicamente, e de um clã enquanto sistema de tais grupos, sendo o sistema, entre os Nuer, um sistema genealógico.